

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

LUANA SILVIA A. M. S. NOGUEIRA

***BULLYING* NA MÍDIA: PERCEPÇÃO DE
ALUNOS SOBRE PROGRAMAÇÕES TELEVISIVAS
E AÇÕES NA ESCOLA**

PRESIDENTE PRUDENTE
JULHO/2014

LUANA SILVIA A. M. S. NOGUEIRA

***BULLYING NA MÍDIA: PERCEPÇÃO DE
ALUNOS SOBRE PROGRAMAÇÕES TELEVISIVAS
E AÇÕES NA ESCOLA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP, na linha de pesquisa “Processos Formativos, Diferenças e Valores”, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Suzana De Stefano Menin

PRESIDENTE PRUDENTE
JULHO/2014


FICHA CATALOGRÁFICA

N712b Nogueira, Luana Silvia Augusta Marcíria dos Santos.
Bullying na mídia : percepções de alunos sobre programações
televisivas e ações da escola / Luana Silvia Augusta Marcíria dos Santos
Nogueira. - Presidente Prudente : [s.n.], 2014
118 f.


Orientador: Maria Suzana de Stefano Menin
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de
Ciências e Tecnologia
Inclui bibliografia

1. Mídia televisiva. 2. Adolescentes. 3. Mediação. I. Menin, Maria
Suzana de Stefano Menin. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de
Ciências e Tecnologia. III. Título.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. MARIA SUZANA DE STEFANO MENIN
(ORIENTADORA)



Profa. Dra. CLAUDIA MARIA DE LIMA
(UNESP/SÃO JOSÉ DO RIO PRETO)



Profa. Dra. LUCIENE REGINA PAULINO TOGNETTA
(UNESP/ARARAQUARA)



LUANA SILVIA AUGUSTA MARCÍRIA DOS SANTOS NOGUEIRA

PRESIDENTE PRUDENTE (SP), 03 DE JULHO DE 2014.

RESULTADO: aprovada

Dedico esta pesquisa à pessoa que me ensinou sobre um amor que ultrapassa o entendimento e a compreensão humana, àquela que torna meus dias mais felizes e a quem tenho o prazer de educar, oferecendo-lhe o melhor de mim, todos os dias, minha linda

Isabela.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a **Deus** que, em toda sua grandeza, fortaleceu-me e capacitou-me com a sabedoria que vem do alto para que eu chegasse até aqui.

Não posso deixar de destacar minha gratidão à minha orientadora, professora doutora **Maria Suzana De Stefano Menin**, uma pessoa que usa sua formação para compartilhar conhecimento, motivar desafios com a sensibilidade que só alguém capaz de olhar o outro com respeito, solidariedade, justiça e cooperação, valores tão necessários para a convivência humana, poderia fazê-lo.

Agradeço também às professoras doutoras **Luciene Regina Paulino Tognetta e Cláudia Maria de Lima** pelas preciosas contribuições a esta pesquisa, ao olharem para esta investigação como uma possibilidade de entender, ainda que um pouquinho, as percepções dos adolescentes.

Deixo aqui registrado meu agradecimento aos **professores, funcionários e alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação da FCT/ Unesp** pelas oportunidades de aprender das mais diversas formas em disciplinas, discussões e momentos de reflexão.

Também quero deixar registrados meus sinceros agradecimentos à minha família, em especial, minha mãe **Silvia dos Santos Nogueira** e minha irmã **Analu Roberta A. M. S. Nogueira**, por acreditarem em mim durante toda a vida e terem sempre uma palavra de motivação para que eu seguisse em frente.

Minha gratidão ainda ao meu tão especial e generoso companheiro **Danilo Silingowski Pereira** que, com sua paciência, colaboração e esforço proporcionou-me momentos de paz e tranquilidade nas longas horas dedicadas a esta investigação.

Quero ainda agradecer a **Elisabeth Silingowski Pereira** e ao **Adalberto Lopes Pereira**, meus queridos sogros e grandes amigos, os quais me proporcionaram as condições e oportunidades para realizar esta pesquisa tão significativa para mim.

Por fim, em acreditar que, ajudando ao próximo, estamos nos permitindo evoluir, também, agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma contribuíram para que eu realizasse este tão sonhado objetivo.

“Quem aprende liberdade não fica violento. Fica alegre, vendo as asas crescerem... Assim todo professor, ao ensinar, teria de perguntar: ‘Isso que vou ensinar é ferramenta? É brinquedo?’ Se não for é melhor deixar de lado. As estatísticas oficiais anunciam o aumento das escolas e o aumento dos alunos matriculados. Esses dados não me dizem nada. Não me dizem se são gaiolas ou asas. Mas eu sei que há professores que amam o voo dos seus alunos. Há esperança.”

(Trecho do texto ‘Gaiolas ou Asas?’ de Rubem Alves)

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de Mestrado em Educação vinculada ao Programa de Pós-Graduação da FCT/ Unesp na linha de pesquisa “Processos Formativos, Diferença e Valores”. Traz uma abordagem sobre “*bullying* na mídia televisiva”, sendo que esse tipo de violência tem sido amplamente pesquisado no Brasil, nos últimos anos, em consequência da sua ocorrência nas relações entre crianças e jovens, especialmente no espaço escolar. Por se tratar de um assunto de interesse também da mídia, o tema tem sido pauta de diversas programações exibidas na televisão, evidenciado, principalmente, casos que resultem em grandes tragédias. Contudo, observamos que há poucos estudos relacionados a *bullying* cujo enfoque seja sua exibição na mídia televisiva. Assim, afirmamos a relevância desse objeto de estudo e propomos esta pesquisa com o intuito de analisar o que os adolescentes compreendem sobre o que é veiculado na televisão a respeito de *bullying* e como isso pode influenciar suas concepções relativas a práticas na escola sobre prevenção e combate a esse fenômeno. Para tanto, em um primeiro momento, realizamos um aprofundamento teórico acerca do tema, e, posteriormente, aplicamos questionário a adolescentes de quatro escolas do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), sendo duas públicas e duas particulares. Após a coleta de dados, analisamos o material, categorizamos as respostas e as interpretamos qualitativamente, com base em autores que estudam *bullying* (AVILÉS, 2006, 2013; FANTE, 2005; FANTE; PEDRA, 2008; PEREIRA, 2009; TOGNETTA, 2005, 2013; entre outros) e, ainda, pesquisadores que tratam sobre mídia televisiva e/ ou suas mediações (DANTAS, 2008; GOMES, 2004; GOMIDE, 2009; MARTÍN-BARBERO, 1992, 2009; RANGEL, 2010; entre outros). Após análise dos questionários, realizamos grupos focais para identificar, pela visão dos alunos, quais as práticas de prevenção e combate realizadas nos ambientes escolares, e suas possíveis relações com casos veiculados na mídia. Consideramos que a televisão é fonte de informação aos adolescentes; entretanto, pelo processo de mediações, cada estudante pode compreender o fenômeno exibido na mídia de maneira diferente. De forma geral, os alunos participantes da pesquisa reconhecem que a escola aborda o *bullying* a partir de cenas exibidas nas programações televisivas, mas que, segundo eles, essa abordagem não provoca efeitos no sentido de prevenir ou conter o fenômeno. Diante disso, faz-se necessário um trabalho efetivo de conscientização dos prejuízos causados por essa prática por meio da (re)construção de valores, considerando que o ambiente escolar seja um espaço democrático no qual os alunos possam participar das decisões e ajudar a resolver situações como o *bullying*, sendo a mídia-educação uma possibilidade para promover estas discussões e provocar reflexões acerca do tema.

Palavras-chave: *Bullying*. Mídia televisiva. Adolescentes. Mediações.

ABSTRACT

The present work is a study of Master in Education linked to the Graduate Program of FCT / UNESP in the research line "Formative Processes, Difference and Values". It brings a discussion about "*bullying* in television media", being this type of violence widely researched in Brazil in recent years as a result of its frequency in the relations between children and adolescents, especially at school. Because it is a subject of media interest as well, it has been the subject of various tariff schedules displayed on television, evidencing mainly cases that result in big tragedies. However, we observe that there are few studies related to *bullying* whose focus is its display on the television media. Thus, we affirm the relevance of this subject matter and propose this research in order to analyze what adolescents understand about what is displayed on television about *bullying* and how it can influence their conceptions regarding practices in school about preventing and combating this phenomenon. For this, at first, we conducted a theoretical study on the subject, and subsequently, we applied questionnaire to adolescents from four Secondary School (from 6th to 9th grade), being two public and two private schools. After collecting data, we analyzed the material, categorized the responses and interpreted qualitatively, based on authors who study *bullying* (AVILÉS, 2006, 2013; FANTE, 2005; FANTE; PEDRA, 2008; PEREIRA, 2009; TOGNETTA, 2005, 2013; among others) and also researchers who deal with television media and/ or its mediations (DANTAS, 2008; GOMES, 2004; GOMIDE, 2009; MARTÍN-BARBERO, 1992, 2009; RANGEL, 2010; among others). After analyzing the questionnaires, we conducted focal groups to identify, through the students' views, what are the practices of prevention and combat conducted in school environments, and their possible relations with cases aired in the media. We believe that television is a source of information to adolescents; however, through the mediation process, each student can understand differently the phenomenon that appears on the media. Overall, the participating students of the research recognize that the school approaches *bullying* from scenes shown in television, but, according to them, this approach does not cause effects to prevent or contain the phenomenon. Therefore, an effective work of awareness of the damage caused by this practice is necessary through the (re)construction of values, considering that the school environment is a democratic **one where** students can take part on the decisions and help solving problems like *bullying*, since education-media is a possibility to promote these discussions and to bring light on the issue.

Key words: *Bullying*. Television Media. Adolescents. Mediations.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de respondentes por ano e tipo de escola.....	57
Tabela 2 – Categorias e número de respostas dos alunos das escolas públicas A e B e das escolas particulares C e D – 6º e 7º anos sobre o significado de <i>bullying</i>	57
Tabela 3 – Categorias e número de respostas dos alunos da escola pública A e B – 8º e 9º anos e das escolas particulares C e D sobre o significado de <i>bullying</i>	60
Tabela 4 – Categorias e número de respostas dos alunos das escolas públicas e particulares – 6º e 7º anos sobre descrição de reportagens ou outras programações assistidas.....	63
Tabela 5 - Categorias e número de respostas dos alunos das escolas públicas e particulares – 8º e 9º anos sobre descrição de reportagens ou outras programações assistidas.....	68
Tabela 6 – Categorias e número de respostas dos alunos das escolas públicas e particulares – 6º e 7º anos sobre outras reportagens ou outras programações assistidas.....	70
Tabela 7 - Categorias e número de respostas dos alunos das escolas públicas e particulares – 8º e 9º anos sobre outras reportagens ou outras programações assistidas.....	72
Tabela 8 - Categorias e número de respostas dos alunos das escolas públicas e particulares – 6º e 7º anos sobre outros relatos acerca do fenômeno.....	74
Tabela 9 - Categorias e número de respostas dos alunos das escolas públicas e particulares – 8º e 9º anos sobre outros relatos acerca do fenômeno.....	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 BULLYING: UM FENÔMENO A SER COMPREENDIDO	14
1.1 Conceito de <i>bullying</i>	14
1.2 Entendendo o <i>bullying</i>	15
1.3 <i>Cyberbullying</i>	20
1.4 Ações de prevenção e combate ao <i>bullying</i>	22
1.5 Consequências do <i>bullying</i>	28
2 BULLYING E MÍDIA	31
2.1 Mídia e TV – Programações Televisivas e suas Mediações.....	33
2.2 Violência e televisão.....	40
3 METODOLOGIA	50
4 RESULTADOS: QUESTIONÁRIOS APLICADOS A ADOLESCENTES	56
4.1 Resultados dos questionários aplicados em escolas públicas e particulares.....	56
4.2 Análise comparativa entre grupos de diferentes anos escolares.....	78
5 RESULTADOS: FALAS DE ALUNOS NOS GRUPOS FOCAIS	83
5.1 <i>Bullying</i> na mídia e o fenômeno na escola – possíveis relações feitas por adolescentes	84
5.2 A visão dos alunos sobre práticas escolares de prevenção e enfrentamento ao <i>bullying</i>	89
5.3 Contribuições da mídia-educação: uma possibilidade para a escola tratar sobre o <i>bullying</i>	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
ANEXOS	109
Anexo 1 – Parecer do Conselho de Ética em Pesquisa da FCT/ Unesp	110
APÊNDICES	114
Apêndice A – Questionário aplicado aos estudantes de Ensino Fundamental II.....	115
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Alunos	116
Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Responsáveis	118

INTRODUÇÃO

O *bullying* é uma forma de violência que sempre esteve presente em espaços com relações humanas, inclusive na escola. A escola é o primeiro grande meio de interação social ao qual a criança está exposta em seus relacionamentos externos ao convívio familiar. Esse meio, que tem o papel de estabelecer de forma saudável aprendizagem, laços de amizade, e valores como o respeito mútuo, também pode se tornar sinônimo de medo, insegurança, hostilidade, violência; se, entre as pessoas que convivem nele, houver a prática do *bullying*.

Contudo, podemos dizer que são recentes as pesquisas que tratam desse fenômeno como objeto de estudo. Por outro lado, tal temática tem sido motivo de debate entre diversos pesquisadores e percebemos que, nos últimos anos, tem ganhado muita repercussão na mídia, principalmente, quando o *bullying* resulta em grandes tragédias.

Como meu percurso profissional iniciou-se com a formação em Comunicação Social, habilitação em jornalismo; e, durante anos, atuei como repórter em uma emissora de televisão, pude compreender melhor os processos de produções de notícias. Simultaneamente, trabalhei como professora e coordenadora de cursos ligados às áreas de Comunicação Social, no ensino superior. Posteriormente, assumi a coordenação de uma escola particular, onde passei a observar melhor a convivência entre adolescentes em sua rotina escolar. Tais experiências me despertaram o interesse em participar de um grupo de pesquisa da FCT/ Unesp em que se estudavam Valores, Educação e Formação de Professores, e no qual se abordavam questões ligadas à convivência no ambiente escolar.

Ao observar as repercussões da mídia televisiva no ambiente escolar sobre reportagens de *bullying* e as discussões realizadas entre professores e alunos a respeito do tema nos projetos interdisciplinares da escola em que atuamos, percebemos que o *bullying* é assunto recorrente nesses ambientes de aprendizagem, o que me motivou a investigar essa relação entre a mídia televisiva, a escola e esse fenômeno. O interesse por esta investigação se deu, especialmente, por não conseguir encontrar na literatura respostas a minha hipótese de que apesar de serem exibidas tantas programações televisivas com este tema, e o assunto ser comentado no ambiente escolar, muitas vezes pelos próprios adolescentes, acreditamos que estas programações não são exploradas pela escola no sentido de discutir as abordagens feitas nos conteúdos das programações, buscando assim, promover a prevenção ou a contenção ao fenômeno.

Nesse contexto, outras questões para mim não eram claras como, por exemplo: Qual a compreensão dos adolescentes sobre *bullying*? Os mesmos estabelecem relações entre ao que

assistem na televisão acerca dessa temática e as situações vivenciadas na escola? O que mais chama a atenção dos adolescentes nas reportagens sobre o fenômeno a que os mesmos assistem? As reportagens vistas motivam-nos a procurar estratégias de prevenção ou contenção a esse tipo de violência no seu ambiente escolar? Essas e outras inquietações instigaram-me a propor esta pesquisa.

O objetivo dessa investigação é, sobretudo, analisar o que os adolescentes compreendem sobre o que é veiculado na televisão a respeito de *bullying* e como isso pode influenciar nas suas concepções relativas à prática, na escola, de prevenção e combate ao fenômeno. Vale destacar que o possível levantamento sobre essas práticas será a partir da visão dos adolescentes sobre o que a escola faz para enfrentar o *bullying*. Além disso, também nos propomos a atender aos seguintes objetivos específicos:

- investigar o que os adolescentes compreendem sobre o termo “*bullying*”;
- verificar o que os adolescentes destacam sobre *bullying* nas programações televisivas assistidas por eles e mencionadas;
- analisar as possíveis relações que os alunos estabelecem entre o *bullying* exibido na TV e os casos desse tipo de violência praticados no ambiente escolar;
- comparar se há diferenças relevantes entre relatos dos estudantes de escola pública e particular a respeito de suas concepções sobre o *bullying*, a fim de verificar se diferenças socioeconômicas influenciam no acesso a essa informação e nas concepções acerca desse fenômeno;
- confrontar possíveis diferenças de concepções entre estudantes pré-adolescentes (6º e 7º ano) e adolescentes (8º e 9º ano) sobre *bullying* com o intuito de verificar se a diferença de idade influencia na percepção sobre este tipo de violência;
- identificar práticas escolares de prevenção e combate ao *bullying* na percepção dos alunos, e averiguar se há relações entre essas práticas e os fenômenos apresentados na mídia televisiva.

Para atender aos objetivos estabelecidos, primeiramente, nos propusemos a realizar um levantamento bibliográfico sobre os estudos de *bullying* e mídia, com o intuito de melhor compreender o objeto de pesquisa, bem como verificar a posição de autores sobre essa

temática. Percebemos que poucos autores tratam dessa relação em seus estudos. Há aqueles que estudam o *bullying* e que, de certa forma, abordam a mídia, mas sem aprofundamento teórico e sem investigações empíricas. Além disso, planejamos aplicação de questionários e realização de grupos focais, a fim de identificar as reportagens sobre *bullying* a que os estudantes assistiram e as relações que os mesmos fazem com o *bullying* vivenciado no espaço escolar.

No primeiro capítulo, apresentamos a fundamentação teórica acerca da temática *bullying*, a qual elaboramos a partir da literatura, tanto na parte conceitual, quanto do ponto de vista das consequências e ações de enfrentamento ao fenômeno. Posteriormente, no segundo capítulo, abordamos mídia como objeto de estudo, a fim de compreender melhor suas implicações nas relações humanas e, em especial, com adolescentes, quando abordada sob a temática da violência em programações televisivas, cujo foco é a exibição de conteúdos relacionados ao *bullying*. O terceiro capítulo trata da metodologia da pesquisa, detalhando o caminho empírico percorrido, bem como os procedimentos adotados para tentar atingir aos objetivos propostos. No quarto capítulo, encontram-se os resultados das análises de questionários aplicados aos alunos de escolas públicas e particulares. O quinto capítulo traz as falas dos estudantes, coletadas nos Grupos Focais, e as análises destes dados. E, finalmente, expomos as considerações obtidas no decorrer da pesquisa.

Defendemos a importância desta pesquisa, uma vez que pode ampliar o campo de discussão a respeito de *bullying* e mídia. Nos dias de hoje, é cada vez mais comum, na mídia televisiva, a exibição de cenas de violências caracterizadas como *bullying* e/ou de atos decorrentes dessa prática. Compreendemos que os veículos midiáticos, principalmente a televisão, buscam despertar nos telespectadores certa credibilidade e identificação, e isso ocorre inclusive nos adolescentes, o que, conseqüentemente, em conjunto com outras relações estabelecidas no ambiente familiar, contexto escolar e outros espaços sociais, tratados como mediações, possam influenciar as suas opiniões e concepções sobre este fenômeno, o *bullying*.

Sobretudo, acreditamos que a pesquisa apresenta uma relevância social ao contribuir para o levantamento de estudos que propõem práticas de prevenção e combate ao *bullying*; e também aborda ações realizadas em espaços escolares para evitar ou enfrentar esse tipo de violência, evidenciando, assim, que é possível tratar do fenômeno no cotidiano educacional. Além disso, a pesquisa propõe uma reflexão sobre o uso de programações televisivas como uma ferramenta para a formação dos adolescentes a fim de aproveitar os conteúdos exibidos,

em especial aqueles que abordam o tema *bullying*, para uma análise crítica dos mesmos, como defendem os estudos relacionados à Mídia-educação.

1 *BULLYING*: UM FENÔMENO A SER COMPREENDIDO

Neste capítulo, abordamos os pressupostos teóricos acerca do tema *bullying*, com base em autores que têm realizado estudos e pesquisas a respeito dessa forma de violência tão presente nas relações interpessoais, principalmente, no ambiente educacional.

1.1 Conceito de *Bullying*

O termo *bully* é de origem inglesa e, trata-se de uma palavra composta cujo sentido traz a ideia de “tirano ou valentão”. No Brasil não se tem uma definição que caracterize toda a sua abrangência, isso porque o fenômeno se revela de maneira específica, o que o diferencia de outras formas de violência; ou seja, ao tratar de *bullying*, não podemos confundir-lo apenas com maus tratos ou intimidação.

Tognetta e Vinha (2008) apresentam o *bullying* a partir de características específicas: a ocorrência do fenômeno entre pares; a repetição, ou seja, ataques frequentes do autor sobre o alvo; a intencionalidade no sentido de desejar provocar danos e sofrimento; a aceitação por parte do alvo sobre o que os autores pensam dele, pois o mesmo, em muitos casos, se vê da maneira como é julgado pelo autor, o que o impede de reagir às agressões; e a presença do espectador, ou seja, do público que não só vê os ataques, mas também não se manifesta em defesa do alvo, pois esse seria o “oxigênio” que mantém a “chama” do *bullying* acesa, já que é por meio dos espectadores que o autor se mantém como alguém que exerce poder sobre os demais, e passa a ser temido.

Fante (2005, p. 28) traz o conceito sobre *bullying* em um contexto escolar, embora o fenômeno possa ocorrer em qualquer espaço onde haja relações entre pares:

[...] por definição universal, *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying* (FANTE, 2005, p. 28).

Especificamente no caso da escola, o *bullying*, muitas vezes, era confundido com atitudes infantis de provocação ou briga entre estudantes, o que não evidenciava a sua gravidade no sentido de provocar sérios danos a todos os envolvidos.

Sobre sua incidência no ambiente escolar, Avilés (2006, p. 82) apresenta o *bullying* como:

[...] lá intimidación y el maltrato entre escolares de forma repetida y mantenida em el tiempo, siempre lejos de la mirada de los adultos/as, com la intención de humillar y someter abusivamente a una víctima indefensa por parte do um abusón o grupo de matones a través de agresiones físicas, verbales y/o sociales con resultados de victimización psicológica y rechazo grupal (AVILÉS, 2006, p. 82).

As primeiras investigações sobre esse fenômeno deram-se na Suécia, na década de 1970; porém, estudos sistemáticos foram realizados a partir de 1983, após uma grande repercussão da mídia impressa norueguesa de três casos de suicídios de crianças que teriam sofrido maus tratos na escola por outras crianças, durante um longo tempo. Foi Dan Olweus, um pesquisador na Universidade de Bergen, na Noruega, quem criou os primeiros critérios para identificar o problema e diferenciá-lo de outras possíveis interpretações. As pesquisas desse estudioso mobilizaram o governo norueguês a criar uma campanha nacional de combate ao *bullying* que atingiu as escolas, as famílias e a mídia de modo geral. A repercussão dos estudos de Olweus atingiu vários países, tais como: Portugal, Inglaterra, Espanha, Estados Unidos, Japão, China, entre muitos outros (OLWEUS, 1995).

No Brasil, pesquisas sobre a violência escolar se iniciaram somente na década de 1990; contudo não se constatou registros do termo *bullying*, sendo que o mesmo só apareceu em 2005, a partir de Fante (2005), Lopes Neto (2005) e Seixas (2005).

1.2 Entendendo o *bullying*

Por se tratar de um tipo específico de violência, o *bullying* tem características próprias como a intenção de ferir, a frequência constante, a relação desigual de poder entre pares e, sobretudo, a ausência de valores que permitam que o autor, por exemplo, consiga se colocar no lugar do outro. Além disso, essa prática pode causar grandes sofrimentos, danos físicos e psicológicos em todos os envolvidos, conforme Fante (2005), Tognetta e Vinha (2008) e Tognetta (2010).

Lopes Neto (2005) afirma que o *bullying* pode ser decorrente de fatores econômicos, sociais e culturais, bem como do caráter de quem pratica, das relações interpessoais da família, escola e comunidade.

Antunes e Zuin (2008, p. 36) ressaltam que:

[...] tais fatores devem sim ser analisados, problematizados e interpretados, pois não basta mencioná-los. Assim os fatores individuais fazem referência ao desenvolvimento da personalidade neste ambiente, e os culturais, além de se referirem à sociedade que limita o desenvolvimento em uma direção específica, também se referem às condições objetivas da incidência dessa violência de uma pessoa para com a outra (ANTUNES; ZUIN, 2008, p.36).

Na prática de *bullying*, há envolvimento de pelo menos três sujeitos: o autor, o alvo e o espectador. O autor geralmente é mais forte que os colegas, tem um perfil agressivo, sabe articular as palavras, aproveitar-se das situações para expor seus alvos, é impulsivo, popular no grupo e gosta de dominar.

Praticantes de *bullying* buscam afirmação de poder interpessoal por meio de ações violentas e também para entrosamento no grupo onde se encontra e admiração do mesmo. Autores de *bullying* procuram estar em evidência e serem seguidos (LOPES NETO, 2005). Há, portanto, em autores de *bullying* falta de sensibilidade moral e hierarquia de valores invertida.

No ambiente escolar, autores de *bullying*, por vezes, apresentam desinteresse pelos estudos, baixo rendimento escolar e, geralmente, são indisciplinados e estão envolvidos em situações de descumprimento a regras.

Fante e Pedra (2008, p. 90) enfatizam que autores de *bullying* “podem introjetar a noção de que conseguem destaque e notoriedade social por meio de comportamentos autoritários, abusivos e violentos, o que pode conduzi-los ao caminho da delinquência e da criminalidade”. Entretanto, entendemos que estes autores também precisam de ajuda, uma vez que não conseguem compreender a gravidade dos seus atos diante do outro, necessitando serem vistos como pessoas que também sofrem e devem ser amparadas com acompanhamento para conseguirem ser capazes de desenvolverem em si próprios os valores morais necessários para convivência, com respeito, justiça, entre outros.

Sobretudo, quem sofre o *bullying* – o alvo, vive no seu cotidiano sucessivas situações de sofrimento, isso porque as ações contra ele não podem ser consideradas brincadeiras ocasionais, mas sim uma violência que o torna vitimizado, “fazendo a vida dessa criança ou adolescente parecer um inferno a seus olhos” (TOGNETTA, 2013, p. 49).

A caracterização de um alvo de *bullying*, de acordo com Pereira (2002) e Pizarro e Jiménez (2007), dá-se quando as provocações acontecem de forma constante e intencionalmente. Sobretudo, quando esses ataques ocorrem, no mínimo, de três a seis vezes, em um curto espaço de tempo.

Os alvos podem ser passivo ou provocativo. O alvo passivo é aquele que não reage às provocações repetitivas e sofre isoladamente as consequências da prática. É caracterizado pelo medo e falta de confiança em si mesmo.

Fante (2005, p. 72) destaca que este tipo de alvo apresenta:

[...] extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima e aspectos depressivos. [...] sente dificuldades de impor-se ao grupo, tanto física como verbalmente, e tem uma conduta habitual não agressiva, motivo pela qual parece denunciar ao agressor que não irá revidar se atacada e que é presa fácil para seus abusos (FANTE, 2005, p. 72).

De acordo com autores que estudam esse fenômeno, Tognetta e Vinha (2010) e Tognetta (2013), alvos de *bullying* podem acreditar na imagem que os agressores tentam passar sobre eles; pois, muitas vezes, “[...] as vítimas sentem-se diferentes pelas roupas que vestem, maneiras como se relacionam, pelas diferenças físicas ou psicológicas, trejeitos e, principalmente, por sentirem-se pouco seguros com relação ao respeito que nutrem por si mesmos” (TOGNETTA; VINHA, 2010, p. 488). Contudo, nem todos os alvos permanecem em situações de *bullying*, sendo que alguns não se intimidam com a prática, aceitam suas diferenças e conseguem ser mais autoconfiantes, não demonstrando medo dos autores.

Já o alvo provocativo retribui a agressão aos autores, com outras reações agressivas quando é atacado ou insultado; contudo, essas reações não são eficazes e não inibem os autores.

Vale ressaltar que é pouco comum que o alvo de *bullying* revele a situação vivenciada ou procure ajuda, por vergonha, por temer retaliações, ou por desacreditar nas atitudes favoráveis do adulto. Para Pereira (2009, p. 46) muitas vezes, “a vítima se sente impotente diante da descrença do adulto, quando ela denuncia os atos de agressões sofridas e o adulto não lhe dá a devida atenção”.

Além de alvo e autor, para que o fenômeno ocorra, é preciso ter expectadores que presenciem as agressões, pois o autor de *bullying* busca liderar o grupo e utiliza-se dessa prática de violência a fim de dominar o público que, por sua vez, concorda com estes atos, pois muitas vezes, tem medo de se tornar o próximo alvo (BANDEIRA, 2009; FANTE, 2005).

No ambiente escolar, geralmente, a maior parte dos alunos não se envolve de maneira direta neste tipo de ação violenta, procurando não interferir na situação por não saber como lidar, por medo ou mesmo esperando que o professor tome alguma atitude frente ao ocorrido (BANDEIRA; HULTZ, 2010).

Por outro lado, se ao testemunhar uma situação de *bullying*, os espectadores considerarem que tal violência não traz consequências aos autores, quem observa tal conduta talvez passe a praticar também. Em situações nas quais o fenômeno se apresenta, quando os envolvidos não são levados à reflexão sobre seus atos, os mesmos podem se tornar indiferentes aos sentimentos dos alvos, e isso não ocorre somente com o autor da ação, mas também com quem presencia esse tipo de violência (LOPES NETO, 2005; SCHULTZ et al, 2012).

Algumas pesquisas que estudaram o fenômeno e o relacionaram com as diferenças de gêneros relataram que a prática do *bullying* não ocorria de maneira igual entre meninos e meninas. Para adolescentes do gênero feminino, as formas de agressão geralmente se apresentavam de formas verbais ou psicológicas, mais sutilmente ou indiretamente. No caso dos meninos, isso poderia se dar na intimidação e no uso da força física, conforme Lisboa (2005) e Matos e Gonçalves (2009).

Em relação à maneira como os gêneros lidariam com essa prática, as meninas poderiam identificar-se mais com os alvos, expressando atitudes mais positivas no sentido de procurar ajudar a quem sofre esse tipo de agressão. Já os meninos pareceriam se identificar mais com os autores, utilizando-se de ações agressivas como empurrões, chutes, entre outros, conforme Bandeira (2009) e Bandeira e Hultz (2010).

No entanto, uma pesquisa realizada pela Plan (2009) com 5.168 alunos de escolas públicas e particulares, de várias regiões do país, sobre “*Bullying* no Ambiente Escolar” revelou que as formas de ataque entre meninos e meninas tem sido as mesmas, ou seja, entre as meninas também há, frequentemente, uso de força física.

Como todos os envolvidos nessa prática são pessoas que convivem nos mesmos ambientes e, muitas vezes, interagem entre si, como por exemplo, na sala de aula, é difícil para as autoridades identificarem o *bullying*. Isso ocorre já que os autores, na frente das autoridades, agem normalmente como se não provocassem sofrimento em seus alvos, para não serem descobertos. Além disso, o fenômeno também é confundido com brincadeiras ou “zoações” que ocorrem no ambiente escolar.

Fante e Pedra (2008, p. 9) destacam que:

O *bullying* é diferente de uma brincadeira inocente, sem intenção de ferir; não se trata de um ato de violência pontual, de troca de ofensas no calor da discussão, mas sim de atitudes hostis, que violam o direito à integridade física e psicológica e à dignidade humana. Ameaça o direito à educação, ao desenvolvimento, à saúde e à sobrevivência de muitas vítimas. As vítimas se sentem indefesas, vulneráveis, com medo e vergonha, o que favorece o rebaixamento de sua autoestima e a vitimização continuada e crônica (FANTE; PEDRA, 2008, p. 9).

Isso vai ao encontro das ideias de Schultz et al (2012), que defende a necessidade de diferenciar *bullying* de outras situações presentes no ambiente escolar, como por exemplo, brincadeiras coletivas que geram momentos de prazer no grupo, ou atos de indisciplina, agressividade, comportamentos antissociais, insubordinação, entre outros.

Esses atos, geralmente, acontecem de forma esporádica e não trazem consigo um caráter constante de intimidação, controle e domínio contra um indivíduo que, possivelmente, não consiga reagir. Autores de *bullying* promovem ações negativas sobre seus alvos, e essas ações podem ser de diferentes formas como insultos, humilhações, brigas e tortura psicológica, por exemplo. Frequentemente, podem combinar todas essas formas de maneira repetitiva (TOGNETTA; VINHA, 2008).

Em outro estudo, Tognetta e Vinha (2010) destacam que *bullying* trata-se de uma forma de violência entre pares sendo que não há desnível de poder entre os envolvidos. Isso significa que não caracterizaríamos como *bullying* uma forma de humilhação ou exposição de um professor sobre o aluno ou de pai para filho. Além disso, “[...] autores de *bullying* escolhem intencionalmente seus alvos e estes são exatamente aqueles que por razões psicológicas parecem concordar com a imagem que seus algozes querem fazer dele” (p. 4).

Por se tratar de pessoas que se sentem inferiorizadas em relação às demais, os alvos de *bullying* não procuram reagir, ou quando reagem, muitas vezes, não conseguem se libertar dessa prática. Outra dificuldade é que alvos desse fenômeno também podem ser vítimas em vários ambientes, uma vez que o *bullying* pode acontecer em diferentes contextos como nos clubes, nos locais de trabalho, nas famílias, nas escolas, em redes sociais, na internet, ou seja, onde existem relações interpessoais (FANTE, 2005).

Os comportamentos de *bullying* podem se dar de diferentes formas. Autores que estudam o tema apontam que o fenômeno apresenta-se por meio de: agressões físicas como bater, empurrar, tomar objetos; agressões verbais como dar apelidos ou insultar; e também de forma psicológica como causar medo, constranger, intimidar, fazer gozações, acusar injustamente, ridicularizar, etc.

Para Pereira (2009), as agressões verbais pela internet ou feitas diretamente são as que podem trazer mais prejuízos psicológicos aos alvos, sendo, ainda, as formas mais difíceis de serem detectadas. Segundo a autora (2009, p. 48), “[...] muito embora, etimologicamente a palavra violência envolva noção de força, são numerosos os estudos que consideram como violentas também as situações que não envolvem força”.

1.3 Cyberbullying

Nas últimas décadas, com a criação da internet e das redes sociais, novos casos de *bullying* têm ocorrido, utilizando-se desses recursos tecnológicos e de comunicação móvel ou fixa, com o intuito de provocar constrangimento aos alvos: é o *cyberbullying*.

Tognetta e Bozza (2012) buscam apresentar uma definição para o fenômeno.

Com o advento da tecnologia, no auge de um momento histórico, em que as formas de relações sociais entre as pessoas se tornam cada vez mais virtuais, essa mesma forma de violência atravessa as fronteiras da escola, ou mesmo do espaço familiar: o *cyberbullying*, um tipo de *bullying* virtual. (TOGNETTA e BOZZA, 2012, p. 18)

Essa prática pode acontecer com a utilização de mensagens de texto como emails, torpedos, blogs ou mesmo redes sociais com o objetivo de insultar, espalhar mentiras ou boatos envolvendo os alvos ou seus familiares, amigos e pessoas de seu meio profissional. Fotos e vídeos também são usados para denegrir a imagem dos alvos.

Devido à velocidade com que as informações se propagam, a exposição nesse tipo de prática ocorre rapidamente e ganha mais expectadores. Com essas publicações virtuais, os alvos do *cyberbullying* podem perder a privacidade.

Fante e Pedra (2008, p. 65) explicam que esta

[...] é uma forma de ataque perversa, que extrapola e muito os muros da escola, ganhando dimensões incalculáveis. A diferença está nos métodos e nas ferramentas utilizadas pelos praticantes, o *bullying* ocorre no mundo real, enquanto o *cyberbullying* ocorre no mundo virtual [...]. No *cyberbullying*, os agressores se motivam pelo “anonimato”, valendo-se de nomes falsos, apelidos ou fazendo-se passar por outras pessoas (FANTE; PEDRA, 2008, p. 65).

Como o autor consegue facilmente se esconder apresentando falsos nomes ou apelidos, no mundo virtual, isso dificulta sua identificação e traz para quem pratica esse tipo de *bullying* uma sensação de que não há regras, punição e nem julgamento moral sobre sua personalidade, o que o torna seguro para iniciar e continuar os ataques sem se preocupar com censura.

O *cyberbullying* é, muitas vezes, uma extensão do *bullying* praticado no espaço escolar, e as agressões podem continuar por um longo tempo depois do período de aula. O alvo, por sua vez, pode utilizar essa ferramenta virtual como vingança, ou seja, para reagir, também com ameaça, contra quem o ataca pessoalmente na escola, por exemplo, e/ ou para

intimidar outros indivíduos a fim de compensar a violência sofrida (AZEVEDO; MIRANDA; SOUZA, 2012).

Avilés (2013) aponta quatro campos de análise para esse fenômeno virtual: interpessoal, intrapessoal, intergrupar e contextual, que são processos relacionados à conduta dos autores de *cyberbullying*.

- **Interpessoal:** são as relações entre o sujeito que pratica o *cyberbullying* e seu alvo. Nesse campo há algumas características específicas como: a distância entre o autor e seu alvo, o que proporciona para quem pratica o *cyberbullying* uma certa segurança em agir; a acessibilidade, pois o alvo possui os recursos tecnológicos para ser atingido como perfil nas redes sociais ou telefone celular, por exemplo; e economia de exposição, que se trata do posicionamento estratégico do autor aos ataques, uma vez que o mesmo arrisca-se pouco, realizando suas ações a distância.
- **Intrapessoal:** refere-se à despersonalização do autor para atacar o alvo. O mesmo pode promover perfis falsos nas redes sociais, o que diminui a relação direta entre os envolvidos. Por conta disso, os alvos não têm como prever os ataques, e, portanto, tem menos possibilidades de evitá-los. Os autores, dessa forma, têm um distanciamento também das relações emocionais, pois acreditam que podem estar promovendo o sofrimento do alvo, mas não conseguem se sensibilizar. Isso faz com que os autores tenham comportamentos distintos em cada circunstância, podendo até não conseguir distinguir o mundo real do virtual.
- **Intragrupar:** trata-se de um campo de caráter coletivo, nas redes sociais, que pode se dar por chat, fórum, grupos de notícias, etc. Os indivíduos se comportam conforme as normas do grupo, geralmente, liderado por um mentor. Ao agir, coletivamente, os indivíduos se desinibem por conta da invisibilidade proporcionada pela ideia de pertencimento do grupo. O poder das ações coletivas e o sentimento de estar amparado pelos demais fazem com que haja uma necessidade de afiliação dos que estão próximos.

- Contextual: entende-se pela dimensão de engrandecimento da audiência que o mundo virtual proporciona, visto que pessoas que conheçam ou não o alvo, possam ter acesso às publicações expostas na rede. Outro fator difícil de controlar é o tempo de permanência dos ataques virtuais, pois dependem, muitas vezes, da iniciativa dos autores em retirar as informações ofensivas da rede. Por sua vez, a invisibilidade que esse meio proporciona, faz com que os expectadores não se sintam motivados a intervir, no sentido de procurar uma forma de interromper a violência virtual, já que podem alimentar a ideia de que ninguém precisa saber que o mesmo teve acesso às publicações.

Wendt e Lisboa (2013, p. 78) destacam que, diferentemente do *bullying*, “uma vítima de *cyberbullying* pode nunca saber o minuto quando será atacada novamente, pois a internet permite ao agressor recorrer à vítima de inúmeras formas e a qualquer momento”. Geralmente, o alvo de *bullying* sabe que será atacado na escola, enquanto que o alvo de *cyberbullying* pode receber mensagens a qualquer momento, inclusive enquanto estiver dormindo.

Contudo, independente de como o *bullying* ocorre, podemos afirmar que esse é um problema que merece atenção em função de sua gravidade, uma vez que causa danos não só aos alvos, mas a todos os envolvidos. Autores de *bullying*, por exemplo, também precisam de ajuda, pois mesmo sabendo que estão causando sofrimentos aos seus alvos, não se sensibilizam com eles. Pesquisadores que estudam o fenômeno, como Tognetta e Bozza (2012) e Tognetta (2013), afirmam que os autores de *bullying* possuem valores invertidos, acreditando mais na individualidade do que nas relações sociais, uma vez que carecem de sensibilidade moral. Por sua vez, o público que presencia tal violência também carece de ajuda visto que, na maior parte das vezes, não é capaz de se indignar diante das ações negativas dos autores sobre os alvos e se cala.

1.4 Ações de prevenção e combate ao *bullying*

Em qualquer ambiente onde haja relações humanas, as mesmas devem ser pautadas por valores como respeito, solidariedade, reciprocidade, entre outros. Quando nesses espaços,

convivem pessoas sem esta capacidade, a de se colocar no lugar do outro, e cujos valores são distorcidos, ações de violência como o *bullying* podem ocorrer.

Esse fenômeno é, portanto, suscetível em qualquer ambiente como no local de trabalho, na família, e em outros meios de convívio social, em especial a escola.

Enfatizando o ambiente escolar, por se tratar de um período marcante na vida dos indivíduos, e onde as relações entre pares são mais frequentes, compreendemos que esse espaço deve, além de proporcionar a aprendizagem de conteúdos importantes para o currículo dos estudantes, permitir, também, a construção de valores fundamentais para a vivência em sociedade, como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), na busca pela escola como um ambiente justo, cooperativo, respeitoso, a partir da abordagem transversal sobre Ética. E é justamente a ausência desses valores que pode motivar a prática do *bullying*, a qual precisa não apenas ser combatida, mas, sobretudo, prevenida.

Segundo Tognetta (2013, p. 54-55),

[...] prevenimos o *bullying* escolar quando proporcionamos momentos em que as crianças podem participar ativamente das decisões a serem tomadas, quando podem, num conflito entre pares, pensar na solução do problema que têm. Isso porque [...] os valores morais que tanto desejamos não são transmitidos e sim construídos, são vividos na experiência dos conflitos cotidianos em que se pode pensar sobre os problemas, ouvir os envolvidos que podem dizer com se sentem, que não gostam de serem violentados, ajudar aos meninos e meninas que carecem de sensibilidade moral, a se comover com o outro (TOGNETTA, 2013, p. 54-55).

Avilés (2013) também partilha dessa ideia e ainda defende que a comunidade educativa conheça as particularidades que caracterizam o *bullying* e que os professores tenham formação para lidar com essas situações, no sentido de ajudar seus alunos a enfrentarem os problemas vividos pela escola como protagonistas, sem enxergar, nos professores, barreiras para exporem o que se passa nesse ambiente. Para facilitar a descoberta de casos de *bullying*, o autor sugere também a implementação de questionários a serem aplicados aos alunos com o objetivo de se identificarem os casos de *bullying* existentes e, assim, agir sobre o problema. Avilés propõe que a organização de um ambiente, no qual se inibam ações de maus tratos, seja feita pelos professores com o apoio da gestão escolar.

Diante disso, Tognetta (2005, p. 2) defende que,

Tratar de *bullying* é abrir uma oportunidade de considerar um fenômeno muitas vezes escondido, porque infelizmente, os casos de *bullying* na maioria das escolas não são tratados do ponto de vista psicológico e do ponto de vista de sua especificidade; eles são tratados como indisciplina, incivilidade, como a quebra de uma norma ou regra pública que é da escola (TOGNETTA, 2005, p. 2).

A escola, portanto, deve ter um posicionamento no sentido de observar situações em que crianças e adolescentes possam estar expostos a casos de humilhação e outras formas de violência características do *bullying*.

O envolvimento de toda a comunidade escolar, também é fundamental, como defende Lopes Neto (2005, p. 169):

Envolvimento de professores, pais e alunos é fundamental para a implementação de projetos de combate ao *bullying*. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de *bullying*, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro (LOPES NETO, 2005, p. 169).

Considerando que a escola deva ser um ambiente capaz de proporcionar aprendizagem e também o desenvolvimento das relações sociais pautadas em valores como respeito, solidariedade, equidade, justiça, entre outros, partilhamos das ideias de Matos e Gonçalves (2009) que compreendem que nesse ambiente devam-se desenvolver “competências de vida”, uma vez que os adolescentes se encontram em um período em que deveriam adquirir autonomia, relações maduras e integridade pessoal.

Avilés (2013) propõe que os professores insiram o *bullying* em seus currículos escolares, no sentido de abordarem sobre essa temática na ação educativa, incentivando o trabalho em grupos cooperativos nos quais prevaleçam o espírito de equipe, de iguais, as iniciativas de tutorias, os debates, as análises de casos através dos exemplos, teatros, e para que se promovam momentos de resolução de conflitos pautados na ética. O pesquisador defende, sobretudo, que a escola promova ações de intervenção específicas com os indivíduos diretamente ligados ao *bullying*.

Tognetta (2013) vai além ao dizer que as escolas estão diretamente preocupadas com os problemas coletivos, com aquilo que possa ocorrer e ferir o que é de todos, sem, muitas vezes, observar as questões particulares, como o reconhecimento e o respeito de si mesmo. Portanto, ao se trabalharem questões como a participação dos alunos na tomada de decisões, no planejamento, nas sistemáticas de avaliação, promovem-se espaços que são pautados pela ética, o que segundo a autora é, na perspectiva da prevenção, vacina contra o *bullying*, e não remédio.

Como ações de intervenção, Pereira (2009) destaca algumas possibilidades como:

- Estratégias de currículo: utilização de literatura infanto-juvenil e vídeos para discussão a respeito do tema em sala de aula, de forma transversal.
- Envolvimento dos alunos pelos Círculos de Qualidade, que seriam observações feitas pelos próprios estudantes acerca de problemas.
- Vivência no ambiente escolar e a busca de soluções com a criação de regras estabelecidas pelos alunos, a fim de promover a responsabilidade coletiva no combate ao problema.
- Treino assertivo: preparar as crianças alvos de *bullying* para responderem de maneira firme as ameaças dos colegas, sem uso de violência, mas com confiança, trabalhando a autoestima das mesmas.
- Método da preocupação partilhada (Método Pikas): nessa modalidade sugere-se trabalhar com os autores de *bullying* de forma individual, solicitando aos mesmos sugestões de como resolver o problema, promovendo, assim, uma preocupação partilhada entre o professor que fará a intervenção com o autor de *bullying* para que o mesmo reflita sobre seus atos.
- Melhoramento dos recreios: promover atividades mais atrativas, de convivência em grupo, sob a supervisão de adultos que estejam atentos às relações de amizade entre crianças e adolescentes.
- Implemento da qualidade de supervisão: procurar trabalhar com os alunos no sentido de apoiá-los para que se estabeleça uma relação de confiança, não numa perspectiva de policiamento e punição e sim de cooperação e respeito mútuo.

Tognetta (2005) propõe para os autores de *bullying*, que se realizem conversas individuais no sentido de fazer com que o praticante desse tipo de violência reflita sobre seus atos. A autora também defende ações de prevenção pautadas em assembleias participativas, nas quais crianças e adolescentes possam pensar sobre os problemas que os afligem.

Stelko-Pereira e Williams (2012) afirmam que, apesar do alto índice de ocorrências de *bullying* no Brasil, há poucas intervenções avaliadas sistematicamente para combater tal prática. Uma dessas autoras, que realizou parte da pesquisa de doutorado no Austrália e investigou as práticas de prevenção e combate ao *bullying*, identificou um programa preventivo que tem sido realizado na América do Norte. Vale destacar que o contexto do

Austrália difere-se do brasileiro em questões culturais, educacionais, socioeconômicas, entre outras. Contudo, é importante observarmos estratégias realizadas em outros países, a fim de identificar ações e colaborar na divulgação das que forem possíveis de se realizarem também nas escolas do Brasil.

O programa que Stelko-Pereira e Williams (2012) destacam em seus estudos é nomeado como PREVnet e foi fundado, em 2006, em parceria com universidades Austrálicas e outras organizações, com financiamento de empresas privadas, entidades públicas, doações e venda de materiais. O objetivo é que todas as instituições que envolvam crianças e adolescentes se empenhem para enfrentar o *bullying* e para auxiliar com estratégias preventivas e de apoio aos envolvidos nessa prática.

Uma das estratégias do programa PREVnet é disponibilizar informações, a partir de resultados de pesquisas, para que crianças e adolescentes conheçam o fenômeno e suas implicações negativas. Além disso, trata-se de disponibilizar um número de telefone para denúncias; panfletos com orientações sobre o que fazer se o envolvido for autor, alvo ou testemunha; modelo de carta para que a criança ou adolescente relate a um adulto o que tem vivenciado; atividades para que os alunos possam sugerir na escola quando perceberem a ocorrência de *bullying* e vídeos de curta duração a cerca do fenômeno.

Outra estratégia é destinada aos pais. O programa visa, também, orientá-los sobre *bullying* e *cyberbullying* para que os mesmos saibam como proceder caso o filho esteja envolvido nesse tipo de prática. Há orientações de como os pais podem amparar a criança e o adolescente autor, o alvo ou expectador e, ainda, explicações sobre o que a escola tem feito para enfrentar esse tipo de violência.

E a outra estratégia é para que educadores e outros profissionais que convivam no ambiente escolar compreendam a importância do seu papel no combate a esse problema, uma vez que são referências para os alunos. O programa apresenta orientações e sugestões de atividades a serem realizadas com crianças e adolescentes como discussões, teatros, pesquisas, entre outras. Todos os envolvidos na rotina da escola respondem a um questionário para medir a dimensão do fenômeno nesse ambiente e identificar o quanto estão preparados para lidar com a ocorrência de casos.

O programa é avaliado anualmente tanto para verificar a eficácia das atividades propostas quanto para a prestação de contas aos parceiros envolvidos. Para Stelko-Pereira e Williams (2012), as estratégias utilizadas também podem ser aproveitadas para o enfrentamento do *bullying* no Brasil.

Em Lisboa, Portugal, outra ação de intervenção usada para combate ao *bullying* também foi objeto de pesquisa. Trata-se de um programa realizado em 2006, por uma equipe de saúde escolar com médicos, enfermeiros e psicólogos que faziam um trabalho de visita e acompanhamento nas unidades de ensino. Aplicou-se um questionário e realizaram-se conversas informais com estudantes de 5º e 6º ano, professores e funcionários de uma escola pública localizada na área central da capital portuguesa. Com a análise dos dados coletados, puderam ser observadas situações de *bullying* envolvendo autores, alvos e expectadores entre os alunos, o que resultou na criação de um programa antiviolença (MENDES, 2010).

O programa foi incluído no Projeto Educacional da escola e sua ação inicial foi a formação de oito professores responsáveis pela disciplina de Formação Cívica. O objetivo foi orientá-los de como trabalhar em sala de aula para a prevenção e redução da violência. Realizaram-se três reuniões de pais, contudo apenas 5% das famílias compareceram. Com os estudantes, foram 18 semanas de trabalho, cujas ações de sensibilização ocorriam nas aulas de Formação Cívica.

Conforme Mendes (2010), com a identificação de alvos, os mesmos foram encaminhados a psicólogas que acompanhavam o programa e foram orientados com a técnica de treino assertivo, o que permitiu instruí-los de como se defender dos ataques sofridos pelos autores. Aos estudantes que praticavam o *bullying*, os métodos utilizados foram de aconselhamento como estratégias de resolução de conflitos e a técnica de preocupação partilhada, a fim de sensibilizá-los quanto ao sofrimento do alvo.

O programa estruturado para atender à realidade daquele contexto escolar, segundo Mendes (2010) apresentou uma redução nos casos de violência e, em especial, de *bullying*. Por outro lado, não identificamos, na pesquisa, nenhuma orientação clara direcionada às testemunhas ou expectadores de casos de *bullying*. As iniciativas descritas apontam intervenções específicas para alvos e autores, apenas. Entretanto, compreendemos que é plausível esse tipo de iniciativa, pois percebemos uma preocupação em enfrentar o fenômeno, o que mostra inclusive que é possível realizar um trabalho nesse sentido.

Embora pesquisas, acima citadas, apontem ações realizadas como sugestões para o enfrentamento do *bullying*, é preciso compreender que não há uma fórmula pronta para resolver o problema. Isso porque cada contexto exige uma ação diferenciada. Muitas vezes, são criadas medidas que levam esse tipo de violência ao âmbito judicial, com projetos de leis, disque denúncia e uso da força policial nos espaços escolares para intimidação. Entretanto, entendemos que é necessário compreender o *bullying* como um fenômeno social que deve ser

tratado sob as relações humanas, envolvendo medidas psicopedagógicas e de prevenção, que levem em conta os aspectos sociais e psicológicos acima de qualquer ação punitiva (FREIRE; AIRES, 2012).

Lopes Neto (2005, p. 169) defende que

Todos os programas anti-*bullying* devem ver as escolas como sistemas dinâmicos e complexos, não podendo tratá-las de maneira uniforme. Em cada uma delas, as estratégias a serem desenvolvidas devem considerar sempre as características sociais, econômicas e culturais de sua população. [...] O fenômeno *bullying* é complexo e de difícil solução, portanto é preciso que o trabalho seja continuado. As ações são relativamente simples e de baixo custo, podendo ser incluídas no cotidiano das escolas, inserindo-as como temas transversais em todos os momentos da vida escolar (LOPES NETO, 2005, p. 169).

Acreditamos, sobretudo, que os envolvidos na prática de *bullying* não tenham sua moralidade autônoma desenvolvida, no sentido de conseguir se colocar no lugar do outro e se sensibilizar com o sofrimento vivido pelo alvo, como também apontam Tognetta e Rosário (2013) após a realização de uma pesquisa sobre *bullying* cuja abordagem foi a respeito das dimensões psicológicas no desenvolvimento moral.

Partindo dessa ideia, compreendemos que a escola precisa ser um ambiente pautado em valores como respeito, justiça, solidariedade, amizade, generosidade, entre outros. Para tanto, faz-se necessária uma educação de valores que envolva toda a comunidade escolar, não no sentido de uma disciplina específica, mas que perpassasse em todos os momentos educacionais, principalmente quando detectados conflitos interpessoais (MENIN, 1996, 2002; VINHA, 2003).

Contudo, muitas vezes, a escola não reconhece a presença do *bullying* em suas relações sociais ou não age diretamente para tentar resolver tais casos. Quando ações de prevenção e contenção não são realizadas, todos os envolvidos podem sofrer de diferentes maneiras.

1.5 Consequências do *bullying*

Acreditamos, baseados nos estudos de Lopes Neto (2005), que a violência, mais especificamente o *bullying*, é uma das formas que mais ganham destaque no período da adolescência e tem como palco principal a escola. Esse tipo de ação traz consequências imediatas e a longo prazo para todos os envolvidos.

Como esse tipo de violência é orquestrado de forma a despertar no alvo sentimentos de impotência e inferioridade, o mesmo pode provocar traumas psicológicos graves. Algumas pessoas conseguem superar os traumas vivenciados a partir das relações sociais, principalmente, com a família. Contudo, isso depende das características de cada indivíduo, sendo que muitos não superam a violência vivida e, conseqüentemente, sofrem por toda a vida.

Alvos de *bullying* na infância podem se tornar adultos inseguros, complexados, infelizes, ansiosos, apáticos, descrentes em si próprios e nos outros. Sentimentos de vingança e a prática de atos de violência extrema como homicídios em massa e até suicídio podem ser cometidos por alvos de *bullying*. Outra consequência que pode aparecer é o desinteresse pelos estudos ou problemas no processo de aprendizagem. Isso porque, temendo novas humilhações, os alvos, muitas vezes, não expõem suas opiniões, não tiram dúvidas durante as aulas, não procuram ajuda de autoridades e crescem com essas defasagens ou desistem de seguir os estudos (CONSTANTINI, 2004).

Podemos ainda dizer, amparando-se nas ideias de Fante e Pedra (2008), que alvos de *bullying* estão mais suscetíveis a serem estressados e a desenvolverem sintomas psicossomáticos diversificados como dores de cabeça, vômito, diarreia, taquicardia, pesadelos, entre outros. E esses sintomas podem desencadear outras doenças como gastrite, úlcera, obesidade, bulimia, rinite, etc. Os autores acreditam também que os mesmos tendem a se isolar dos demais, e a se fechar para relacionamentos, o que dificulta a interação social e o desenvolvimento profissional.

As consequências podem ser mais danosas aos alvos; contudo, autores de *bullying* também trazem consigo desvios psicológicos que podem acarretar dificuldades em espaços como: para se inserir e se relacionar socialmente e afetivamente, para respeitar a lei, para solucionar seus problemas, para ter um autocontrole, entre outros. Além disso, os agressores têm maior probabilidade de se envolverem com a criminalidade e, muitas vezes, solucionam seus problemas na força.

Já os espectadores, mesmo não sofrendo diretamente as agressões, podem se sentir inseguros, incomodados ou mesmo traumatizados pelo sofrimento do outro. O temor de ser o próximo alvo também inibe sua participação em sala de aula, por exemplo. Preocupados em serem motivo de humilhação, os espectadores evitam fazer perguntas sobre determinados conteúdos escolares e não tiram dúvidas. Do ponto de vista da convivência em sociedade, Fante (2005, p. 94) defende que muitos espectadores são “acometidos de certa inércia social e

indiferença ao sofrimento do outro, pela banalização da própria violência e até mesmo sua validação”.

A família também pode sofrer quando um de seus pertencentes estiver vivenciando um caso de *bullying*. Os pais ou responsáveis podem adquirir um sentimento de culpa e incapacidade por não terem agido antes do ocorrido, tanto para que o filho não se envolvesse quanto no sentido de oferecer suporte em meio às dificuldades enfrentadas pela criança ou adolescente alvo ou autor de *bullying*, ou também por não saberem como combater esse fenômeno. Isso pode afetar os familiares no trabalho e nas relações pessoais. Os prejuízos também podem ser apresentados nas questões financeiras, uma vez que o envolvido pode necessitar de diferentes apoios como psicológicos, educacionais, jurídicos e sociais (LOPES NETO, 2005).

Diante de algumas das consequências que o *bullying* pode provocar, as quais apresentamos acima, acreditamos que os danos causados pelo fenômeno podem atingir todos que convivem onde essa prática de violência ocorre.

Defendemos, portanto, que a escola deveria ser um ambiente seguro e saudável, onde as crianças e adolescentes pudessem se desenvolver intelectualmente e socialmente, para isso

[...] não se pode admitir que sofram violências que lhes tragam danos físicos e/ ou psicológicos, que testemunhem tais fatos e se caleem para que não sejam também agredidos e acabem por achá-los banais ou, pior ainda, que diante da omissão e tolerância dos adultos, adotem comportamentos agressivos (LOPES NETO, 2005, p. 165).

Por fim, neste capítulo procuramos compreender o fenômeno presente de forma frequente no ambiente educacional e cujas implicações envolvem toda a comunidade, pois, além dos muros da escola, o mesmo pode ganhar força em outros meios como pela internet, acarretando problemas incalculáveis. Por se tratar de um tipo de violência que, em casos extremos, provoca grandes tragédias, notamos que a mídia, e mais especificamente a televisão, tem dado visibilidade a esse assunto em suas programações.

No próximo capítulo, abordaremos a mídia, os programas televisivos e a violência exibida, e mais especificamente o *bullying* para verificar, por meio da literatura que aborda esses temas, como o fenômeno é apresentado e como os adolescentes o compreendem.

2 BULLYING E MÍDIA

Percebemos, na literatura sobre *bullying* no Brasil, que há poucos estudos sobre mídia que apresentem a sua influência a partir da exibição desse tipo específico de violência. Contudo, grandes tragédias provocadas em razão do fenômeno têm sido amplamente divulgadas pelos diferentes meios de comunicação e, em especial, a TV.

A respeito de mídia e violência, notamos, muitas vezes, que a exposição desse tema na televisão, é feita de maneira parcial, normativa e com o conceito pronto, “fechado”, sendo a violência, então, “representada como uma substância e a ação violenta como valor, ocultando o seu caráter relacional” (MONTORO, 2001, p. 23). Ainda segundo a autora:

No plano do discurso visual, percebemos que o tratamento informativo oferecido nas reportagens é mediado por angulações originais, câmeras subjetivas, e o constante uso do som ambiente, forte fator de verossimilhança e elemento básico da tessitura dramática do espetáculo de imagens e metáforas de violência nos telejornais. (MONTORO, 2001, p. 24).

Com a utilização de tais recursos, Fante e Pedra (2008) destacam que as coberturas jornalísticas sensacionalistas evidenciam, em grande parte, apenas as reações de pessoas que, como forma de tentar acabar com o sofrimento que vivenciaram como alvos de *bullying* no passado, provocaram grandes tragédias. Contudo essas cenas de grande repercussão, exibidas em programações variadas, não mostram as diferentes formas de maus-tratos nas quais o *bullying* se apresenta e que tantos prejuízos trazem aos envolvidos, sendo coberturas superficiais, o que é uma característica dessas programações.

Assim, como apresentam Njaine e Minayo (2004), a imprensa não dá muita visibilidade às situações das vítimas, com exceção de grandes tragédias, pois enfatiza mais o agressor e a sua ação violenta.

Além disso, Moura et al (2011, p. 4) aponta que “a mídia não leva em consideração as testemunhas, não reconhece que os agressores também têm necessidade de tratamento psicológico e dão ênfase apenas ao fato em si, pouco se aprofundando no contexto em que ocorre o *bullying*”.

Brasiliense (2012), ao analisar a maneira como os meios de comunicação realizam suas coberturas sobre tragédias provocadas pelo *bullying*, defende que, nessas coberturas, são realizados discursos vazios, apenas de comoção social sem grandes reflexões. Geralmente, as reportagens descrevem as ações agressivas, apresentam seus culpados e expõem os desdobramentos desses acontecimentos, a fim de procurar justificativas para o ocorrido.

Como não se aprofundam nos motivos pelos quais tais situações ocorrem, a tragédia ou mesmo o *bullying* acabam sendo esquecidos pela audiência e o fenômeno só é retomado quando há outros casos de grande repercussão.

Para manter a audiência, as programações televisivas, muitas vezes, espetacularizam as cenas de violência e, até mesmo, utilizam a dramaturgia, nas quais, segundo Montoro (2001, p. 25)

Tudo são cenários em que dominam a dimensão hiper, representações repetitivas e familiares em que se banaliza e estetiza a violência dentro de uma virtualidade em que tudo que é notícia tem que ter imagem: os detalhes pessoais das vítimas, os objetos que usavam, os instrumentos utilizados pelos agressores, o rosto embebido em sangue. A representação se impõe como referência imediata e se atualiza nas ofertas de realidade que o discurso icônico da violência produz e reproduz (MONTORO, 2001, p. 25).

Complementando a ideia exposta acima, Baccega (2001, p. 10) explica que a escolha dos assuntos abordados em televisão é pautada pensando-se na espetacularização, ou seja, com o objetivo de escolher “fatos que possam ser, eles próprios, verdadeiros espetáculos de imagens, de emoções construídas, de resgate de sentimentos muitas vezes ocultados pelo público e que encontram espaço, desse modo, para se expandirem”. Entendemos, no entanto, que a *espetacularização* não se trata de um fenômeno exclusivo da comunicação, mas da sociedade, e complementando essa ideia, no que diz respeito às mídias, os assuntos capazes de atrair grandes audiências são ainda mais ampliados e explorados.

Nesse sentido, ao assistir a programações televisivas sobre *bullying*, muitas pessoas não conseguem compreender que esta é uma forma de violência específica, não menos importante que outras, cujos danos podem ser irreversíveis. Concordamos com Minayo et al (1999, p. 142), quando diz que “a influência maior da mídia sobre violência social é no sentido da sua banalização”.

Entretanto, entendemos que esta mesma superficialidade apresentada pela mídia e suas estratégias de *espetacularização* das tragédias provocadas pelo *bullying* permitem, por outro lado, divulgar as situações ocorridas por meio deste fenômeno, no sentido de chamar a atenção de toda sociedade para algo que acontece no dia-a-dia e precisa ser prevenido e contido.

2.1 Mídia e TV – Programações Televisivas e suas Mediações

Para compreender como as informações transmitidas pela mídia televisiva são processadas pelo indivíduo, é preciso, antes, entender as mediações que envolvem esse processo. Primeiramente, é importante conceituar o termo televisão, cujo meio de comunicação de massa teve sua implantação no Brasil, na década de 1950, como uma mídia cujas características se diferenciam das demais. Além de trazer o som e imagens, a televisão, segundo Rangel (2010, p. 101)

[...] é diferente de outras mídias também pela sua produção em massa centralizada de um conjunto coerente de imagens e mensagens produzidas para a população como um todo e em seu uso relativamente ritualístico e não seletivo da maioria dos telespectadores (RANGEL, 2010, p. 101).

A programação exibida na TV, geralmente, é pautada a partir de interesses comerciais, cuja busca é atingir grandes públicos. Os diferentes programas são destinados a públicos específicos, levando em conta o horário a ser exibido a partir das características da audiência (SIGNORIELLI, 1990; TONDATO, 2004).

Ainda, podemos dizer que a televisão, no Brasil, pauta sua programação para atingir públicos de ambos os sexos, idades, classes sociais e culturais distintas. Acima de tudo, faz-se necessário que a mesma norteie-se a partir de um ponto específico, embora não direcionada a um único telespectador (MARTINS, 2009).

Nesse sentido, Tondato (2004, p. 79) explica que, para o telespectador a “recepção não se dá apenas pela aceitação de uma sequência de programação, organizada a partir da repetição e intercalação de gêneros, é preciso que os textos, conteúdos desses gêneros sejam lidos e aceitos”.

Notamos que essa aceitação da televisão é algo muito presente na sociedade uma vez que esse meio de comunicação se tornou uma das principais fontes de informação, sendo que o conteúdo exibido pela mesma atinge populações heterogêneas e cria, entre as audiências, uma ritualidade (RANGEL, 2010).

Provocar esse ritual no telespectador é um dos principais objetivos de quem planeja a programação televisiva a fim de manter o telespectador fiel ao conteúdo exibido, influenciando na rotina deste, como ocorre nas novelas ou seriados, por exemplo, em que a pessoa, muitas vezes, organiza seu dia a dia em função das programações que acompanha. Os

programas televisivos, em geral, a que as famílias assistem, são discutidos nos ambientes de trabalho e descartados assim que novas atrações ou fatos sejam expostos por essa mídia.

Para Martins (2009), a TV é um veículo que ainda está em destaque na sociedade atual, pois é um instrumento capaz de seduzir o público, provocando certo fascínio. Isso ocorre, segundo a autora, devido a sua capacidade de produzir significados sociais e culturais.

Por ser um meio de comunicação de massa de tal abrangência, a televisão tem sido objeto de estudo em pesquisas realizadas no Brasil e no exterior.

Os primeiros estudos da comunicação, no período da Primeira Guerra Mundial – início do Século XX – ocorriam numa linha behaviorista que preconizava que aquilo que era transmitido pela imprensa, por exemplo, poderia ser absorvido na íntegra, sem questionamentos, pelos receptores. Naquela época defendia-se que a mídia causaria o mesmo efeito em todos os que a recebessem, a partir das leis sobre estímulo-resposta, sendo que a mensagem não enfrentaria ruídos, ou seja, interferências de outros meios (DONINI, 2012).

No mesmo sentido, Wolf (2003) caracteriza esse período como o da teoria hipodérmica, do estímulo-resposta, uma vez que os estudos objetivavam identificar os efeitos da exposição do público às informações expostas pela mídia.

Contudo, de acordo com Rodrigues (1999), a visão dos estudiosos que seguiam uma abordagem behaviorista foi se modificando, levando em consideração outros aspectos influenciadores na recepção das mensagens midiáticas.

Os efeitos da comunicação de massa sobre o público depressa deixaram de ser encarados como respostas automáticas dos indivíduos às mensagens, pondo antes em relevo a capacidade humana de seleccionar, aceitar ou rejeitar, de reagir de maneira por vezes imprevisível às mensagens, em função de processos muito mais precisos e complexos, que fazem intervir tanto à experiência anterior dos indivíduos e os seus projectos pessoais, como a rede das interações sociais que se estabelece, no seio dos grupos de pertença e de referência (RODRIGUES, 1999, p. 43).

A Fundação Payne, na década de 1930, também realizou estudos sobre a recepção apontando que esta não se dava de forma igual para as pessoas, mas que havia outros aspectos influenciadores como, por exemplo, o meio social, a faixa etária, convívio familiar e experiências adquiridas ao longo da vida.

Na década de 1940, as pesquisas em comunicação trouxeram uma perspectiva de como a mídia trabalhava as questões de audiência, com o objetivo de adquirir a atenção dos receptores e o grau de satisfação dos mesmos com os conteúdos transmitidos pelos meios (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005).

A partir de 1960, estudos foram realizados com o objetivo de se investigarem as mensagens a partir de seus grupos receptores, ou seja, o direcionamento do conteúdo midiático para um público segmentado. Todavia, a partir da década de 1970, os estudiosos da comunicação passaram a ter uma posição crítica diante do que era exposto em relação às mensagens midiáticas. Jesús Martín-Barbero foi um dos precursores dos estudos de recepção de conteúdos midiáticos, tendo como ideia central a de que o processo de comunicação deve ser analisado como um todo, denominado por ele “análise integral do consumo” (DANTAS, 2008).

As pesquisas de Martín-Barbero, na década de 1980, conduziram o autor a desenvolver os Estudos da Recepção e a Teoria das Mediações que até hoje norteiam e se constituem umas das principais referências das pesquisas no campo da comunicação.

As mediações são esse “lugar” de onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não responde unicamente a pedido do sistema industrial e a jogos comerciais sendo também a exigência que vem da trama cultural e dos modos de ver. Tradução nossa. (MARTÍN-BARBERO, 1992, p. 20).

O autor acredita que as pessoas, a partir das suas próprias vivências, reinterpretam as informações recebidas pela mídia, sendo influenciadas não só pelo que veem, ouvem ou leem, mas também por suas práticas sociais, culturais, políticas e educacionais, ou seja, de mediações.

Escosteguy e Jacks (2004, p. 3) conceituam a recepção como “as relações entre sujeitos e tecnologias/ meios de comunicação, inseridas num contexto amplo de relações sociais e culturais, e seu envolvimento com diversos processos de mediação”. As autoras complementam essa ideia, apontando que podemos entender a recepção

[...] como os processos pelos quais os sujeitos-receptores se engajam com os meios de comunicação, dentro de determinados contextos e hábitos de assistência, na elaboração e vivência de sentidos tanto em relação às tecnologias em si mesmas quanto as suas mensagens (ESCOSTEGUY; JACKS, 2004, p. 4).

Rabelo (1999, p. 17) comenta que “o estudo de recepção segundo Barbero quer resgatar a iniciativa, a criatividade dos sujeitos, a complexidade da vida cotidiana como espaço de produção de sentido, o caráter lúdico libidinal na relação com os meios”.

Para isso, Martín-Barbero (2009, p. 294) explica que:

Em vez de fazer a pesquisa partir da análise das lógicas de produção e recepção, para depois procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos partir das mediações, isto é, dos lugares dos quais provém as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 294).

Nesse sentido, o autor propõe que os receptores não são mais sujeitos passivos, pois ao consumirem determinado produto midiático, atribuem ao mesmo, sentidos que estão relacionados às diversas competências culturais do indivíduo. Em seus estudos, Barbero (2009) defende que a recepção se dá a partir das práticas cotidianas, conforme as tradições, problemas, e anseios dos indivíduos.

Souza (1999), ancorado nas pesquisas de Martín-Barbero, acredita que a percepção da comunicação se dá pela vivência do indivíduo “como um deslocamento do olhar pelo qual se analisa o processo da comunicação, não só do emissor mas também do receptor; tanto do sistema ideológico quanto das práticas culturais” (SOUZA, 1999, p. 20). Dessa forma, compreendemos que a comunicação deva ser analisada a partir das mediações.

Santos e Nascimento (2000) destacam ainda que para a compreensão da teoria das mediações nos estudos da recepção é necessário entender que “as mediações culturais se constituem num modelo ou perspectiva de compreensão da relação entre cultura e meios de comunicação, dentro da pesquisa de recepção” e, por isso, devem ser entendidas “como sendo um conjunto de fatores que estruturam, organizam e reorganizam a percepção e a apropriação da realidade social, por parte do receptor” (SANTOS; NASCIMENTO, 2000, p. 4-6).

Bentes e Rio (2004, p. 47) acreditam que “enquanto o paradigma cientificista pretendia apontar o que os meios fazem com as pessoas e analisar o conteúdo da mensagem, a atual perspectiva analisa o que as pessoas fazem com as mensagens produzidas pelos meios massivos”.

Portanto, houve uma mudança em relação à concepção do telespectador como receptor. De forma geral,

[...] os receptores são entendidos de início como uma massa de indivíduos anônimos, fácil de conduzir, absolutamente à mercê dos poderosos meios e emissores; ou, o que não é contraditório, como indivíduos socialmente isolados. Mas aos poucos começa-se a levar em consideração características socioestruturais e culturais dos indivíduos que integram a audiência, tais como grau de instrução, classe social, profissão, faixa etária, gênero, e outros mais relativos ao grau e tipo de consumo do *mass media*. Vai-se mostrando, pouco a pouco, que os receptores não comparecem vazios à relação com emissores, meios e mensagens. Essas características funcionam como “filtros” ou “instâncias mediadoras” e serão responsáveis por determinar a “seletividade” e, portanto, a limitar os efeitos (GOMES, 2004, p. 225).

Complementando a ideia de Gomes, Rabelo (1999) explica que, diferentemente das propostas funcionalistas que medem a distância entre a mensagem e seus efeitos, o estudo da recepção analisa integralmente o consumo, considerando os processos sociais de domínio dos produtos, até mesmo os simbólicos, uma vez que Martín-Barbero (1987, p. 290) expõe que o “consumo não é apenas reprodução de forças, mas também de produção de sentidos: lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social”.

Amparada na teoria de Martín Barbero, Tondato (2004, p. 96) defende ainda que

[...] o foco do receptor tem como base a perspectiva desse como ator social, não como decisor incondicional, na linha das novas abordagens mercadológicas que o vêem como “rei e senhor”, cujos desejos e vontades devem ser satisfeitos, mas como parte de um sistema de troca (TONDATO, 2004, p. 96).

Considerando, portanto, as implicações que envolvem a mensagem ou conteúdo e o receptor, Martín-Barbero (2009) propõe três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural.

A cotidianidade familiar é destacada por Martín-Barbero (2009, p. 295), pois, segundo o autor, a família é a unidade básica de audiência da televisão, ou seja, a mesma “representa para a maioria das pessoas a situação primordial de reconhecimento”. E, por isso, é preciso compreender o modo que a televisão utiliza para conquistar audiência. Nesse aspecto, a cotidianidade familiar não pertence unicamente à esfera da recepção, mas está contida no próprio discurso do meio. Podemos entender dessa forma ao considerarmos a simulação de contato que o veículo de comunicação tenta criar com quem assiste às programações.

Em relação à temporalidade social, o autor explica que a distribuição do tempo na programação da TV se relaciona com sua rentabilidade, conseqüentemente, os conteúdos são programados buscando atingir o receptor de forma fácil e direta, utilizando-se de repetição, a fim de segurar a audiência. Desse modo, em grande parte das vezes, os conteúdos são fragmentados e exibidos em diversos momentos para manter o telespectador “acompanhando” os mesmos. Observa-se bem isso em seriados, novelas, em chamadas durante a grade de programação ou abordados em outros programas. Para Barbero (2009, p. 298), “o tempo com que organiza sua programação contém a forma da rentabilidade e do palimpsesto, um emaranhado de gêneros. Cada programa, ou melhor, cada texto televisivo remete seu sentido ao cruzamento de gêneros e tempo”.

A respeito de competência cultural, Martín-Barbero (2009) esclarece que a televisão atua no sentido de abranger todos os gêneros, considerando as diferenças sociais. Contudo, o autor faz uma crítica a respeito da relação da televisão com a cultura, pois, para ele, o que ocorre é uma “espetacularização” ou situações fragmentadas de determinadas manifestações culturais, usadas para fazer com que o telespectador acredite que a mesma esteja levando “cultura” às audiências. O autor defende ainda que “a televisão nunca seja considerada quando se trata de discutir políticas culturais, nem por parte dos governos, nem por parte das oposições. A televisão não seria assunto de cultura, só de comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 299). Barbero (2009) ainda aponta que a competência cultural pode ser compreendida como conhecimentos trazidos pelo indivíduo, os quais não estão ligados apenas à educação formal, mas pelo meio em que vive e suas relações sociais.

Contudo, na década de 1990, o pesquisador reconfigura essas mediações. Martín-Barbero (2009), propõe outros termos tratados como:

- **Ritualidade:** consiste nas rotinas e hábitos seguidos pelos indivíduos em suas relações com o trabalho, o tempo em família e outras responsabilidades do dia a dia. Essa ritualidade pode determinar, por exemplo, quais horários o receptor destina aos programas televisivos ou outros meios de comunicação. Para Donini (2012, p. 6), as mediações de ritualidade, “na sua relação com os discursos, gêneros, programas, isto é, com os formatos industriais, elas constituem o que ele denomina ‘gramáticas da ação’, ou seja, olhar, escutar, ler, que regulariam os espaços e tempos cotidianos e os espaços e tempos dos meios”.
- **Tecnicidade:** nessa mediação não estariam apenas os novos aparatos tecnológicos, mas toda forma de inovar que interfere nos discursos e as percepções de quem recebe a informação, ou seja, o sujeito reproduz a sua percepção sobre ao que assistiu, de acordo com a construção da notícia e os elementos usados por ela, como por exemplo, imagens que reforcem as informações relatadas. Segundo Gutmann (2013, p. 5) a tecnicidade é “da ordem dos saberes, da constituição de práticas produtoras de inovações discursivas, dos modos de percepção social, daí porque se impõe como dimensão contemporânea de visualidade”.

- **Sociabilidade:** o sentido sobre a mensagem recebida se dá a partir de relações estabelecidas pelo indivíduo com situações ou experiências vividas. De acordo com Ronsini (2010), essa mediação está ligada as relações culturais pertencentes ao indivíduo, suas tradições, as quais constituem sua identidade, e a interação com a cultura de massa, presente nos meios de comunicação.

E, mais atualmente, Martín-Barbero em entrevista à Revista Fapesp (2009) propõe outras atualizações para as mediações que, agora, são compostas por: migrações, tempos e fluxos. Segundo ele:

[...] as mediações passam a ser transformação do tempo e transformação do espaço a partir de dois grandes eixos, ou seja, migrações populacionais e fluxos de imagens. [...] De um lado, grandes migrações de população como jamais visto [...]. De outro, os fluxos virtuais, e temos que pensá-los conjuntamente. Os fluxos de imagens, a informação, vão de norte a sul, as migrações vão do sul ao norte. E há a compressão do tempo, a compressão do espaço e é aí que eu recomponho as duas mediações fundamentais hoje: a identidade e a tecnicidade [...]. Saímos da visão instrumental da técnica, saímos da visão ideologista da tecnologia. A tecnicidade está no mesmo nível de identidade, coletividade [...]. Ligo tecnicidade ao que está se movendo na direção da identidade. Por exemplo, a quantidade de adolescentes que inventam uma personagem para si mesmos é impressionante (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 8).

Vale destacar que, no processo de recepção das mídias, há diferentes mediações, as quais são constantemente modificadas uma vez que a sociedade sofre transformações a todo tempo.

Signates (1998), ao analisar as pesquisas de Barbero, expõe que há várias fontes de mediação como, por exemplo, cultura, política, economia, classe social, gênero, faixa etária, etnicidade, os meios, os movimentos sociais, entre outros. Assim como, também, as emoções e experiências dos indivíduos. Esses fatores podem mediar outras fontes de mediações. O autor complementa que “a perspectiva das mediações desloca o olhar da comunicação para os sentidos que a transcendem, vinculados à cultura e suas matrizes de significação complexa e múltipla” (p. 44).

Portanto, a partir dos estudos de Barbero e de autores mencionados, os quais revisaram a Teoria das Mediações e os Estudos da Recepção, compreendemos que as informações veiculadas na mídia televisiva não são recebidas e decodificadas da mesma forma como são exibidas por diferentes pessoas. Isso porque os receptores trazem consigo diferentes variáveis como a própria formação social e moral, orientação familiar, grau de instrução, vivências culturais, entre outros, para construir e reconstruir o sentido da programação veiculada. Nesse

aspecto, acreditamos que as informações sobre *bullying* exibidas na TV sejam interpretadas também de maneiras diferentes pelos telespectadores.

2.2 Violência e televisão

Apesar das complexidades reconhecidas sobre as diferentes variáveis de mediação, e mesmo antes de elas serem profundamente investigadas, a ideia de que a violência exibida na televisão possa influenciar, a princípio, o comportamento agressivo dos telespectadores, principalmente do público infantil, tem sido motivo de estudos nos últimos 50 anos, especialmente, nos países da América do Norte, Europa e Ásia.

Só nos EUA, mais de 3.500 estudos foram realizados para compreender os efeitos da violência na televisão. Essas pesquisas se deram em função da preocupação de investigadores da área da saúde a respeito do aumento da violência nos programas televisivos, como também do crescimento de agressividade no comportamento de crianças e adolescentes. Esses estudos se deram em um contexto de difusão dos meios de comunicação de massa, em que estes se tornaram grandes propagadores de visões de mundo, valores e imagens em âmbito global, com suporte tecnológico cada vez mais moderno e atrativo (GOMIDE, 2009).

Nesse aspecto, apresentamos alguns estudos utilizados com o objetivo de compreender o fenômeno da violência na televisão. Vale destacar que as abordagens teórico-metodológicas utilizadas em cada investigação obedeceram a critérios específicos como no caso dos estudos controlados, o que resultaram em dados pontuais e, por isso, passaram a ser validados nas determinadas épocas em que foram realizados. No entanto, esses estudos foram superados com as novas perspectivas acerca do tema, considerando o telespectador a partir das mediações.

Algumas pesquisas de instituições internacionais das décadas de 1960 e 1970, revistas por Rangel (2004), analisaram a violência televisiva e seus efeitos sobre as pessoas. Nesses casos, os dados obtidos foram de que tais ações de agressividades exibidas influenciaram seus expectadores. A *National Commission on the Causes and Prevention of Violence* concluiu que a mídia televisiva contribui para que o indivíduo também pratique atos agressivos. Ele menciona ainda que o *Surgeon General's Scientific Advisory Committee on Television and Social Behavior* pesquisou junto a jovens telespectadores a influência da violência na televisão sobre os mesmos. Nestes estudos, como apresenta Rangel (2004), foi apontado que o comportamento agressivo da maior parte desses jovens aumentou.

Antes mesmo desses estudos, Albert Bandura (1965) já havia desenvolvido pesquisas a respeito do comportamento infantil, frente a cenas de violência exibidas em diferentes mídias como filmes e desenhos. O pesquisador realizava os experimentos de forma laboratorial, com estudos controlados, para verificar o porquê de as crianças imitarem atitudes violentas apresentadas na mídia televisiva.

Um dos experimentos de Bandura constitui-se em um grupo-controle isolado de outros contatos para que as crianças assistissem a sequências de um filme com cenas de agressão a um personagem, o João Bobo. Na sequência as crianças eram divididas em três subgrupos, sendo que algumas assistiam ao agressor recebendo doces como recompensa; o outro grupo assistia ao agressor sendo punido e o terceiro não assistia a nenhuma outra cena, apenas à da agressão. A partir disso, as crianças ficavam em uma sala e eram acompanhadas por um grupo de observadores, os quais permaneciam atrás de um espelho, sem serem vistos pelas crianças e sem saberem quais crianças pertenciam aos grupos. Nesse local, as crianças ficavam com um brinquedo (João Bobo) que imitava o personagem agredido e recebiam bolas e bastão, além de outros brinquedos. As crianças que assistiram à cena de punição não apresentaram comportamento de imitação. Já as que viram as imagens de recompensa do agressor e as demais que não assistiram a nenhuma sequência de imagens, agiram com violência contra o brinquedo, imitando a agressão exibida, configurando a modelagem investigada por Bandura (1965).

Bandura (1965), em suas primeiras investigações, foi o precursor da Teoria da Aprendizagem Social, que demonstrava ser possível aprender a partir de modelos exibidos na televisão, por exemplo, e que os mesmos poderiam influenciar o comportamento humano a partir das relações estímulo/resposta.

Devido ao rigor científico, a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura foi muito importante no campo das ciências sociais, servindo como referência para estudos que abordaram televisão e violência, com o uso de grupos controlados. Isso porque Bandura não considerava apenas a obtenção das informações exibidas, mas também levava em conta o perfil dos indivíduos, os estímulos apresentados pelos conteúdos e o ambiente em que os mesmos se encontravam.

Entretanto, Feshbach (1961) que realizou, a partir de uma perspectiva freudiana, um estudo a respeito da violência e a sua relação com o aumento da agressividade do espectador, considerava em seus estudos que a violência exibida na televisão pode exercer pouca ou nenhuma influência sobre seus telespectadores. Ele partia do princípio de que o indivíduo, ao

assistir a uma cena de violência na televisão, conseguia controlar seus impulsos agressivos, sendo que as imagens funcionavam como válvulas de escape de suas tensões e conflitos, definido pelo autor como hipótese da catarse – termo advindo do grego cujo significado é purificação ou limpeza.

De acordo com Jablonski (1978), Feshbach foi o único investigador a realizar estudos experimentais nessa área. Na perspectiva do autor, o telespectador não teria capacidade para se imaginar em situações de violência, como as exibidas na televisão, e, por isso, as imagens vistas fariam com que o mesmo não tentasse imitar aquilo que viu. Outra hipótese apresentada nessa posição é a da empatia adquirida sobre o conteúdo violento exibido pela TV. Isso poderia ocorrer quando tal conteúdo não atendesse às expectativas da audiência.

Na década de 1980, Berkowitz (1984) desenvolveu a Teoria dos Efeitos Preparatórios, a partir da Teoria da Aprendizagem. O estudo apresentou que os efeitos referentes à exibição da violência na mídia acontecem transitoriamente. Considera-se que o indivíduo que tenha um comportamento mais agitado, tende a agir com mais agressividade em seu meio de convívio ao assistir violência nas programações televisivas. O autor defendeu que se o indivíduo estiver irritado, assistir a uma cena de violência, na qual o expectador se identifique com o agressor, e perceber que o ato de violência exibido é justificado, o mesmo estará propenso a ter uma modelagem no comportamento. Contudo, isso pode ser minimizado de acordo com os valores e crenças dos telespectadores.

Huesmann (1986), ao investigar sobre os efeitos da violência na televisão, já propõe outra hipótese. O autor acredita em que as características de quem assiste a esse tipo programa podem ser relevantes na relação entre televisão e agressão. Essa teoria pauta-se em um modelo de desenvolvimento social e é conhecida como modelo de *script*, que, na concepção do pesquisador, os scripts vivenciados na infância ficam memorizados e norteiam o comportamento do indivíduo em sua vida em sociedade e a resolução de conflitos. Portanto, se, quando criança, uma pessoa assiste repetidamente a cenas de violência na televisão, ela pode armazenar *scripts* e isso repercutir em um comportamento agressivo no futuro.

Strasburger (1999) também realizou estudos sobre o comportamento dos adolescentes ao assistirem a cenas violentas na televisão e como isso pode incitá-los a ações agressivas. Esses experimentos contribuíram para apontar como a presença de violência nas programações televisivas dos EUA podem causar danos em pessoas mais jovens. Isso ocorre, segundo o autor, quando a agressividade é compreendida como um meio para resolver problemas.

Pesquisas realizadas por outros estudiosos e analisadas por Strasburguer (1999) apontaram também uma tendência de aumento no comportamento agressivo dos adolescentes a partir da escolha por assistirem a programas violentos na televisão, o que, para o pesquisador, demonstra que a exposição de crianças e adolescentes a essas programações pode ter associação com o comportamento agressivo dos mesmos quando adultos ou gerar certa indiferença ou dessensibilização em relação ao sofrimento do outro.

Em outra investigação (GROEBEL, 1999) realizada com 5 mil crianças, com faixa etária de 12 anos, em 23 países, incluindo o Brasil, foram aplicados questionários para verificar como estas notavam a presença de violência na programação televisiva. O resultado apontou um forte comparecimento de cenas de agressividade observadas pelas crianças, o que gerava certo fascínio sobre elas e, inclusive, os dados demonstraram que as crianças ficavam em média 3 horas por dia em frente aos aparelhos televisivos, o que corresponde a um tempo maior do que realizando outras atividades como lição de casa, uso de outras tecnologias, entre outros.

Dois estudos realizados pelo Centro para Política Comunicacional da Universidade da Califórnia, em 1995, pesquisando conteúdos violentos exibidos em emissoras de canal fechado e aberto, nos EUA, e apresentados por Rangel (2004) apontam que: o contexto em que a violência aparece na TV pode causar riscos a quem assiste a esse tipo de programa; entre os atos de violência, em 73% destes os personagens saem impunes; as consequências trazidas pela violência nem sempre são exibidas na programação violenta; os programas exibidos para crianças têm a menor probabilidade de mostrar consequências negativas da violência (apenas 5%).

Por outro lado, Rangel (2004) afirma que os telespectadores que assistem a situações de violência exibidas pela mídia com frequência concordam com o que veem e tendem a ser mais tolerantes com casos de agressividade. Contudo, isso não significa que os mesmos sejam agressivos.

Os estudos sistemáticos sobre o tema da violência na televisão são importantes para evitar os extremos, fruto de um desconhecimento da extensão dos efeitos em comunicação: ao abandonarmos a investigação científica, corremos o risco de abraçarmos explicações casuísticas e até mesmo fantasiosas, atribuindo à televisão, por causa de casos isolados, a responsabilidade por atos criminosos e transgressivos. Ou seja, esses casos sugerem que as imagens violentas podem levar “determinados” indivíduos em “determinadas” circunstâncias ao ato agressivo (RANGEL, 2004 p. 18).

Embora essas pesquisas apontassem o fenômeno da violência como responsável por um possível aumento no comportamento agressivo dos telespectadores ou até a concordância dos mesmos com as cenas de violência exibidas, entendemos, a partir das pesquisas que tratam sobre mediações, que não são as programações que provocam diretamente esses comportamentos, pois as relações sociais, culturais, familiares, ou seja, a realidade em que o indivíduo está inserido é que podem determinar seu modo de pensar e agir (MARTÍN-BARBERO, 2009).

A partir dos estudos de Martín-Barbero (2009), podemos dizer que os conteúdos exibidos pela mídia, inclusive os ligados à violência, não significam estímulos diretos para que a pessoa seja influenciada a querer repeti-los ou reproduzi-los. As mensagens midiáticas, para o autor, sofrem interferência de outros fatores relativos aos meios em que o telespectador está inserido, além dos processos cognitivos e sócio-interacionais, como a família, as relações sociais na escola, no trabalho, entre outros.

Fante e Pedra (2008) apontam também que, atualmente, a violência está presente em programas televisivos variados. Nesse sentido, considerando as diversas pesquisas, acreditamos que é importante compreender, dentro do tema da violência e, mais especificamente do *bullying*, como os casos desse fenômeno aparecem na TV; o que mostram; como os jovens aparecem neles; como estudantes veem e compreendem temas ligados a essa violência e a relação que os mesmos fazem com a realidade escolar em que vive.

No Brasil, os estudos que abordam temas sobre adolescentes e mídia, ou mesmo, adolescentes e televisão e, mais detalhadamente, televisão, violência e adolescentes são recentes.

Uma pesquisa realizada por Minayo et al (1999) que ouviu a opinião de jovens estudantes de 14 a 20 anos, do Rio de Janeiro, sobre temas como juventude, violência e cidadania, constatou que os meios de comunicação estão entre as instituições de maior confiança desse público.

Njaine e Minayo (2004), apresentam dados de uma pesquisa feita pela Unicef, em 2002, em que foram entrevistados 5.280 adolescentes brasileiros, sendo que 52% apontaram que encontram na televisão sua maior fonte de lazer e 70% responderam que a programação televisiva é de “boa qualidade”.

Ao estudar as contribuições da televisão e sua influência para os adolescentes de 15 a 18 anos, da Espanha, França (2004) obteve alguns resultados que consideramos relevantes. Para a autora, o jovem é seletivo e vê pouca televisão, contudo, geralmente, o mesmo é levado

a um consumo televisivo por imitação do seu grupo, ou seja, costuma assistir a programações que estão “na moda”. A pesquisadora ainda destaca que a programação televisiva destinada a jovens é

[...] fonte de informação e de formação de valores, contribuem com ideias que são aproveitadas pelos adolescentes para a construção de suas identidades. A televisão é, para os adolescentes pesquisados, além de formação da informação, diversão e ócio, um alimento anímico buscado para ampliar e organizar sua vivência psíquica e afetiva. No entanto [...] quanto mais informado é o adolescente, quanto mais maduro seu comportamento, maior sua capacidade para uma recepção mais crítica das mensagens midiáticas em geral. (FRANÇA, 2004, p. 222-223)

Em outro estudo realizado no Brasil, Duarte, Leite e Migliora (2006), em uma investigação sobre o que as crianças e adolescentes pensam a respeito da televisão, identificaram que os mesmos reconhecem que a TV é fonte de informação e construção de saberes, contudo, isso não ocorre sem a compreensão de que esse meio de comunicação também traz consigo contravalores, nocivos ao processo de constituição da identidade do indivíduo. Sobretudo, acreditamos que a interpretação dos conteúdos exibidos passa pelo “filtro” da mediação, em que estão presentes os valores de quem os presencia.

Outra investigação feita por Sampaio (2008) buscou compreender a relação dos adolescentes com a violência presente na mídia televisiva. Dentre os resultados apresentados, a pesquisa apontou que alguns adolescentes reconhecem que “o indivíduo constrói a sua própria relação com os conteúdos midiáticos de modo particular e as implicações da exposição a cenas de violência podem ser muito mais duradouras”. O que não significa dizer que reproduzem aquilo a que assistem.

Njaine (2004) afirma que apesar de a mídia ser superficial em coberturas que tratem de temáticas sobre violência, esses assuntos ganham destaque tanto em programas de entretenimento quanto em jornalísticos, os quais despertam a atenção não só dos adolescentes, mas da grande maioria das pessoas.

Contudo, apesar da complexidade que existe entre a transmissão da mensagem e a recepção dela pelas pessoas, mostrada por vários autores e, principalmente, por Martín-Barbero, estudos continuam apontando que esse tipo de mídia, assim como outros, ao exibir conteúdos ligados à violência, é interpretado de maneira distinta pelos telespectadores, e, no caso dos adolescentes, podem representar ou provocar a identificação acerca de alguns valores, atitudes e concepções já incorporados pelos mesmos.

Gomide (2009, p. 6) acredita que

[...] a maior influência da televisão no comportamento humano é indireta, sutil e cumulativa – não imediata e direta. De forma que a formação do conceito e de atitudes referentes a sexo, uso de drogas, resolução de conflitos, aquisição de hábitos alimentares, constituição da família e outros valores importantes que favorecem o viver em sociedade, de maneira saudável e harmoniosa, quando não feitos pela família, podem estar sendo feitos pela televisão (GOMIDE, 2009, p. 6).

É importante destacar que isso não ocorre sem as mediações, ou seja, sem a resignificação a que o telespectador faz a partir da notícia ou da programação a que assistiu, pois as vivências sociais, culturais, étnicas, entre outras, lhe possibilitam essas reconfigurações na informação apresentada na mídia.

De acordo com Merlo-Flores (1999), há dois níveis de ação da televisão sobre crianças e adolescentes. O primeiro refere-se a uma cultura televisiva que dita tendências de comportamentos em relação ao modo de se vestir, falar, relacionar-se e agir. O segundo trata de como o adolescente utiliza-se do que é transmitido na televisão para legitimar suas ações na vida real, como, por exemplo, uma situação em que o adolescente desrespeita uma pessoa de seu convívio, justificando que na televisão isso também acontece, sendo esta uma forma de compensar o seu ato.

Para França (2004, p. 218) “as pessoas, além de usarem a televisão para entender, compreender sua sociedade e extrair opiniões sobre os mais diversos aspectos da vida, empregam o meio para buscar uma identificação com a sociedade e uma identidade para si mesmas”. Ainda, de acordo com a autora, a televisão pode contribuir para a formação da identidade dos adolescentes, principalmente, por se tratar de um período de crise de conhecimentos sobre si, e decisivo para sua formação.

Para Montoro (2001), não se pode afirmar que os conteúdos violentos exibidos na mídia produzam efeitos nas pessoas capazes de serem mensurados, já que a formação do indivíduo e sua compreensão sobre o que é exposto pela televisão, por exemplo, dependem de sua vivência social, cultural e religiosa, entre outras. Isso impossibilita uma generalização de que as pessoas compreendam da mesma forma um conteúdo exibido na programação televisiva.

Para complementar essa ideia, Montoro (2003, p. 3) reforça a dificuldade de mensurar, no campo da pesquisa, os efeitos da violência sobre o expectador “uma vez que a sociedade está composta por diferentes segmentos sociais, indivíduos e grupos que habitam contextos pessoais, socioculturais e religiosos distintos”.

Se no âmbito do receptor compreendemos que as programações televisivas passam pelos processos de mediação, os meios de comunicação e, em especial a televisão, buscam

formas de atrair a audiência, utilizando-se de diferentes estratégias para manter o telespectador acompanhando sua grade de programas. Nesse aspecto, entre as variadas programações televisivas, uma considerável parte das mesmas utiliza-se de temas relacionados à violência para atingir grandes públicos.

Essa busca pelos conteúdos relacionados à violência e sua recepção são explicados a partir de sua divulgação de forma sensacionalista e polêmica. Tondato (2004, p. 93) explica que esses formatos, de certo modo,

[...] responderiam a anseios e expectativas das pessoas, fundamentados no momento ideológico da sociedade em que estão inseridas. Os anseios e expectativas proporcionam a identificação dos receptores com os produtos. [...] Para que ocorra a identificação, entretanto, é preciso haver condições de veracidade e verossimilhança (TONDATO, 2004, p. 93).

Nas programações televisivas que exploram a temática da violência estão os telejornais, que se constituem, segundo Gutmann (2013, p. 6) como

[...] lugares sociais relacionados aos modos de vida cotidianos de uma dada coletividade, identificado pela partilha de gostos, hábito de consumo, relações com territorialidades. É o reconhecimento dos valores discursivos do campo (atualidade, autenticidade, revelação pública, vigilância etc.) e de como eles configuram representações de cotidianidade que responde pela legitimação dos programas televisivos acolhidos enquanto jornalísticos e cujos enunciados são identificados como críveis (GUTMANN, 2013, p.6).

Nesse sentido, observamos que, aos telejornais, o telespectador atribui valores como credibilidade e confiança, como apontam Vizeu e Correia (2008, p. 12), por “o telejornalismo representar um *lugar de referência* para os brasileiros muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo”. O que não configura dizer que o conteúdo exibido nos telejornais seja interpretado como uma verdade absoluta, pois as informações, ao chegarem para os receptores, passam pelo processo da mediação.

Segundo Montoro (2003, p. 10), “a violência mediática é assim uma relação que produz significados porque a ação violenta é um valor, e o ato de agressão agrega valor ao ser comunicado e transferido para ser objeto de circulação e intercâmbio”. Também segundo Montoro (2003), as imagens de violência e sua espetacularização geram ansiedade pública ao mesmo tempo em que fomentam uma demanda de mais proteção policial e jurídica. A proliferação mediática da violência garante paradoxalmente, uma distância, um estranhamento. Por isso os processos de mobilização contra a violência são efêmeros,

pontuais, fragmentados e sua permanência na cena pública e mediática esgotam-se tão logo os meios de comunicação passem a priorizar outras temáticas.

Concordamos com a ideia mencionada anteriormente por Montoro (2003), e defendemos, em função da exposição frequente da violência na mídia, que as discussões sobre a exploração dessa temática sejam feitas pelo viés da mídia-educação. A inter-relação entre educação e comunicação é “possível, plausível e produtiva”, desde que contemple a complexidade da “produção/ emissão/ veiculação, e igualmente da recepção/ apropriação, e, principalmente, da colocação em pauta de temáticas contemporâneas” (FISCHER, 2002, p. 92).

Nesse sentido, entendemos que o *bullying*, por se tratar de um tema atual, que provoca discussões na educação e na comunicação, e tem sido amplamente divulgado pela mídia, deva ser objeto de reflexão entre os estudantes, por meio da mídia-educação, a fim de fazer com que os adolescentes compreendam e discutam de forma crítica o que é exibido na televisão, o que se torna um desafio também para os educadores.

Para que isso seja possível, acreditamos que o conhecimento seja um caminho para permitir os processos de mediação, como aponta Baccega (2001, p. 4):

Tornar nosso aluno cidadão crítico, saber mobilizar percepções parciais na configuração da totalidade são processos que, no seu transcurso, contém a transformação de uma coisa em outra, a passagem de um em outro que o contém, ao mesmo tempo negando-o e incorporando-o sob nova roupagem. Essa passagem é a mediação (BACCEGA, 2001, p. 4).

Ao pensar a compreensão sobre aquilo que é exibido pela mídia, Barbero (1992, p. 20) afirma que as mediações

[...] são esse lugar a partir do qual é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção: o que se produz na televisão não atende unicamente às necessidades do sistema industrial e às estratégias comerciais, mas também a exigência que vêm da trama cultural e dos modos de ver (BARBERO, 1992, p. 20).

Levando em consideração os conteúdos exibidos pela programação televisiva, sejam eles jornalísticos ou de outros formatos na grade de veiculação, e as mediações pelas quais estas informações são submetidas para a compreensão dos adolescentes, acreditamos que a percepção dos mesmos acerca de *bullying*, a partir das programações que abordem o fenômeno, deva ser discutida no ambiente escolar, proporcionando não só conhecimento sobre o tema, mas também reflexões a respeito dessa prática para a prevenção e o enfrentamento, como trataremos mais adiante.

Nesse aspecto, procuramos na abordagem sobre mídia e *bullying*, neste capítulo, identificar e relatar os estudos ligados a mediações e recepções dos conteúdos exibidos pela televisão no indivíduo e, especialmente, os ligados ao estudo sobre a violência, uma vez que sobre *bullying* na mídia, de forma específica, não encontramos muitas pesquisas. Também buscamos compreender como essas mediações interferem na forma com que as informações exibidas na programação televisiva são compreendidas pelos adolescentes, a fim de, inicialmente, apontar um dos caminhos para essa abordagem na escola, por meio da mídia-educação.

No próximo capítulo, trataremos da metodologia escolhida para compreender a percepção dos adolescentes sobre *bullying* nas programações televisivas, utilizando diferentes métodos de pesquisa, com o objetivo de coletar e analisar dados que respondam aos anseios desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa predominantemente qualitativa centrada mais no conteúdo das respostas do que, somente, na quantificação das mesmas, embora, em vários momentos do estudo, tenha sido necessário quantificar os dados coletados.

De acordo com Chizzotti (2003, p. 221), “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair deste convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”.

Para Esteban (2010, p. 127),

A pesquisa qualitativa é uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais, à transformação de práticas e cenários sócio-educativos, à tomada de decisões e também ao descobrimento e desenvolvimento de um corpo organizado de conhecimentos (ESTEBAN, 2010, p. 127).

Dentro da abordagem qualitativa, a pesquisa tem cunho descritivo e exploratório.

Segundo Gil (2007, p. 42) “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis”. O caráter exploratório trata-se de uma maior aproximação com o problema, a fim de construir hipóteses a partir de levantamento bibliográfico e entrevistas (GIL, 2007).

Para atingirmos os objetivos propostos, que são: analisar o que os adolescentes compreendem sobre o que é veiculado na televisão a respeito de *bullying* e como isso pode influenciar nas suas concepções relativas à prática, na escola, de prevenção e combate ao fenômeno; investigar o que os adolescentes compreendem sobre o termo “*bullying*”; verificar o que os adolescentes destacam sobre *bullying* nas programações televisivas assistidas por eles e mencionadas; analisar as possíveis relações que os alunos estabelecem entre o *bullying* exibido na TV e os casos desse tipo de violência praticados no ambiente escolar; comparar se há diferenças relevantes entre relatos dos estudantes de escola pública e particular a respeito de suas concepções sobre o *bullying*, a fim de verificar se diferenças socioeconômicas influenciam no acesso a essa informação e nas concepções acerca desse fenômeno; confrontar as concepções entre estudantes pré-adolescentes (6º e 7º ano) e adolescentes (8º e 9º ano) sobre *bullying* com o intuito de verificar se a diferença de idade influencia na percepção sobre este tipo de violência; identificar práticas escolares de prevenção e combate ao *bullying* na

percepção dos alunos, e averiguar se há relações entre essas práticas e os fenômenos apresentados na mídia televisiva - em um primeiro momento, fizemos um levantamento bibliográfico, com a finalidade de nos aprofundarmos no embasamento teórico. Buscamos por referencial sobre o fenômeno do *bullying*, de maneira a dar um embasamento pautado em pesquisas e também para contribuir na interpretação dos dados empíricos.

A procura por bibliografias que abordassem a temática foi realizada em várias fontes: no banco de dados do *Scielo*, no qual buscamos por artigos científicos; na base de dados da Capes, sendo somente dissertações e teses; em anais de Congressos da área de Educação e Comunicação, além de bibliotecas *on-line* de universidades públicas, entre outros. Em todas essas fontes, procuramos publicações que tratassem do fenômeno *bullying*, mídia televisiva, violência e televisão, *bullying* e mídia, programações televisivas e *bullying*, telejornalismo e adolescentes, mídia e adolescentes, entre outros.

Em um segundo momento, realizamos a coleta de dados por meio de aplicação de questionário a estudantes. O questionário completo é composto por seis questões, sendo todas abertas, o que permite a flexibilidade das respostas, como descritas abaixo:

1 – O que você acha que significa esse termo *bullying*?

2 – Você se lembra de ter assistido a alguma reportagem sobre *bullying* na TV? Qual foi?

3 – O que você mais se lembra dessa reportagem? Comente de forma breve;

4 – Sobre a reportagem a que você assistiu e comentou acima, responda em qual emissora (canal) esta foi exibida. Em que programa: jornal, programa de entrevistas, de entretenimento, de variedades, essa reportagem foi exibida? E há quanto tempo?

5 – Sobre o assunto abordado na reportagem citada acima, você viu outras reportagens com o mesmo tema? Conte do que se lembra;

6 – Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre *bullying*?

Além disso, as vantagens do uso do procedimento de método do questionário, neste momento da pesquisa, devem-se a obtenção de informações em um menor tempo, com baixo custo, como aponta Marconi & Lakatos (1996).

A primeira questão “O que você acha que significa esse termo ‘*bullying*?’” permitiu apreender as concepções dos adolescentes sobre a definição de *bullying*. Outras questões foram usadas para identificar as reportagens sobre *bullying* exibidas na TV que os alunos destacaram e sobre as quais relataram. Por fim, solicitamos que os alunos descrevessem outras considerações sobre o fenômeno.

A pesquisa aconteceu em duas escolas públicas e em duas particulares, de Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), no município de Presidente Prudente, SP. Optamos por coletar os dados em instituições de ensino públicas e particulares com o objetivo de verificar se há distinção nas percepções dos adolescentes a respeito do fenômeno *bullying* nesses espaços escolares, em cujas realidades socioeconômicas e culturais são diferentes.

Como o tema *bullying* é polêmico e, de certo modo, expõe a fragilidade da escola para o enfrentamento do fenômeno, há uma dificuldade em encontrar escolas que permitam pesquisa nessa área. Por esse motivo, a escolha das escolas foi feita por critério de acessibilidade, como sugere Vergara (2000). Esta acessibilidade, no sentido de permitir o contato com estudantes e o levantamento de informações a respeito do tema estudado, é de suma importância para todas as etapas da pesquisa.

Para aplicação dos questionários, visitamos várias escolas públicas de Presidente Prudente, nas quais conversamos com a equipe gestora para a coleta de dados. Algumas recusaram, mas outras aceitaram participar da pesquisa, desde que houvesse autorização da Diretoria Regional de Ensino (DRE). Para tanto, solicitamos a permissão junto à DRE, que liberou a aplicação do questionário, e então selecionamos duas unidades escolares da rede estadual.

Nas escolas particulares também houve dificuldade em conseguir coletar os dados, devido a um receio de expor as possíveis fragilidades do ambiente. Dentre as escolas visitadas, duas autorizaram a realização da pesquisa, sendo que uma delas trata-se da escola em que atuamos como coordenadora. Vale ressaltar que a aplicação do questionário foi realizada por outro pesquisador do Programa de Pós-Graduação da FCT/ Unesp, a fim de se evitarem possíveis situações de inibição dos participantes ao relatarem sobre *bullying*.

Escolhemos aplicar o questionário a alunos de 6º ao 9º ano, do Ensino Fundamental, uma vez que é nesse período que os estudantes estão mais suscetíveis às transformações físicas decorrentes das mudanças hormonais, já que é nessa fase da vida que ocorre a transição para a adolescência.

Diversas pesquisas brasileiras e internacionais sobre *bullying* utilizam-se de espaços escolares para a coleta de dados, como os estudos de Ramírez (2001), Pizarro e Jiménez (2007), Tognetta e Vinha (2010), Tognetta e Bozza (2012) e Francisco (2010). Em todos esses estudos, o público investigado foi de adolescentes durante o segundo ciclo do Ensino Fundamental. Nesse período, as crianças estão mais suscetíveis aos apelidos e brincadeiras típicos da idade e que, em alguns casos, podem se tornar *bullying*.

Bandeira (2009, p. 19) aponta que:

O indivíduo entra na adolescência com a aparência física de uma criança e em poucos anos sua aparência é a de um adulto. As mudanças físicas que podem afetar psicologicamente os adolescentes incluem todas as alterações na aparência e capacidade física, as quais levam os outros a formar diferentes expectativas, bem como novos padrões para o desempenho de tarefas e normas de comportamento para os adolescentes (BANDEIRA, 2009, p. 19).

Antes da realização da pesquisa, submetemos o projeto ao Comitê de Ética, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/ UNESP, descrevendo todas as etapas de investigação, a fim de obtermos autorização para a execução da pesquisa, já que a mesma envolve seres humanos, e houve sua aprovação por parte do Comitê.

Para interpretar os dados, realizamos várias leituras dos questionários, criamos categorias a partir da análise de conteúdo:

A análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens... A intenção da análise de conteúdos é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos, ou não) (BARDIN, 2010, p. 38).

A respeito da categorização, Bardin (2010, p. 142) defende que “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos”. Segunda a autora, as categorias agrupam elementos a partir de características comuns.

Após a categorização das respostas, organizamos os resultados em tabelas e, a partir deles, os quantificamos. Algumas respostas puderam se enquadrar em mais de uma categoria, assim, consideramos o total de respostas e não o total de sujeitos investigados.

Para Franco (2005, p. 60):

As categorias vão sendo criadas, à medida que surgem nas respostas, para depois serem interpretadas à luz das teorias explicativas. Em outras palavras, o conteúdo, que emerge do discurso, é comparado com algum tipo de teoria. Infere-se, pois, das diferentes “falas”, diferentes concepções de mundo, de sociedade, de escola, de indivíduo, etc. (FRANCO, 2005, p. 60).

Tendo como base as referências apresentadas, fizemos a interpretação dos resultados organizados nas tabelas e descrevemos as categorias com maior frequência de respostas e as

que, de certa forma, mereceram destaque. Para exemplificar as principais tendências, destacamos algumas respostas dos sujeitos.

Além disso, realizamos uma análise qualitativa dos resultados a partir do referencial teórico investigado e apresentado anteriormente, com o intuito de tentar responder aos objetivos propostos nesta pesquisa como, principalmente, verificar como os adolescentes compreendem o que é veiculado na televisão a respeito de *bullying* e como isso pode influenciar nas suas concepções relativas à prática, na escola, de prevenção e combate ao fenômeno.

Num terceiro momento, como outro procedimento de coleta de dados, realizamos grupos focais em duas das quatro escolas selecionadas – uma particular e outra pública, sendo que a particular escolhida não foi na qual atuo profissionalmente. Dessas escolas, montamos dois grupos focais para cada uma. Os grupos foram constituídos da seguinte forma: escola pública – 10 estudantes de 6º e 7º ano, e 10 de 8º e 9º ano; escola particular - 10 estudantes de 6º e 7º ano, e 10 de 8º e 9º ano. A escolha de 10 alunos por grupo foi definida a partir da literatura, pois, segundo Gatti (2005), no caso de grupos maiores há dificuldade de exposição de ideias e argumentos, podendo comprometer, inclusive, o aprofundamento do tema a ser abordado.

Selecionamos aleatoriamente os alunos, buscando mesclar meninos e meninas, com o objetivo de fazer a coleta com um grupo heterogêneo. Vale destacar que não procuramos selecionar os alunos somente pelas respostas bem elaboradas, pois estudantes que tivessem assistido a programações televisivas ou vivenciado situações de *bullying*, poderiam não relatar tudo o que soubessem sobre o assunto.

Contudo, a aplicação do questionário colaborou para identificarmos as reportagens mais comentadas e, assim, contribuir para sua localização.

Antes da realização dos grupos focais, fizemos uma pesquisa nos sites de buscas na internet, das emissoras de televisão, de canal aberto, sobre as reportagens mais citadas pelos alunos. Escolhemos uma reportagem que apareceu com maior frequência nas respostas dos questionários para exibirmos durante o grupo focal.

A escolha pelo método de Grupo Focal deveu-se, especialmente, por ser uma técnica que envolve, simultaneamente, um grupo de indivíduos, no caso, adolescentes, que podem se influenciar entre si, no momento da entrevista e expressar opiniões diversas, e, por vezes, até contrárias, levando a debates. Como aponta Gatti (2005, p. 9), “há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e por que pensam”.

Gui (2003) ressalta que, nos grupos focais, o objetivo não é encontrar consenso, mas sim a diversificação de ideias, o que implica dizer que, ao expor seu ponto de vista, o participante também pode revê-lo, defender opiniões e até mudar de ideia sobre concepções pré-determinadas e que podem sofrer alterações por influência de outros participantes ao exporem seus pontos de vista. Por meio dos relatos de cada indivíduo, há a possibilidade de se identificar diferentes percepções, representações e valores sobre um mesmo assunto.

Segundo Gatti (2005), é importante que o moderador respeite o princípio da não-diretividade, facilitando as trocas e estimulando a participação de todos.

Nesse sentido, os mesmos respondem questões pertinentes ao assunto abordado e, os grupos focais, nessa fase da pesquisa, trouxeram, de maneira mais clara, o que de fato perceberam como mais relevante na reportagem a que assistiram, o que nos permitiu verificar se há, para eles, relação entre ao que assistiram e o que é vivenciado na escola e como é esta relação.

Para interpretar os dados coletados tanto na aplicação de questionário quanto nos grupos focais, também utilizamos análise de conteúdo. Considerando a perspectiva de Franco (2005, p. 16),

[...] a análise de conteúdo requer que as descobertas tenham relevância teórica. Uma informação puramente descritiva não relacionada a outros atributos ou às características do emissor é de pequeno valor. O dado de uma mensagem deve, necessariamente, estar relacionado, no mínimo, a outro dado. O liame entre este tipo de relação deve ser representado por alguma forma de teoria. Assim, toda análise de conteúdo implica comparações textuais (FRANCO, 2005, p. 16).

Em específico dos grupos focais, não há levantamento estatístico envolvido, uma vez que os dados coletados são de natureza qualitativa, como aponta Morgan (1988). Contudo, faz-se necessário analisar os dados de modo que os mesmos tragam, com a máxima isenção e objetividade possíveis, as percepções do foco de estudo.

4 RESULTADOS: QUESTIONÁRIOS APLICADOS A ADOLESCENTES

O presente capítulo apresenta os resultados referentes à análise dos questionários aplicados a alunos do Ensino Fundamental II de duas escolas públicas e duas, particulares, do município de Presidente Prudente, com as seguintes perguntas:

1 – O que você acha que significa este termo *bullying*?

2 – Você se lembra de ter assistido a alguma reportagem sobre *bullying* na TV? Qual foi?

3 – Do que você mais se lembra nessa reportagem? Comente de forma breve.

4 – Sobre a reportagem a que você assistiu e comentou acima, informe a emissora (canal) na qual esta foi exibida. Em que programa: jornal, programa de entrevistas, de entretenimento, de variedades, essa reportagem foi exibida? E há quanto tempo?

5 – Sobre o assunto abordado na reportagem citada acima, você viu outras reportagens com o mesmo tema? Conte do que se lembra.

6 – Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre *bullying*?

A partir de leituras das respostas dos questionários, organizamos os dados de acordo com os anos escolares dos respondentes (a faixa etária), sendo que agrupamos 6º com 7º anos e 8º com 9º anos; além disso, elaboramos categorias de análises e apresentamos, então, as tendências de respostas, destacando aquelas que ilustram a percepção dos adolescentes sobre *bullying* e mídia. Para facilitar a comparação dos dados, utilizamos as mesmas categorias em todas as tabelas, mesmo que determinada categoria não tivesse aparecido nas respostas dos questionários.

4.1 Resultados dos questionários aplicados em escolas públicas e particulares

Por se tratar de questionários com estudantes menores de 18 anos, a aplicação dos mesmos se deu após a autorização dos responsáveis, conforme a documentação apresentada no Comitê de Ética em Pesquisa, da FCT/ Unesp. Contudo, durante as visitas às instituições de ensino, encontramos maior dificuldade na entrega do documento assinado pelos pais nas escolas públicas, o que resultou em menos questionários aplicados nas diferentes faixas etárias, conforme podemos visualizar na Tabela 1.

Tabela 1 – Número de respondentes por ano e tipo de escola

Séries	Escolas Públicas A e B	Escolas Particulares C e D
6º e 7º anos	47	69
8º e 9º anos	44	74
Total	91	143

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

A primeira questão aplicada aos estudantes teve a seguinte abordagem: “O que você acha que significa este termo *bullying*?”. Essa pergunta foi elaborada para compor o instrumento de coleta de dados com o intuito de verificar o que os estudantes compreendem a respeito do fenômeno para, nas perguntas posteriores, entender se as reportagens citadas pelos alunos de fato tratavam-se ou não de *bullying*, pois, muitas vezes, a forma equivocada de se entender esse tipo de violência pode influenciar no modo de identificar o *bullying*, inclusive em programações televisivas. Na Tabela 2 apresentamos as categorias de respostas dos alunos de 6º e 7º anos.

Tabela 2 – Categorias e número de respostas dos alunos das escolas públicas A e B e das escolas particulares C e D – 6º e 7º anos sobre o significado de *bullying*

Categorias	Número de respostas das escolas públicas	%	Número de respostas das escolas particulares	%
Agredir verbalmente e/ou fisicamente.	23	41,8%	31	35,6%
Agredir verbalmente e/ou pela internet.	1	1,8%	0	0%
Agressão constante, perseguição, sempre com o mesmo alvo, sendo um ou mais autores.	11	20%	13	14,9%
Brincadeira de mau gosto	7	12,7%	16	18,4%
Apresenta consequências aos envolvidos.	1	1,8%	3	3,5%
Ato de ferir, desrespeitar, maltratar, ou agredir por conta das características do alvo.	2	3,6%	11	12,6%
Confunde <i>bullying</i> com outras formas de violências.	6	10,9%	9	10,3%
Apresenta aspectos negativos do <i>bullying</i>	0	0%	3	3,5%
Apresentam valores como respeito e amizade, como forma de combate ao <i>bullying</i> .	3	5,5%	1	1,2%
Não sabe ou não respondeu.	1	1,8%	0	0%
Total:	55	100%	87	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Conforme podemos observar na Tabela 2, a maior parte das respostas dos estudantes de 6º e 7º anos, tanto da escola pública (41,8%) quanto da particular (35,6%) define *bullying* como agressão física e/ ou verbal. Nessas respostas¹ diversos estudantes citam exemplos como brigas, humilhações, xingamentos, entre outros, conforme os seguintes exemplos: “Agressão, violência tanto verbal quanto física, xingar, bater, agredir, insultar” (resposta de um menino do 7º ano de escola pública) e “Eu acho que significa maltratar, xingar, brigar, com muito desrespeito” (resposta de um menino, do 6º ano, de escola particular). Esse conceito de que o *bullying* trata-se de violência física e verbal também está presente na literatura; contudo entendemos, pelo referencial apresentado, que o *bullying* se dá de outras formas e contém outras características, as quais não apareceram nessa classe de resposta (BANDEIRA; HULTZ, 2010; LOPES NETO, 2005).

Por outro lado, a segunda categoria com maior frequência de respostas na escola pública (20%) relaciona o *bullying* à agressão constante e, até mesmo, perseguição do autor para com o alvo, sendo que, muitas vezes, os ataques podem ser cometidos por mais de um autor. A resposta da estudante do 6º ano de escola pública, ilustra essa tendência: “Eu acho que significa perseguição, uma pessoa faz coisas erradas com a outra pessoa todos os dias pra magoar, isso é perseguição”. Esse tipo de resposta também foi frequente entre os estudantes da escola particular (14,9%), sendo a terceira mais citada, como mostra a resposta de uma menina do 7º ano: “Eu acho que significa várias pessoas excluindo a outra, dando apelidos de mau gosto”. Esse tipo de definição, segundo a literatura sobre *bullying* define melhor as formas de agressão, pois uma das principais características do fenômeno é o fato de ser constante, e sempre com um mesmo alvo (FANTE, 2005; TOGNETTA, 2005).

Na escola particular, a segunda categoria que mais apareceu (18,4%) foi a que apontou entre os estudantes, confusão do termo *bullying* com brincadeira de mau gosto, como “zoações”, piadas e apelidos, enquanto que, na escola pública esta foi a terceira categoria dentre as mais representativas (12,7%). Uma das respostas com esse tipo de afirmação foi a da aluna do 7º ano da escola particular: “Significa que outras pessoas fazem piada sobre o outro, não gostam do outro pois são racistas, etc.”. Conforme já destacamos, anteriormente, *bullying* não pode ser confundido com brincadeiras entre os estudantes, como ocorre nas salas de aula, isso porque, uma vez que esse tipo de violência permeia as relações, o mesmo pode provocar danos aos envolvidos, sendo caracterizado pela frequência e consequências negativas principalmente ao alvo (PEREIRA, 2009).

¹ Optou-se por apresentar as respostas dos alunos de forma transcrita entre aspas e em itálico a fim de destacá-las do restante do texto, facilitando, assim, sua leitura e compreensão.

As demais categorias obtiveram uma quantidade menor de respostas, contudo, destacamos a categoria em que os estudantes relatam que *bullying* causa consequências aos envolvidos (1,8% na pública e 3,5% na particular), uma vez que, pelas respostas pudemos observar que os mesmos percebem prejuízos tanto aos autores quanto aos expectadores e, sobretudo, aos alvos, como na resposta de uma menina, do 7º ano da escola particular: “*Eu acho que significa você humilhar uma pessoa e xingar ela. Quando fazem isso podem tirar toda a felicidade da pessoa*”. Vimos na revisão teórica aqui apresentada que esta é uma forma de violência grave, principalmente, por causar danos que podem ser irreversíveis.

Na Tabela 3, ilustramos as mesmas categorias de respostas sobre a pergunta “O que você acha que significa este termo *bullying*?”, contudo os sujeitos da pesquisa, nesta próxima tabela, tratam-se de alunos de 8º e 9º anos, de escola pública e particular.

Tabela 3 - Categorias e número de respostas dos alunos da escola pública A e B – 8º e 9º anos e das escolas particulares C e D sobre o significado de *bullying*

Categorias	Número de respostas de Escola Pública	%	Número de respostas de Escola Particular	%
Agredir verbalmente e/ ou fisicamente.	31	54,4%	46	46,5%
Agredir verbalmente e/ ou pela internet.	1	1,8%	6	6,1%
Agressão constante, perseguição, sempre com o mesmo alvo, sendo um ou mais autores.	8	14%	16	16,1%
Brincadeira de mau gosto.	4	7%	2	2%
Apresenta consequências aos envolvidos.	2	3,5%	9	9,1%
Ato de ferir, desrespeitar, maltratar, ou agredir por conta das características do alvo.	6	10,5%	7	7,1%
Confunde <i>bullying</i> com outras formas de violências.	4	7%	11	11,1%
Apresenta aspectos negativos do <i>bullying</i> .	0	0%	1	1%
Apresentam valores como respeito e amizade, como forma de combate ao <i>bullying</i> .	1	1,8%	0	0%
Não sabe ou não respondeu	0	0%	1	1%
Total:	57	100%	99	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Entre os estudantes de 8º e 9º anos, a categoria com maior número de respostas (54,4% de escola pública e 46,5% de particular) também foi a que conceituou *bullying* como agressão física e/ ou verbal. A resposta de um adolescente do 9º ano de escola pública nos despertou a atenção pela forma de definir o fenômeno: “*O termo bullying refere-se à perseguição de uma pessoa a outra, batendo, xingando todo dia, sem que a pessoa possa se defender. Isso ocorre muito com pessoas gordas, baixas, magras, altas, etc.*”. Embora o estudante não explique toda a abrangência do *bullying*, cita formas de como o mesmo pode ocorrer, pois apresenta aspectos que vão ao encontro de conceitos apresentados na literatura da área (TOGNETTA, 2005; FANTE; PEDRA, 2008).

Outra categoria representativa em ambas as escolas (14% na pública e 16,1% na particular), relaciona o *bullying* com agressão constante, perseguição, sempre com o mesmo

alvo, como *“uma coisa que é ruim, feita várias vezes pela mesma pessoa, xingando ou batendo porque a outra pessoa é diferente”* (resposta de um adolescente do 8º ano de escola particular) ou como relatado pelo aluno do 9º ano, de escola pública: *“Quando uma pessoa sofre agressão física ou verbal de uma ou mais pessoas, por várias vezes”*.

A terceira maior frequência de respostas na escola pública (10,5%) apareceu explicando o fenômeno como um ato de ferir, desrespeitar, maltratar ou agredir o alvo, em consequência de suas características físicas ou comportamentais, como destacado nas respostas da estudante do 8º ano, de escola pública *“Uma agressão que pode ser verbal, mas que machuque alguém”*. Embora esse tipo de resposta tenha aparecido em menor quantidade na escola particular (7,1%), chama-nos a atenção a descrição de uma aluna do 9º ano: *“Para mim, bullying significa ferir o próximo por alguma característica diferente que ele tem sem nenhum motivo, apenas por diversão”*, uma vez que mostra como a ação de *bullying* pode ocorrer, por exemplo, sem nenhuma razão aparente. Bandeira (2009) explica que os autores escolhem os alvos, geralmente, por alguma característica física como o fato de usar óculos, ser obeso, ou não se enquadrar nos “padrões de beleza” estabelecidos. Além disso, os ataques podem ocorrer simplesmente por conta de timidez ou trejeitos como a orientação sexual do alvo.

Também, na escola particular, pudemos notar que parte dos estudantes (11,1%) confunde *bullying* com outras formas de violência como, por exemplo, eventuais brigas, conflitos entre alunos e professores, entre outros. Segundo um aluno do 8º ano de escola particular, *bullying* significa *“Humilhações, violências feitas repetitivamente de alunos para funcionários ou de funcionários para alunos”*. Sabemos que, como característica principal, o *bullying* ocorre entre pessoas da mesma faixa etária e não há desigualdade de poder entre os envolvidos como, por exemplo, na relação entre criança e adulto.

As outras categorias obtiveram menos de 10% de registros; entretanto, destacamos respostas sobre consequências aos envolvidos (3,5% na pública e 9,1% na particular), como descrito por uma aluna do 9º ano, de escola pública, *“Um ato de violência com pessoas indefesas, que podem ficar com problemas, muitas vezes leva até a morte das pessoas que são vítimas”*.

Também nos chamaram a atenção as respostas que apontaram a internet como local da prática de *bullying* (1,8% na pública e 6,1% na particular), isso porque, com a criação de redes sociais, o fenômeno tem crescido também no espaço virtual, como aparece na resposta de uma adolescente do 9º ano, de escola particular *“Bullying para mim é o ato de*

desrespeitar alguém seja através da fala pela internet ou fisicamente”. Conforme descrevemos no referencial teórico, o *bullying* na internet é denominado como *cyberbullying*, e se trata de uma forma ainda mais perversa, pois, muitas vezes, o alvo não sabe quem está provocando os ataques, o que dificulta a sua contenção.

Após responderem à pergunta 1 “O que você acha que significa este termo *bullying*?”, os alunos também responderam a outras questões cujo objetivo era fazer com que relatassem reportagens vistas pelos mesmos acerca do fenômeno na mídia televisiva:

2 – Você se lembra de ter assistido a alguma reportagem sobre *bullying* na TV? Qual foi?

3 – Do que você mais se lembra nessa reportagem? Comente de forma breve.

4 – Sobre a reportagem a que você assistiu e comentou acima, informe em qual emissora (canal) esta foi exibida. Em que programa: jornal, programa de entrevistas, de entretenimento, de variedades, essa reportagem foi exibida? E há quanto tempo?

Com o objetivo de verificar quais reportagens ou outras programações televisivas acerca de *bullying* eram mais citadas, fizemos a análise de dados categorizando as três perguntas descritas acima (questões 2, 3 e 4) em uma única tabela, como pode ser visto a seguir.

Tabela 4 - Categorias e número de respostas dos alunos das escolas públicas e particulares – 6º e 7º anos sobre descrição de reportagens ou outras programações vistas.

Descrição	Número de respostas de Escola Pública	%	Número de respostas de Escola Particular	%
Descreve uma “propaganda educativa” (mensagem explicativa de <i>bullying</i> durante o horário comercial).	2 (Globo: 1 ano) 1 (Cartoon Network: ainda passa) 1 (Discovery: ainda passa) 1 não menciona	11,9%	3 (Globo – 1 ano) 6 (Cartoon Network – ainda passa) 2 (Nicklodean – 1 ano) 2 (Não lembra)	17,8%
Descreve reportagem sobre casos de <i>bullying</i> .	Ocorreu na escola: 6 (5 Globo, telejornais, períodos variados; 1 Record, telejornal, 1 ano) Apresenta consequências aos alvos: 6 (4 Globo, telejornais, períodos variados; 2 Record, telejornais, 6 meses)	28,6%	Ocorreu na escola: 13 (11 Globo, telejornais, períodos variados; 1 Record, jornal, não lembra período, 1 CNNI, jornal, 1 ano) Apresenta consequências aos alvos: 9 (5 Globo, telejornais, períodos variados; 3 Band, telejornais, 1 ano; 1 SBT, telejornal, 2 anos)	30,1%
Confunde <i>bullying</i> com outras formas de violência.	7	16,6%	11	15,1%
Cita um livro ou filme que tratou o assunto.	6	14,3%	2	2,7%
Cita uma reportagem sobre o caso de Realengo.	1 (Globo, telejornal, 2 anos)	2,4%	3 (3 Globo, telejornal, 2 anos)	4,1%
Cita uma reportagem sobre agressão do alvo com o autor (gordinho x magrinho).	6 (4 na Globo, telejornais/fantástico, 2 anos; 1 na Record, telejornal, 2 anos; 1 não se lembra emissora e programa, 2 anos)	14,3%	7 (5 Globo, telejornais, 2 anos; 2 não lembram onde nem quando assistiram)	9,6%
Cita vídeo sobre <i>bullying</i> na internet	1 (há 1 ano)	2,4%	4 (há 2 anos)	5,6%
Descreve ação (prevenção ou combate ao <i>bullying</i>) feita pela escola em que estuda.	3 (ação na escola, há 1 ano)	7,1%	2 (há 1 ano)	2,7%
Descreve reportagem que explica o <i>bullying</i> .	1 (Rede Globo, telejornal, não lembra período)	2,4%	2 (2 Globo, jornais, 8 meses)	2,7%
Não menciona ou não lembra.	0	0%	7	9,6%
Total:	42	100%	73	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Por meio da Tabela 4 identificamos que os estudantes não só relataram reportagens vistas, mas também outras fontes de informação como desenhos, filmes, livros, ações realizadas na escola e vídeos divulgados na internet. Contudo, verificamos que a maior parte das categorias revela que os estudantes já assistiram a algum tipo de reportagem que aborda o tema *bullying*. Entretanto, podemos ver que os alunos, em sua grande maioria, não relataram casos específicos de grande repercussão.

A categoria mais representativa foi a que engloba relatos de reportagens sobre casos de *bullying* ocorridos no ambiente escolar ou que enfatizaram consequências negativas aos alvos (28,6% de pública e 30,1% de particular), sendo exibidas em emissoras de canal aberto, na maioria dos casos em telejornais da Rede Globo, em períodos variados.

As respostas de uma aluna do 7º ano de escola pública e a de uma outra, também do 7º ano da escola particular, respectivamente, ilustram esse dado: “*Uma menina sofria bullying pelos colegas de sala e então ela não aguentou mais e não queria ir na escola. Ela parou de estudar e ficou com traumas por isso*” e “*Eu assisti em vários lugares que as pessoas que sofreram bullying ficavam trancadas dentro de casa, não gostavam de ir na escola, conversar com os outros, e sofria muito*”.

Como apontamos no capítulo 2, sobre *Bullying* e Mídia, a televisão utiliza-se de discursos para provocar comoção social e, assim, manter a audiência, o que não é diferente com a apresentação de casos de *bullying*. Percebemos que, muitas vezes, a tragédia é enfatizada com o objetivo de espetacularização, o que é comum dentro das programações televisivas e pode justificar o fato de tantos alunos se lembrarem de reportagens de casos ocorridos na escola ou que tiveram consequências ao alvo. Contudo, entendemos que o discurso midiático não se aprofunda, o que, inclusive, é uma característica do veículo de comunicação, e, por isso, a partir dessas coberturas sobre *bullying*, entendemos que cabe à escola ampliar as discussões sobre o assunto exatamente pelo fenômeno se apresentar dentro deste espaço, utilizando-se das possibilidades apresentadas pela mídia-educação (FISCHER, 2002; BACCEGA, 2001).

Na escola particular, outra categoria que teve uma quantidade significativa de respostas (17,8%) foi em relação à descrição de “propagandas educativas”² com orientações sobre o *bullying*, exibidas durante o horário comercial, há cerca de 1 ano, na Rede Globo, emissora de canal aberto e outras que ainda são veiculadas no Cartoon Network, Nickelodeon

² O termo “propagandas educativas” apareceu descrito pelos alunos como as mensagens veiculadas em emissoras de TV durante o horário comercial, como institucionais informativos acerca de temas variados e, entre estes, produções que procuram explicar o fenômeno *bullying*, trazer características e alertas acerca do mesmo.

e Discovery, emissoras de canal fechado que possuem, em grande parte de sua programação, desenhos e filmes infantis.

Esse tipo de resposta também apareceu, contudo em menor quantidade na escola pública (11,9%). No relato de uma menina do 6º ano de escola particular, podemos observar a descrição desse tipo de “propaganda”: “*Ví numa propaganda do Cartoon que falava que a hora de falar de bullying é agora, que você não pode esconder de ninguém se está sofrendo com isso, porque tem que falar*”. Acreditamos que o fato de alunos de escola pública terem relatado menos a programação de desenhos em emissoras de canal fechado pode estar relacionado à dificuldade de acesso aos mesmos. Como nos questionários foram solicitados aos estudantes que informassem sobre reportagens, chamou-nos a atenção os mesmos citarem outros meios como fonte de informação acerca de *bullying*. Andrade (2004) ao estudar gênero, classe e geração na televisão brasileira, explica que a escolha da programação está relacionada com o meio social em que o telespectador vive, pois “assistir à tv é sempre um comportamento em um contexto, um termo genérico para uma heterogeneidade de atividades com multivariados significados” (ANDRADE, 2004, p. 11).

Por se tratar de propagandas que abordem a prevenção, esse tipo de ação reforça a ideia de que o assunto deve ser discutido, sendo o *bullying* um tipo de violência específica, a qual se deve dar a devida atenção. Embora as mensagens exibidas não tragam informações mais completas acerca do fenômeno, compreendemos que as mesmas contribuem no sentido de alertar os telespectadores sobre esta prática. Autores que estudam o tema (AVILES, 2013; LOPES NETO, 2005) reforçam a importância de se expor o assunto, pois a comunidade precisa conhecer esse tipo de violência. Sobretudo, a propaganda veiculada na mídia televisiva, por se tratar de uma comunicação de massa, ou seja, que abrange grandes públicos, e que pode atingir receptores capazes de colaborar para prevenção e combate a essa prática, sendo esta uma mídia que traz certa credibilidade ao telespectador (MINAYO et al, 1999).

Na escola pública, a segunda categoria mais representativa é a que trata das respostas que, de certa forma, confundem *bullying* com outras formas de violência (16,6%). Na escola particular, relatos como esse apareceram com a terceira maior quantidade de questionários respondidos (15,1%).

Acreditamos que o fato de os alunos confundirem outras formas de violência com *bullying* pode estar atrelado à falta de conhecimento sobre o assunto, o que, conseqüentemente nos leva a pensar na seguinte questão: A escola tem trabalhado no sentido de esclarecer o fenômeno ou mesmo de promover discussões relativas à prevenção e combate

do mesmo? Ações promovidas no ambiente escolar apareceram entre as respostas dos estudantes, porém em uma quantidade muito pequena (7,1% na pública e 2,7% na particular), o que pode responder à questão levantada. Nesse aspecto, entendemos que o trabalho de educação em valores seja um caminho para a condução de discussões de assuntos como esse e para resolução de conflitos, no sentido de formar alunos para refletirem e incorporarem valores necessários para a boa convivência (MENIN, 1996; VINHA, 2003).

A terceira categoria que se destacou nas respostas dos estudantes da escola pública (14,3%), aborda uma reportagem de grande repercussão internacional, sobre um caso de agressão de um garoto que era alvo de *bullying* por ser gordo e que, após ser insultado, pegou o autor das agressões e o jogou com força no chão. A cena gravada, por retratar uma imagem que chocou os telespectadores, foi utilizada em diversas reportagens exibidas sobre o tema, nas diferentes mídias, inclusive a televisiva. Na escola particular, essa foi a quarta categoria que se destacou pela quantidade de respostas (9,6%).

Apresentamos duas falas de estudantes acerca dessa categoria: *“Uma reportagem sobre um garoto gordinho, do Austrália, e um moleque magro. O garoto gordinho estava em paz quando o magro chegou e começou a provocar ele, aí o gordinho levantou o magrelo e jogou com força no chão. Parece que o magrinho perturbava ele faz tempo”*, resposta de um menino de 7º ano de escola pública, e *“Era de um menino que praticava bullying com um gordinho, acho que nos EUA ou Austrália, daí ele não aguentou mais ficar sendo amolado e resolveu revidar jogando o magrinho no chão”*, resposta de um menino do 7º ano de escola particular.

Esse fato nos sugere que o que parece prender a atenção dos alunos é a vingança e o revide como solução do *bullying*, uma vez que, nos relatos, o alvo é apresentado com uma pessoa que foi capaz de superar a situação de humilhação, colocando-se como herói ao usar a força para resolver o conflito. Rangel (2004), um dos pesquisadores sobre violência na mídia, acredita que o telespectador pode concordar com cenas de violência apresentadas em programações televisivas, embora isso não signifique que o mesmo tente repetir ao que assistiu. Cada telespectador compreende o discurso midiático de forma diferente, uma vez que este passa pelas mediações, como defende Barbero (2009).

É interessante observar que um massacre ocorrido no Brasil, em 2011, em que um adulto com prováveis perturbações psicológicas invadiu uma escola pública, no Rio de Janeiro e atirou contra vários professores e estudantes, provocando uma tragédia com 12 mortos, sendo todos alunos, foi relatado por poucos estudantes respondentes do questionário

(2,4% de pública e 4,1% de particular). Esperávamos encontrar mais respostas sobre tal episódio que, embora não seja caracterizado como *bullying*, na época foi tratado como tal. Dentro de diversas programações televisivas, inclusive telejornais, foi apresentado que o assassino teria sido vítima de ataques no passado, nesse mesmo ambiente escolar, e que teria retornado para se vingar do sofrimento vivido, conforme relatou em uma carta que escreveu antes da tragédia.

Montoro (2001) explica que a espetacularização com a exibição repetida de cenas reais e até recursos como a dramaturgia são utilizados pela televisão como formas de prender a atenção dos telespectadores. Brasiliense (2012) afirma que as reportagens evidenciam as agressões, os envolvidos e os respectivos desdobramentos com o intuito de justificar o ocorrido e que, em pouco tempo, caem no esquecimento assim que outras tragédias ocorram. Isso pode justificar a pouca quantidade de respostas que se referiram a esse episódio em questão.

Na Tabela 5 é possível visualizar as respostas dos estudantes do 8º e 9º anos de escolas pública e particular, sobre as perguntas:

2 – Você se lembra de ter assistido a alguma reportagem sobre *bullying* na TV? Qual foi?

3 – Do que você mais se lembra nessa reportagem? Comente de forma breve.

4 – Sobre a reportagem a que você assistiu e comentou acima, informe em qual emissora (canal) esta foi exibida. Em que programa: jornal, programa de entrevistas, de entretenimento, de variedades, essa reportagem foi exibida? E há quanto tempo?

Tabela 5 – Categorias e número de respostas dos alunos de escolas pública e particular – 8º e 9º anos sobre descrição de reportagens e outras programações vistas.

Descrição	Número de respostas de Escola Pública	%	Número de respostas de Escola Particular	%
Descreve uma “propaganda educativa” (mensagem explicativa de <i>bullying</i> durante o horário comercial).	2 (Globo: 1 ano) 2 (Cartoon Network: ainda passa)	8,7%	2 (Globo: 1 ano) 2 (Cartoon Network: ainda passa) 2 (Boomerang – ainda passa)	8,1%
Descreve reportagem sobre casos de <i>bullying</i> .	Ocorreu na escola: 13 (8 Globo, telejornais, períodos variados; 4 Record, telejornal, 1 ano; 1 Band, telejornal, 1 ano) Apresenta consequências aos alvos: 4	37%	Na escola: 18 (15 Globo, jornais, períodos diversos; 1 Record, não se lembra do programa nem o período exibido; 1 National Geographic, documentário, 1 ano; 1 não lembra emissora, telejornal e período exibido) Consequências aos alvos: 16 (16 Globo, telej., per. variados)	46%
Confunde <i>bullying</i> com outras formas de violência.	4	8,7%	6	8,1%
Cita um livro ou filme que tratou o assunto.	2	4,3%	2	2,7%
Cita uma reportagem sobre o caso de Realengo	0	0%	2 (Globo, telejornais, 2 anos)	2,7%
Cita uma reportagem sobre agressão do alvo com o autor (gordinho x magrinho).	13 (8 na Globo, telejornais, 2 anos; 1 Record, telejornais, 2 anos; 4 não lembra, 2 anos)	28,3%	13 (12 Globo, telejornais, 2 anos; 1 Band, telejornal, 2 anos)	17,6%
Cita vídeo sobre <i>bullying</i> na internet	4 (não lembra)	8,7%	1 (2 meses)	1,3%
Descreve ação (prevenção ou combate ao <i>bullying</i>) feita pela escola em que estuda.	0	0%	0	0%
Descreve reportagem que explica o <i>bullying</i> .	2 (Globo, jornal, 2 anos)	4,3%	8 (7 Globo, telejornais, períodos variados; 1 GNT, documentário, 1 ano)	10,8%
Não menciona ou não lembra.	0	0%	2	2,7%
Total:	46	100%	74	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Ao observar as respostas dos estudantes de 8º e 9º anos de escolas pública e particular, percebemos na Tabela 5 que a maior parte já assistiu a diversas reportagens e a outras programações televisivas sobre *bullying*, tendo as mesmas evidenciado o problema na escola ou consequências provocadas ao alvo desse tipo de violência.

Na escola pública, respostas com o perfil citado acima representaram 37% dos questionários analisados. Na escola particular, esse tipo de resposta obteve 46% de frequência. As respostas de estudantes ilustram essa categoria: *“Eu já vi reportagens sobre adolescentes que se matam por conta do bullying, que resolvem dar o troco. E também como pais devem identificar se os filhos estão sofrendo bullying e como ajudá-los. Nas reportagens apareciam adolescentes isolados no ambiente escolar, sem muitos amigos, sendo humilhados pelos colegas de classe”* – resposta de uma menina do 8º ano de escola pública.

Em outra resposta, também de menina de 8º ano, porém de escola particular, a mesma relata ter assistido a reportagens mostrando a superação do problema *“Já vi reportagens sobre as causas e as consequências, além de depoimentos de pessoas que superaram e de agressores. Me lembro das vítimas contando de seu medo de frequentar alguns locais e de agressores que se diziam arrependidos disso. Além de ver psicólogos explicando porque o agressor faz isso”*. Nesse tipo de resposta observamos as consequências que o *bullying* provoca especialmente nos alvos, cuja faixa etária corresponde ao período da adolescência, em que os mesmos frequentam a escola.

Nos relatos acima descritos, notamos que o tema é amplamente divulgado pela mídia, evidenciando suas consequências especialmente aos alvos, com características parecidas com as que encontramos nos estudos de pesquisadores sobre *bullying* como Fante (2005) e Tognetta e Vinha (2010).

Outra categoria que apareceu em segundo lugar na quantidade de respostas dos estudantes (28,3% de escola pública e 17,6% de escola particular) foi sobre a história de um alvo de *bullying* que era obeso e se vingou do autor ao jogá-lo ao chão com força. O caso descrito é o mesmo relatado também entre estudantes de 6º e 7º anos.

Em relação à questão 5: *“Sobre o assunto abordado na reportagem citada acima, você viu outras reportagens com o mesmo tema? Conte do que se lembra”*, elaboramos as categorias de respostas apresentadas pelos estudantes e as organizamos na Tabela 6. Apresentamos, portanto, as categorias mais representativas entre as respostas dos estudantes de escolas pública e particular de 6º e 7º anos.

Tabela 6 - Categorias e número de respostas dos alunos das escolas pública e particular – 6º e 7º anos sobre outras reportagens ou outras programações vistas.

Categorias	Número de respostas Escolas Públicas	%	Número de respostas Escolas Particulares	%
Não viu ou não lembra.	34	72,3%	40	60,6%
Sim, mas não detalhou.	0	0%	0	0%
Sim, e cita que o tema é frequente na TV.	4	8,5%	17	25,8%
Sim, mas confunde com outras formas de violência.	2	4,3%	1	1,5%
Sim, mas cita reportagem de revista impressa.	0	0%	0	0%
Sim, mas relata que o assunto foi apresentado pela escola.	0	0%	1	1,5%
Sim, e relata que famosos comentaram terem sido alvo de <i>bullying</i> no passado.	0	0%	0	0%
Sim, e cita reportagens com consequências ao alvo.	4	8,5%	4	6,1%
Sim, e cita um filme ou livro que trata do assunto.	2	4,3%	2	3%
Sim, e comenta que assistiu a um vídeo sobre o assunto na internet.	1	2,1%	1	1,5%
Total	47	100%	66	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Conforme apontado na Tabela 6, a maior parte dos estudantes de 6º e 7º anos de ambas as escolas, relataram que não se lembram de outras reportagens sobre o tema *bullying* ou não responderam (72,3% de escola pública e 60,6% de escola particular). Esse resultado nos remete a seguintes questões: Estariam os pré-adolescentes da faixa etária de 10 a 12 anos, atentos a exibição de assuntos referentes ao *bullying*? Por se tratar de alunos que estão em transição da infância para entrar na adolescência, os mesmos sabem identificar as diferenças entre *bullying* e outras formas de violência presentes na escola e exibidas na mídia?

Entendemos que os estudantes responderam que não assistiram a outras reportagens, pois o gênero jornalístico não costuma ser direcionado para esse público, inclusive nas emissoras de canal aberto; portanto, os pré-adolescentes podem até terem visto, ocasionalmente, junto com a família, uma vez que, geralmente, assistem a outras programações como podemos observar em algumas respostas diferentes ao citarem filme, vídeo na internet ou livro que tratem sobre *bullying*.

Contudo, alguns estudantes descreveram que assistiram a outras programações a respeito de *bullying* na televisão, o que reforça nossa hipótese de que esse assunto é abordado de forma recorrente na mídia. Podemos confirmar isso a partir da categoria que teve a segunda maior frequência de respostas entre os estudantes da escola particular (25,8%), os quais citaram que o tema é frequente na TV: “*Esses casos de bullying são bastante apresentados em tudo que é canal, nos jornais mais que em outros programas*” (resposta de um menino do 7º ano de escola particular). Tal resultado também foi conferido entre os questionários da escola pública (5,8%). Percebemos, nas respostas do público investigado, que o *bullying* é tratado em diferentes programações como novelas, seriados, desenhos, filmes, programas de entretenimento, propagandas educativas, etc., e não só nos telejornais, por isso os estudantes relataram que o assunto é abordado frequentemente na televisão.

Outra categoria com quantidade significativa de respostas entre os participantes (8,5% de escola pública e 6,1% de escola particular) é a respeito de reportagens que mostram casos de *bullying* com consequência aos alvos, como expõem as seguintes falas: “*A reportagem contava de uma garota que se suicidou porque sofria bullying*” (resposta de uma menina, do 6º ano de escola pública); “*A reportagem falava que a maioria sofria muito com o bullying e que não era para ter medo de contar para os pais*” (resposta de um menino do 7º ano de escola particular).

As demais categorias obtiveram pouca quantidade de respostas.

Na Tabela 7 podemos conferir as respostas de estudantes de 8º e 9º anos, dadas a mesma questão relatada acima.

Tabela 7 - Categorias e número de respostas dos alunos das escolas pública e particular – 8º e 9º anos sobre outras reportagens ou outras programações vistas.

Descrição	Número de respostas Escolas Públicas	%	Número de respostas Escolas Particulares	%
Não viu ou não lembra.	24	53,4%	33	41,2%
Sim, mas não detalhou.	1	2,2%	1	1,3%
Sim, e cita que o tema é frequente na TV.	15	33,3%	30	37,5%
Sim, mas confunde com outras formas de violência.	1	2,2%	4	5%
Sim, mas cita reportagem de revista impressa.	0	0%	3	3,7%
Sim, mas relata que o assunto foi apresentado pela escola.	3	6,7%	3	3,7%
Sim, e relata que famosos comentaram terem sido alvo de <i>bullying</i> no passado.	0	0%	1	1,3%
Sim, e cita reportagens com consequências ao alvo.	0	0%	5	6,3%
Sim, e cita um filme ou livro que trata do assunto.	1	2,2%	0	0%
Sim, e comenta que assistiu a um vídeo sobre o assunto na internet.	0	0%	0	0%
Total	45	100%	80	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Assim como apresentado pelos estudantes de 6º e 7º anos, a maior parte dos alunos de 8º e 9º anos também mencionou não lembrar ou não relataram outras reportagens a que tenham assistido na TV (53,4% de escola pública e 41,2% de escola particular).

Todavia, a quantidade de respostas dos alunos apontando que assistiram ao tema na TV, pelo fato de o mesmo ser exibido com frequência, é bem superior ao número registrado entre os alunos das séries anteriores (33,3% de escola pública e 37,5% de escola particular). O relato de uma aluna do 8º ano de escola pública, ilustra essa categoria: *“Já vi várias reportagens não só na TV, mas em blogs. Na TV, principalmente eles dizem como identificar, lidar com o assunto em casa e na escola, como tratar esses jovens. Vejo sempre”*.

Compreendemos que a quantidade maior de respostas entre estudantes de 8º e 9º anos, pode estar relacionada ao fato de que, a partir dessa faixa etária, os alunos começam a assistir a telejornais ou a programas de entrevista, especialmente pelo fato de as famílias, muitas

vezes, estarem reunidas em espaços em que haja televisões ligadas e cuja programação desse tipo possa estar sendo acompanhada por adultos.

Destacamos, na escola pública, o registro dos estudantes de que o *bullying* foi ou tem sido um tema abordado no espaço escolar em que estudam (6,7%). Embora a pergunta feita aos alunos seja de reportagens, os mesmos relataram que, na escola, iniciativas de esclarecer, prevenir ou combater o fenômeno foram realizadas: “*Vimos e estudamos o assunto na escola*” (aluna do 8º ano de escola pública).

Descrições dessa forma também foram observadas na escola particular, contudo em menor quantidade (3,7%): “*Eu também vi um teatro que foi apresentado na minha escola, o qual mostrava várias formas de bullying e suas consequências*” (aluno do 8º ano de escola particular).

Ao observar os dados dessa categoria, notamos que as escolas têm trabalhado o tema, contudo não há, nos questionários, informações suficientes para compreendermos essas ações ou mesmo identificarmos os meios para tratar de *bullying* ou ainda perceber a eficácia destas iniciativas. A literatura sobre *bullying* aponta que é papel da escola trabalhar o tema no sentido de prevenir e combater esse tipo de violência com diversos tipos de ações feitos em conjunto com toda a comunidade escolar, como assembleias participativas, levantamento de questionários com professores e alunos acerca do tema, grupos de discussões, entre outros, conforme apresentamos anteriormente (LOPES NETO, 2005; MENDES, 2011; PEREIRA, 2009).

Confusão entre o *bullying* e outras formas de violência puderam ser observadas nas respostas dos estudantes da escola particular (5%) com maior frequência que na escola pública (2,2%). Já, observamos em outras respostas a falta de esclarecimento sobre *bullying*, o que reforça que, apesar da mídia abordar com frequência o assunto, o fenômeno é apresentado superficialmente. Também vimos que há poucas iniciativas para tratar o *bullying*, ou aprofundar as discussões sobre esse tipo de violência na escola, embora este seja um espaço propício para promover a divulgação do assunto tanto de maneira a prevenir quanto de combater o *bullying*.

Outras categorias obtiveram menos de 5% de respostas.

Na Tabela 8 foram categorizadas as respostas dos alunos de 6º e 7º anos, referentes à questão 6 “Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre *bullying*?”, conforme podemos observar abaixo.

Tabela 8 - Categorias e número de respostas dos alunos das escolas públicas e particulares – 6º e 7º anos sobre outros relatos acerca do fenômeno.

Categorias	Número de respostas de Escola Pública	%	Número de respostas de Escola Particular	%
Não.	19	35,9%	34	41,5%
Sim, mas confunde <i>bullying</i> com outras formas de violência.	1	1,9%	4	4,9%
Sim, e apresenta consequências negativas ao alvo (depressão, trauma, sofrimento, suicídio, etc.).	6	11,3%	4	4,9%
Sim, e apresenta valores como respeito, solidariedade, entre outros.	5	9,4%	7	8,5%
Sim, e relata um caso próximo.	11	20,7%	4	4,9%
Sim, e sugere ou cita ações de prevenção ou combate.	1	1,9%	6	7,3%
Sim, e apresenta aspectos negativos do <i>bullying</i> .	6	11,3%	20	24,4%
Sim, e acredita que o alvo precisa de ajuda.	2	3,8%	3	3,6%
Sim, e relata que os alvos não denunciam.	1	1,9%	0	0%
Explica o que é <i>cyberbullying</i> .	1	1,9%	0	0%
Total:	53	100%	82	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Quando perguntado aos estudantes se gostariam de falar mais alguma coisa sobre o fenômeno, muitos não responderam (35,9% de pública ou 41,5% de particular). Esse dado nos leva a perceber que ou o estudante já fez considerações acerca do fenômeno em perguntas anteriores; ou, talvez, não continuou a responder o questionário por não ter mais informações sobre *bullying*.

Na escola pública, houve 20,7% de respostas que relataram situações de *bullying* vivenciadas especialmente no ambiente escolar, seja como autor, alvo ou mesmo expectador, como descrito no questionário de uma menina do 6º ano, de escola pública, “*Eu sofro bullying na escola e isso é muito constrangedor*”. Tal afirmação também foi registrada na escola particular, porém com menor volume de respostas (4,9%). Esses dados nos chamaram a atenção, pois mostram que, de fato, estudantes passam por situação de violência e, muitas vezes, a escola não consegue dar conta de identificar o fenômeno entre seus alunos e, até por

isso, pode estar utilizando apenas pontualmente ações de prevenção e contenção, quando tais medidas deveriam ser cotidianas nestes espaços.

Vale destacar que nos preocupamos em realizar a pesquisa sem a interferência de profissionais da escola; e, por isso, acreditamos que os estudantes se sentiram mais seguros em relatar os casos vivenciados no ambiente escolar, pois estudos a respeito de *bullying* revelam que os envolvidos, em especial o alvo, têm medo de procurar ajuda e/ ou denunciar (AVILÉS, 2013; FANTE; PEDRA, 2008).

Outros estudantes apresentaram, em suas respostas, aspectos negativos sobre o *bullying*. Essa categoria foi a terceira com maior frequência na escola pública (11,3%) e segunda na escola particular (24,4%). As seguintes respostas podem exemplificar a categoria: *“Queria que parassem com isso, as pessoas sofrem muito com isso e eles não deveriam falar dos outros”* (questionário de uma aluna do 6º ano de escola pública) e *“Acho que isso é muito ruim e essas pessoas que praticam o bullying devem pensar um pouco e parar com isso, pois é muito chato e feio”* (questionário de uma menina do 7º ano de escola particular).

Outras categorias foram pouco representativas, porém as destacamos a seguir, por conta da relevância do conteúdo descrito. São elas:

- consequências negativas ao alvo, sendo que o estudante demonstra reconhecer que esse tipo de violência pode causar prejuízos principalmente ao alvo, como exemplo de uma estudante do 7º ano, de escola pública: *“É um assunto muito sério que na maioria das vezes acontece com pessoas diferentes ou com estilos diferentes, acontece na escola e em outros lugares, mas é perigoso pois pode causar uma depressão na pessoa”*.
- descrição de valores como respeito e solidariedade, no sentido de que essa prática não deve ocorrer porque as pessoas são iguais e devem ser respeitadas, assim como apresentado na seguinte resposta: *“O bullying é muito ruim, e eu já sofri e não é legal, não faça com os outros o que não quer que façam com você”* – resposta de uma aluna do 6º ano de escola particular. Tognetta (2013) reforça que ambientes democráticos, que permitem o diálogo e a participação de todos, podem promover a formação de valores, sendo estes necessários para o desenvolvimento da autonomia, e, para que as

peças possam se colocar no lugar das outras, sensibilizando-se diante do sofrimento do próximo, coibindo situações de maus-tratos.

- ações de prevenção ou combate ao fenômeno, uma vez que o *bullying* precisa ser entendido como uma violência que ocorre especialmente no ambiente escolar e, portanto, não deve acontecer: “É um assunto muito importante e tem que ser falado nas escolas, para não acontecer, é muito importante conscientizar”, questionário de um aluno do 7º ano de escola pública.
- relatos de que os alvos não denunciam, ou seja, ocultam a sua ocorrência por medo ou por desacreditar na possibilidade de ser ajudado. A resposta de uma menina do 7º ano de escola pública ilustra esse pensamento: “Nós todos fazemos campanha sobre o *bullying* falando o que é, mas não criamos meios das vítimas falarem do que estão sofrendo, porque têm medo”.
- os alvos precisam de ajuda, sendo que os respondentes reconhecem que o alvo deve receber suporte para enfrentar e/ ou extinguir o problema: “A maioria das pessoas que sofrem apanham e são ameaçadas, e para enfrentar isso, tem que contar para os pais, para a diretora” (resposta de um menino de 7º ano de escola pública).
- *cyberbullying*, uma forma de *bullying* virtual que é ainda mais difícil de ser identificada. Na resposta de um aluno do 6º ano de escola particular, podemos observar uma explicação a respeito de *cyberbullying*: “Sobre o *cyberbullying*, é um tipo de *bullying* feito pela internet ou no telefone, com apelidos ofensivos e perseguições constantes”. Sobre *cyberbullying*, Avilés (2013) afirma que é uma forma perversa de ataque e que ganha visibilidade rapidamente por pessoas do meio em que o alvo vive ou até desconhecidas do mesmo. Por se tratar de uma exposição virtual do alvo, a autoria dos ataques é mais difícil de ser detectada para que a ação seja interrompida.

Na Tabela 9 apresentamos os tipos de respostas dos estudantes de 8º e 9º anos, acerca da questão: “Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre *bullying*?”.

Tabela 9 - Categorias e número de respostas dos alunos das escolas pública e particular – 8º e 9º anos sobre outros relatos acerca do fenômeno.

Categorias	Número de respostas de Escola Pública	%	Número de respostas de Escola Particular	%
Não.	9	19,2%	17	21,5%
Sim, mas confundem <i>bullying</i> com outras formas de violência.	2	4,2%	5	6,3%
Sim, e apresentam consequências negativas ao alvo (depressão, trauma, sofrimento, suicídio, etc.).	6	12,8%	15	19%
Sim, e apresenta valores como respeito, solidariedade, entre outros.	7	14,9%	7	8,9%
Sim, e relata um caso próximo.	2	4,2%	6	7,6%
Sim, e sugere ou cita ações de prevenção ou combate.	3	6,4%	6	7,6%
Sim, e apresenta aspectos negativos do <i>bullying</i> .	13	27,7%	17	21,5%
Sim, e acredita que o alvo precisa de ajuda.	5	10,6%	4	5,1%
Sim, e relata que os alvos não denunciam.	0	0%	2	2,5%
Explica o que é <i>cyberbullying</i> .	0	0%	0	0%
Total:	47	100%	79	100%

Fonte: Elaborado pela autora (2014)

Podemos observar na resposta dos estudantes de 8º e 9º anos que uma quantidade significativa destes quis comentar sobre *bullying*, em especial, destacando aspectos negativos a respeito do fenômeno (27,7% de escola pública e 21,5% de particular). Ilustramos esses resultados com as seguintes respostas: “*Bullying é um ato muito ruim que deveria ser proibido*” (aluna de escola pública) e “*acho que essa é uma prática horrível e deve necessariamente ser extinta*” (aluna de escola particular). Essa mesma tendência de resposta apareceu na tabela 8, entre as respostas de estudantes de 6º e 7º anos. Esse dado é confirmado pela literatura da área, que caracteriza o fenômeno como uma violência que traz prejuízos aos envolvidos e, por isso, é caracterizado como “ruim, ou mau” (BANDEIRA; HULTZ, 2010; FANTE, 2005).

Um número também significativo de estudantes, de ambas as escolas, não falou mais sobre o fenômeno, como também ocorreu entre alunos de 6º e 7º anos (19,2% de pública e 21,5% de particular).

4.2 Análise comparativa entre grupos de diferentes anos escolares

Percebemos, com a tabulação e descrição dos dados que na questão 1: “O que você acha que significa este termo *bullying*?”, não houve muita diferença entre as respostas dos estudantes, sendo que a grande maioria define o *bullying* como agressão física ou verbal.

Contudo, notamos que muitos alunos de 6º e 7º anos, tanto de escola pública quanto de particular, confundem *bullying* com brincadeiras de mau gosto, o que já ocorreu em menor quantidade entre os estudantes de 8º e 9º anos. Acreditamos que isso esteja relacionado ao fato de os estudantes com mais idade terem um nível de compreensão maior sobre o fenômeno, o que aparece, inclusive, em relação à forma de detalhar o mesmo, uma vez que entre alunos de 8º e 9º anos de escola pública, aumentam os relatos de que *bullying* esteja relacionado com atos de ferir, desrespeitar, maltratar e agredir em função das características do alvo.

No caso de alunos do 8º e 9º anos de escola particular, notamos que muitas respostas também explicam o fenômeno como agressão constante, perseguição, sempre com o mesmo alvo, sendo um ou mais autores. Todavia, em ambos os grupos pesquisados ainda há muita confusão entre *bullying* e outras formas de violência como racismo ou preconceito.

Fante (2005), ao realizar a primeira pesquisa sobre *bullying* em escolas brasileiras também constatou que os estudantes não compreendiam a diferença entre o fenômeno e outras formas de violência ou mesmo brincadeiras de mau gosto. Essa percepção de que os estudantes não dominam o conceito é apontada também nas pesquisas de Pereira (2009).

Nas perguntas 2, 3 e 4: 2 – “Você se lembra de ter assistido a alguma reportagem sobre *bullying* na TV? Qual foi?”; 3 – “O que você mais se lembra dessa reportagem? Comente de forma breve”; 4 – “Sobre a reportagem a que você assistiu e comentou acima, informe em qual emissora (canal) esta foi exibida. Em que programa: jornal, programa de entrevistas, de entretenimento, de variedades, esta reportagem foi exibida? E há quanto tempo?”, percebemos que, apesar das questões enfatizarem reportagens sobre *bullying*, os estudantes apontaram outras programações que abordaram o tema. Entre alunos de 6º e 7º anos, desenhos, filmes e “propagandas educativas” foram apontados como fonte de informação. Já entre estudantes de 8º e 9º ano, muitos descreveram reportagens exibidas sobre o fenômeno, apresentadas especialmente em telejornais.

Nesse sentido observamos que a audiência muda conforme a faixa etária, uma vez que o que o consumo televisivo se dá, muitas vezes, por imitação do grupo ao qual o indivíduo

pertence, o que leva a assistir àquilo que é visto como “tendência” entre o meio em que o mesmo está inserido (FRANÇA, 2004). Considerando essa característica, entendemos que, no caso dos adolescentes com mais idade, quando uma cena de *bullying* ganha grande repercussão na mídia, os demais estudantes também podem se interessar em ver e, assim, buscar fontes de informação como a televisão ou até mesmo a internet, para sanar sua curiosidade.

Os alunos de séries iniciais do Ensino Fundamental II (6º e 7º anos) de escola pública, ao relatar as reportagens, citaram casos que, nas respostas não pareciam se tratar de *bullying* e, por isso, foram categorizados por nós como confusão a respeito do tema. Já, entre os alunos dessa faixa etária de escola particular, muitos comentaram ter assistido a informações sobre *bullying* durante a programação televisiva em “propagandas educativas” explicando o fenômeno, especialmente em emissoras de canal fechado, o que revela que esses alunos têm acesso a mais veículos de comunicação, como é o caso de canais de desenhos e séries infanto-juvenis citados nas respostas, que podem aumentar o repertório de informações sobre *bullying*.

A diferença socioeconômica, nesse caso, pode ser o fator que possibilita o maior acesso a informações relacionadas a *bullying*, uma vez que alunos de escolas particulares, geralmente, podem assistir a canais pagos que abordem o tema. Contudo, não se pode afirmar que a concepção sobre *bullying* desses alunos seja mais próxima da definição apontada pelos autores que pesquisam a temática, pois ainda há muita confusão acerca do fenômeno.

Acreditamos que, independente, da classe socioeconômica, a escola pode utilizar-se da mídia para abordar o conceito e suas características, bem como trabalhar na prevenção e combate ao *bullying*, por meio da análise dos conteúdos exibidos, provocando discussões coletivas para identificar possíveis casos no contexto escolar, a fim de criar um ambiente de convivência pautado em mais respeito e justiça, como defende Tognetta (2005).

Se compararmos as respostas de alunos do 6º e 7º anos com alunos de 8º e 9º anos, em relação às categorias mais citadas, percebemos que os alunos com maior idade relataram mais casos específicos de *bullying* apresentados na mídia. O caso com mais registros nos questionários de 8º e 9º anos (segunda categoria com maior frequência de respostas tanto na escola pública quanto na particular) foi o de reportagens sobre a reação de um estudante obeso que era alvo de *bullying* e que jogou o menino que o ofendia com força no chão, como forma de revide. Esse caso também apareceu com uma quantidade significativa nas respostas dos

estudantes de 6º e 7º anos, mas foi a terceira categoria mais frequente na escola pública e a quarta na particular.

O fato de vários adolescentes relatarem esse caso reforça a ideia de espetacularização da notícia, já que a mídia em diversas programações explorou as imagens desses adolescentes envolvidos em um caso de *bullying*. A exibição de cenas como esta é repetida com o objetivo principal de manter a audiência: esses atos de violência tendem a ser assuntos de interesse social como apontam Montoro (2001) e Baccega (2001).

Em relação à pergunta 5 – Sobre o assunto abordado na reportagem citada acima: “Você viu outras reportagens com o mesmo tema? Conte do que se lembra – percebemos uma quantidade maior de respostas de que não se lembravam de reportagens, entre os estudantes de faixa etária menor. Isso também é possível de ser observado nas perguntas anteriores, pois acreditamos que os mesmos assistiram a menos reportagens sobre *bullying* em relação aos estudantes de mais idade. Outro dado que confirma essa informação é a segunda categoria com maior quantidade de respostas, em que os estudantes de 8º e 9º anos relatam que o *bullying* é um assunto exibido com frequência na TV, no qual citaram muito mais casos em relação aos alunos menores, especialmente de escola pública, em que o índice de respostas foi bem abaixo dos demais.

Sobre a pergunta 6 – “Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre *bullying*?”, percebemos que os estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental II, tanto de escola pública quanto de particular, na maior parte das respostas, comentaram brevemente acerca do tema, contudo poucos destacaram características do fenômeno. Já, entre os alunos de 8º e 9º anos, diversas situações sobre *bullying* foram relatadas (reportagens, consequências, entre outros). No caso de alunos com menor idade, da escola pública, destacamos o fato de os mesmos descreverem alguns casos próximos de ocorrência de *bullying*, sendo os estudantes alvo ou autor ou, ainda, expectador. Podemos pensar nas seguintes questões: Estaria o *bullying* mais presente nas relações de alunos com faixa etária menor? Há falta de intervenções que combatam essas práticas na escola pública? Relatos de casos próximos de si próprios ocorreram em quantidade bem menor na mesma faixa etária na escola particular e também entre alunos de 8º e 9º anos, dos dois tipos de escola.

Outro dado destacado nas respostas à questão 6, em ambas as escolas e faixas etárias, foi a apresentação de aspectos negativos sobre o *bullying*. É interessante observar que, de forma geral, os alunos não apresentaram uma definição mais completa acerca do fenômeno,

entretanto, reconhecem que essa prática é ruim, por isso tantas respostas afirmando que “o *bullying* é mau”, por exemplo.

Entre os relatos, percebemos também que poucos alunos de 6º e 7º anos, de ambas as escolas, apontaram consequências provocadas pelo *bullying* aos alvos (trauma, depressão, etc.). No entanto, entre os adolescentes com mais idade a quantidade foi bem superior, especialmente na escola particular, o que nos leva a pensar na hipótese de que a percepção sobre o sofrimento do outro é maior em adolescentes de mais idade.

A hipótese acima levantada pode ser confirmada a partir dos registros maiores de respostas entre estudantes de 8º e 9º anos, especialmente de escola pública, nos quais alguns relataram que o alvo precisa de ajuda.

Embora o questionário tenha respondido a parte dos objetivos da pesquisa, consideramos necessário, ainda, outro instrumento de coleta de dados para aprofundar as análises e contemplar outros objetivos propostos: inicialmente como verificar as possíveis relações que os alunos fazem entre o *bullying* exibido na TV e os casos desse tipo de violência praticados no ambiente escolar.

Acreditamos que, quando ocorrem grandes tragédias ou casos de *bullying* e os mesmos ganham espaço na mídia, o assunto seja comentado no ambiente escolar. Contudo, não é possível afirmar se os estudantes comparam o ocorrido com suas vivências nesses espaços, sem questioná-los de forma mais aberta, como permite o método de grupo focal. Assim, propusemos, ainda como coleta de dados, momentos de Grupo Focal que permitissem esse questionamento e reflexão mais abertos com os alunos.

Nesse contexto, temos como dois dos objetivos dessa investigação comparar se há diferenças entre relatos dos estudantes de escola pública e particular a respeito de suas concepções sobre o *bullying*, a fim de verificar se diferenças socioeconômicas influenciam no acesso à informação sobre *bullying* e nas concepções acerca do fenômeno e também confrontar as diferenças de concepções entre estudantes pré-adolescentes (6º e 7º ano) e adolescentes (8º e 9º ano) sobre *bullying* com o intuito de verificar se a diferença de idade influencia na percepção desse tipo de violência; por isso utilizamos essa comparação tanto nos questionários quanto nos grupos focais.

Por fim, ao realizar o método de Grupo Focal, pretendemos identificar práticas escolares de prevenção e combate ao *bullying* na percepção dos alunos e averiguar se há relações entre essas práticas e os fenômenos apresentados na mídia televisiva.

Apresentamos a seguir, no capítulo 5, os resultados obtidos a partir das descrições e interpretações das falas dos alunos, com a realização dos grupos focais, bem como a discussão desses resultados por meio da literatura revisada.

5 RESULTADOS: FALAS DE ALUNOS NOS GRUPOS FOCAIS

Realizamos quatro grupos focais, dividindo os mesmos da seguinte forma: dois grupos focais com alunos de 6º e 7º anos, um de escola pública e outro com as mesmas séries de escola particular; e dois grupos focais com alunos de 8º e 9º anos, também com instituições de ensino pública e privada. Cada grupo foi composto por dez alunos, conforme sugere a literatura (GATTI, 2005). Vale lembrar que selecionamos os alunos que responderam ao questionário anteriormente, e para a escolha dos dez participantes no grupo focal, usamos o critério de sorteio. Embora a coleta de dados tenha sido feita em duas escolas particulares e duas públicas, o grupo focal foi realizado em apenas uma de cada tipo.

No primeiro momento fizemos perguntas mais abertas a respeito dos seguintes questionamentos:

- O que vocês acham que é *bullying*?
- Vocês já assistiram a reportagens sobre *bullying*?
- O que tinha nessa reportagem?

Embora perguntas com este mesmo enfoque já tenham sido feitas no questionário impresso, nosso objetivo no grupo focal foi verificar se os mesmos relatariam outras informações que complementassem suas respostas ou perceber o que mais os alunos conheciam acerca do tema, além do mostrado nos questionários.

No segundo momento, exibimos uma reportagem referente a um caso de *bullying* citado por vários adolescentes nos questionários aplicados, que relatou a reação de um alvo (um menino obeso) que revidou aos ataques do autor, jogando-o com força no chão. Essa foi uma cena de violência exibida em telejornais de diversas emissoras com repercussão internacional. A escolha de uma reportagem sobre esse caso foi feita considerando a emissora e a programação mais citadas nas respostas (Globo, Fantástico, há 2 anos).

Após exibir a reportagem questionamos os adolescentes:

- O que mais lhe chamou atenção nessa reportagem e por quê?
- O que a escola pode ter a ver com isso?

Em um terceiro momento procuramos saber das relações entre o tema *bullying* exibido na mídia e as ações de prevenção e combate realizadas nas escolas em que os adolescentes participantes do grupo estudam. Para isso fizemos os seguintes questionamentos:

- Depois de cenas com essas, exibidas na TV, houve alguma repercussão na sua escola sobre o assunto?

- A partir desses casos da mídia televisiva, vocês e sua escola planejaram algum projeto sobre *bullying*? Em caso afirmativo, como foram essas ações?
- Vocês perceberam alguma mudança na escola a partir das ações?

Os relatos dos estudantes foram gravados e transcritos. Após as transcrições das falas dos adolescentes, fizemos a leitura de todo o material coletado para, assim, realizarmos uma análise qualitativa dos dados, procurando, a partir da literatura revisada e das respostas dos sujeitos, verificar se as informações atenderam ao objetivo inicial que é o de analisar o que os adolescentes compreendem sobre o que é veiculado na televisão a respeito de *bullying* e como isso pode influenciar nas suas concepções relativas às práticas na escola sobre prevenção e combate a tal fenômeno.

5.1 *Bullying* na mídia e o fenômeno na escola – possíveis relações feitas por adolescentes

Para verificar as possíveis relações que os alunos fazem entre o *bullying* exibido na TV e os casos desse tipo de violência praticados no ambiente escolar, iniciamos o grupo focal retomando a pergunta sobre o que acham que significa *bullying*. Ao abrir essa questão, percebemos, entre os estudantes das escolas analisadas, que há um consenso de que o fenômeno se dá por agressões físicas e verbais, com pessoas diferentes das outras por alguma característica física ou de comportamento. Isso nos leva a compreender que tais conceitos, amplamente divulgados pela mídia estão, de certa forma, incorporados na concepção dos alunos.

Também pudemos notar nos grupos, de modo geral, a definição do *bullying* como desrespeito, humilhação, preconceito, que estão mais relacionados à falta de valores morais. Nesse aspecto, acreditamos que no espaço escolar deva ocorrer a construção de um ambiente de cooperação, solidariedade, equidade, justiça, em que as decisões tenham o envolvimento e participação dos alunos, como defende Vinha (2003), pois, em um lugar em que os alunos possam ser protagonistas, pensando sobre os problemas e as situações que os cercam, o *bullying* não encontra espaço.

Outra característica apresentadas como conceito de *bullying* foi o medo que o alvo sente, e como isso pode afetar psicologicamente o mesmo. Contudo, tais apontamentos foram registrados mais em alunos do 8º e 9º anos, tanto da escola pública quanto da particular, como podemos observar no relato de uma das participantes do grupo focal: “Quando a pessoa não

comenta porque tem medo, pois não sabe como agir, sofre sozinha, calada, e vai mudando o jeito de ser, se excluindo muito” – menina do 8º ano da escola particular.

Ao tentar explicar o significado de *bullying*, alguns alunos mais novos, dos grupos de 6º e 7º anos das escolas pública e particular, confundiam o conceito com brincadeiras de mau gosto ou “zoações” entre colegas de sala. Entendemos que os mesmos não compreendiam a amplitude do fenômeno uma vez que, na literatura, o *bullying* traz características como a repetição, o fato de ser entre pares, a intencionalidade, entre outros (FANTE, 2005).

Contudo, percebemos na fala de uma aluna de 7º ano da escola particular, uma compreensão maior a respeito do fenômeno – *“Tem diferença entre zoação e bullying porque a zoação é de brincadeira só, sem ofender, sabe. Brincar é com todo mundo, faz e passa. Bullying não passa. Dói na pessoa”*. Neste sentido, acreditamos que a fala da aluna aponta uma das principais características do *bullying* que é, justamente, o ato de ferir, a intenção de magoar. E este é um dos elementos que constituem o *bullying* segundo Tognetta e Vinha (2010).

Já entre alunos de 8º e 9º anos, vimos, nas falas dos estudantes, que os mesmos apresentaram o conceito mais próximo daquilo que é apresentado nas pesquisas acerca do fenômeno. Destacamos duas falas que comprovam esse resultado: *“Eu acho que é um ato intencional, repetitivo, e em muitos casos isso acontece porque a pessoa é mais escura, mais pobre. Sempre fica chamando a pessoa por apelido, denegrindo a personalidade da pessoa”* (menina de escola pública); *“Bullying acontece todo dia. Todo dia um pouco com a mesma pessoa, é repetitivo. Mas não é aquela brincadeira de sala, de dar risada sempre sabe, que alguém ‘zoa’ com alguém. Isso não. Isso é sério”* (menino do 8º ano de escola particular).

Embora o aluno da escola particular fale algumas características sobre esse tipo de violência, na sequência o mesmo afirma que *“Quem sofre nunca faz porque não quer que o outro sofra”*. A respeito disso, outra aluna do mesmo grupo contesta a opinião *“Não, tem gente que faz bullying nos outros porque já sofreu. Pra se vingar em alguém mais fraco. Porque a gente quando não pode se vingar da pessoa, procura outra. É da vida”*. Segundo Pereira (2009), o chamado “alvo agressivo” tem esse tipo de comportamento quando é exposto a situações de humilhação. Para transferir o sofrimento vivido, o alvo de *bullying* busca outro alvo mais frágil.

No grupo focal pudemos notar, ainda, especificamente no 6º e 7º anos da escola pública que, quando perguntamos sobre o que eles acham que significa *bullying*, alguns alunos passaram a relatar casos ocorridos com eles mesmos, sendo alvos de perseguição,

como podemos constatar na fala de um aluno do 6º ano – *“Eu tive um colega que ficava todo dia me atormentando, daí teve um dia que eu não aguentei mais e espanquei ele no intervalo. Daí a mãe dele veio aqui na escola pra falar comigo. E eu contei para ela o que ele fazia comigo. Daí a diretora da escola falou que é para eu ir na delegacia fazer um boletim de ocorrência na próxima vez”*.

Ao perguntar se os alunos já assistiram a reportagens sobre *bullying* e o que havia nessas reportagens, observamos que entre os alunos de escola pública, os de 6º e 7º anos comentaram que viram programações variadas sobre o assunto como programas de entrevistas, jornais, programas policiais e até na internet.

As fontes de informação entre alunos da escola particular para as perguntas foram outras como desenhos e programas de emissoras de canais fechados. Porém destacamos a fala de um aluno que relatou a interferência da família para discutir o assunto, aproveitando uma reportagem exibida na televisão e disponibilizada na internet - *“Minha mãe colocou para assistir no Globo.com. Mostrava do Jornal Nacional um moleque bem triste, sozinho. E ela me falou que a gente não pode fazer isso com o povo da sala”*.

Em ambas as escolas, os alunos menores relacionaram *bullying* com brigas dentro das instituições de ensino exibidas na televisão em diferentes programações, o que, não necessariamente, pode estar relacionado a esse tipo de violência. Essas formas de descrição não ocorreram entre os alunos maiores.

No caso dos alunos de 8º e 9º anos de escolas pública e particular, alguns comentaram sobre o episódio ocorrido, há mais de 2 anos, com um adolescente do Austrália que, cansado de ser ofendido por ser gordo, jogou um dos autores de *bullying* com força no chão. *“Eu lembro de uma matéria de um gordão que ‘catou’ um magrelo chato, que enchia ele e jogou o magrelo com força no chão”* (aluno de escola pública) e *“Eu já vi um gordão de uma escola americana que ‘tacou’ um magrelo folgado que zoava dele. Esse gordo virou um herói”* (aluno de escola particular).

Destacamos que entre alunos maiores, os de escola pública comentaram mais sobre reportagens vistas, como, por exemplo: *“Eu já assisti várias que fazem o tipo que a gente faz aqui, uma roda de adolescentes e uns contam que sofreram e outros não”* e *“Eu vejo que eles falam que isso acontece na escola. Mostra que a pessoa que sofre deixa de ir à escola, fica isolada, fica triste”* (meninas de escola pública).

Esses relatos confirmam que o tema é presente na mídia e que a escola é palco frequente de *bullying*. Por se tratar de um assunto sobre escola, acreditamos que esse tipo de

reportagem foi lembrada pelos estudantes mesmo eles não sendo telespectadores assíduos aos telejornais, pois essas programações são destinadas a faixas etárias maiores, visando à audiência. Nesse aspecto, Martins (2009) explica que a programação televisiva, embora leve em consideração a faixa etária para determinar a grade, é destinada a grandes públicos, de ambos os sexos, classes sociais, isso porque a televisão pauta sua programação a partir de interesses comerciais e a audiência é um dos retornos para atingir tais interesses. Nesse sentido, mesmo os telejornais sendo programações, geralmente, destinadas a pessoas com mais idade, buscam uma estratégia de comunicação capaz de alcançar variados públicos que os vejam.

Na segunda parte do Grupo Focal, exibimos uma reportagem que selecionamos a partir da leitura dos questionários respondidos pelos adolescentes, a qual foi citada em várias respostas. Trata-se de um caso de *bullying* ocorrido no Austrália e que obteve repercussão na mídia internacional o qual já mencionamos acima. A reportagem escolhida foi exibida em diferentes programações, em canais abertos e fechados, no entanto, para a realização do Grupo Focal, escolhemos a apresentada pela Rede Globo, no Fantástico, há mais de 2 anos, por se tratar de uma das mais comentadas pelos adolescentes pesquisados.

Após o vídeo exibido, questionamos os adolescentes sobre o que mais lhes chamou a atenção nessa reportagem e por quê. Em ambas as escolas e nas diferentes faixas etárias muitos adolescentes concordaram com a reação agressiva do menino que foi alvo de *bullying* (o menino obeso), como observamos nas falas: *“Quem já sofreu sabe o que é passar por isso, então, eu acho que ele fez certo, agora todo mundo na escola respeita ele. Eu não consigo agir assim, batendo, mas se eu passasse por isso, queria ter a força dele”* (menino de 7º ano de escola pública) e *“Aquele gordinho que jogou o outro, ele chegou no limite dele, né! Achei que ele fez certo”* (aluno de 9º ano de escola particular).

Percebemos nas falas dos estudantes que a violência, nesse caso, é justificada com o revide, pois, para os adolescentes, o fato de ter sido alvo de *bullying* pôde permitir que o mesmo respondesse às agressões.

Destacamos que dois adolescentes dos grupos de 8º e 9º anos, das duas escolas, comentaram sobre isso: *“Eu não concordo. Eu vi eu achei que ele precisava de ajuda também. Porque ele era humilhado. Tanto ele quanto o magro precisam de ajuda”* (menina de 8º ano de escola particular) e *“Eu achei errado, porque não é assim que a gente resolve. Tem que ser na conversa”* (menino de 9º ano de escola pública). Alunos de 6º e 7º anos não comentaram acharem errada a cena de agressão. Nesse sentido observamos entre os alunos

com mais idade uma compreensão maior sobre a necessidade de ambos os envolvidos na situação de violência precisarem de ajuda, como também aponta Pereira (2009).

Ao questionar sobre o que a escola pode ter a ver com isso (com esse tipo de reportagem), tanto alunos de 6º e 7º, quanto de 8º e 9º anos da escola pública comentaram que aquilo que foi exibido se parece com que eles passam no ambiente escolar: *“Eu falava para minha mãe tudo o que eu estava passando, de tanto que as pessoas falavam de mim, daí a minha mãe queria vir na escola e eu tinha medo de alguém revidar tudo o que eu estou passando”* (aluno de 7º ano) e *“Eu me vi naquele menino gordo. Eu tive que mudar de ambiente várias vezes porque eu era gordinha e eu sofri. Daí eu procurei ajuda da minha mãe, das pessoas. E na escola ninguém quis me ajudar. Daí eu mudei de escola. Nossa, o que esse gordinho passou eu passei também. Daí eu mudei de escola melhorou. Eu também procurei uma psicóloga e nunca mais aconteceu nada disso. Eu tinha vontade de revidar, mas não conseguia e eu tinha medo”* (aluna de 9º ano).

Constatamos, com essas falas que, para os adolescentes, aquilo que é exibido na televisão é reconhecido por eles como tendo relação com suas vivências. Por outro lado, destacamos que isso ocorre a partir das mediações, ou seja, o contexto em que os mesmos estão inseridos e sua formação cultural, moral, a influência da família, entre outros, como defende Barbeiro (2009).

De forma geral, é claramente perceptível que os alunos reconheçam que o *bullying* é frequente no espaço escolar em que estudam, uma vez que contam sofrê-lo e relatam que sempre há um ou outro que fica isolado, sozinho e excluído.

Porém, alunos de 8º e 9º anos, da escola particular parecem acreditar que não acontece *bullying* em sua própria escola, apenas brincadeiras de mau gosto como “zoações”. Um aluno afirma, por exemplo: *“Aqui não acontece disso. Acho que mais nas escolas do estado. Porque aqui a coordenadora tem que dar um jeito. O pai está pagando e, se o filho estiver assim, ele tira da escola eu acho”*.

Pelo que pesquisamos na literatura sobre *bullying*, esse tipo de violência geralmente está presente nos espaços escolares, tanto nas escolas públicas quanto nas particulares (TOGNETTA, 2013). Percebemos nessa última fala, inclusive, uma distorção de valores morais, pois a garantia de um espaço mais solidário, respeitoso e justo, para o aluno está relacionado à questão de estar pagando por ele e não por ser necessário para uma boa convivência como defende Vinha (2003). Além disso, sabemos que o fato de ter uma pessoa

intervindo nas relações, como é o caso dessa coordenadora, só garante um bom comportamento e pode impedir casos de *bullying* apenas enquanto ela estiver presente.

Entretanto, para evitar ou combater o *bullying*, acreditamos que a escola deve ser um espaço de reflexão e construção de valores. Nesse sentido questionamos os estudantes sobre aquilo que eles percebiam ser realizado como prática para conter o fenômeno no espaço escolar e se as ações apontadas tinham relação com os casos exibidos na mídia televisiva.

5.2 A visão dos alunos sobre práticas escolares de prevenção e enfrentamento ao *bullying*

Para responder ao objetivo específico de identificar práticas escolares de prevenção e combate ao *bullying* na percepção dos alunos, e averiguar se os alunos fazem relações entre essas práticas e os fenômenos apresentados na mídia televisiva, fizemos os seguintes questionamentos aos participantes dos grupos focais:

- Depois de cenas com essas, exibidas na TV, houve alguma repercussão na sua escola sobre esse assunto?
- A partir desses casos da mídia televisiva, vocês e sua escola planejaram algum projeto sobre *bullying*? Em caso afirmativo, como foram essas ações?
- Vocês perceberam alguma mudança na escola a partir das ações?

Observamos entre as falas dos estudantes de 6º e 7º anos das escolas pública e particular que, após reportagens sobre *bullying*, o assunto é comentado na escola, contudo a maior parte não detalhou ações efetivas. Destacamos aqui os poucos comentários feitos pelos alunos desses anos escolares:

“A escola já fez palestra”; *“Passaram um filme só, o Diário de um banana”*; *“Mandaram fazer uns cartazes disso”* (comentários de meninas da escola pública); *“A coordenadora sempre dá uma lição de moral na gente depois de uma reportagem ou dá uma bronca geral sobre essas coisas de humilhação”* (menino da escola particular) e *“A diretora conta quando alguém apanhou ou desprezou alguém e dá aquele sermão explicativo”* (menina de escola particular).

Notamos entre os comentários de alunos desses anos que ambas as escolas abordam o assunto como forma de prevenção. Na escola pública estudada, embora não possamos afirmar que essas medidas sejam capazes de provocar efeitos nos alunos, compreendemos que as ações citadas despertam entre os estudantes o interesse sobre o assunto. Porém, medidas

pontuais não resolvem o problema. Segundo Avilés (2013), é necessário que haja uma mudança na forma de prevenção e combate ao *bullying* por meio de ações diárias e estruturadas, envolvimento de toda a comunidade escolar, realização de momentos em que os alunos possam falar do que sentem, formação de professores, e com equipes de mediação, para auxiliar nos trabalhos de enfrentamento a esse tipo de violência.

Já na escola particular, as falas dos estudantes mostram que casos exibidos na mídia são utilizados como exemplos nas falas da equipe gestora da escola, entretanto, a abordagem é feita em tom de repreensão, sendo discursos diretos aos alunos, sem o envolvimento dos mesmos para pensar sobre aquilo a que assistiram.

Entre estudantes de 8º e 9º anos, de ambas as escolas, percebemos a mesma tendência de respostas; no entanto, os alunos detalharam mais as ações realizadas no espaço escolar como podemos observar nas falas a seguir:

“Depois de uma dessas matérias da TV a direção da escola propôs um projeto para criar cartaz anti-bullying, uma campanha, e quem fizesse o melhor ia ganhar um prêmio” (menina de escola pública); *“Teve uma palestra sobre isso para os pais e os alunos no sábado, mas ninguém quase veio”* (menino de escola pública) e *“A gente teve um texto no começo do ano que a gente teve que ler sobre bullying”* (menina de escola pública).

Na escola particular os comentários foram:

“Teve uma prova e um texto sobre isso na prova. Falava de bullying e desse caso” (menino de escola particular – que comentou sobre o caso do Austrália citado na reportagem exibida); *“Caiu uma questão no simulado e também teve uma redação”* (menina de escola particular) e *“A diretora também sempre dá sermão na gente para falar sobre isso. Quando alguma coisa acontece, sempre tem uma polêmica, a diretora fala que está errado, fala bastante”* (menina de escola particular).

Assim como entre os alunos menores, os de maior faixa etária demonstraram perceber ações de prevenção realizadas nos dois tipos de escolas. Identificamos, também, que na escola pública houve um maior envolvimento nas atividades realizadas; enquanto que, na particular, o assunto não foi tratado de maneira a provocar discussões. A estratégia usada pela escola, pelo que os alunos destacaram, foi a utilização de avaliações (provas, simulados, etc.) e repreensão, do mesmo modo que os alunos menores evidenciaram.

Consideramos que os alunos reconhecem que a escola desenvolve ações para prevenir ou conter o *bullying* a partir do que a mídia televisiva exhibe. Contudo, ao questioná-los: *“Vocês perceberam alguma mudança na escola a partir dessas ações?”*, notamos que os

alunos de ambas as idades acreditam que as práticas são ineficazes. Entre os alunos de 6º e 7º anos, de ambas as escolas, destacamos os seguintes relatos:

“*Nunca adiantou nada*” (menina de escola pública) e “*A gente fez um cartaz de bullying para ganhar nota mesmo*” (menino de escola pública).

Já entre 8º e 9º anos, destacamos:

“*Faz pensar, mas não adianta porque quem faz continua fazendo*” (menina de escola pública); “*Um texto não consegue sensibilizar uma pessoa*” (menino de escola pública); “*Porque a pessoa tem que sentir na pele o que o outro está fazendo, porque o texto não é suficiente, porque o texto, as palavras não vão surtir efeito nela. Porque não se põe na tristeza do outro*” (menina de escola pública). “*O texto não é suficiente porque a pessoa já tem o psicológico dela perturbado*” (menino de escola pública); “*Nada, todo mundo houve o sermão e continua zoando os outros. A gente só para quando sente no couro mesmo, que nem meu pai fala*” (menino de escola particular).

A literatura sobre *bullying* aponta que o assunto deve ser tema recorrente na escola, seja por meio de abordagens explicativas, por assembleias, por ações coletivas, entre outros (PEREIRA, 2009; TOGNETTA, 2013). Dessa forma o trabalho deve ser frequente e permear todo o espaço escolar, envolvendo a comunidade (pais, professores, funcionários, além dos estudantes), a fim de construir um ambiente pautado em valores como justiça, solidariedade, equidade, respeito, pois ações pontuais não garantem nem a prevenção e nem o combate ao fenômeno.

Além disso, entendemos que o uso das programações televisivas sobre *bullying* é uma das possibilidades para a escola promover discussões e refletir sobre o fenômeno, como propõe a mídia-educação, considerando que o assunto deve ser tema frequente no ambiente escolar, com ações pensadas e estruturadas para, de fato, conseguir combater esse tipo de violência.

5.3 Contribuições da mídia-educação: uma possibilidade para a escola tratar sobre o *bullying*

Antes de qualquer coisa, faz-se necessária uma definição sobre mídia-educação, que é um campo de estudo relativamente novo, iniciado entre 1950 e 1960, na Europa, nos EUA e Austrália com a difusão dos meios de comunicação e a preocupação de jornalistas e educadores com seus aspectos políticos e ideológicos. Nesse sentido, as primeiras

investigações foram realizadas a partir dos efeitos das mídias de massa sobre a população, entre eles os discursos político-eleitorais, éticos, sobre comportamentos infantis e adolescentes, entre outros. Já, a expressão “mídia-educação” foi utilizada pela Unesco, em 1960, partindo de uma ideia de alfabetização em grande escala, com o conceito de educação a distância (GONNET, 2004).

Esse conceito de mídia-educação foi se modificando conforme se investigavam as potencialidades da mídia-educação como um campo capaz de promover o pensamento crítico-reflexivo acerca das diferentes mídias e sua utilização no processo de ensino-aprendizagem, como um elemento importante da cultura contemporânea, como meio capaz de promover a participação ativa do cidadão, em contrapartida da onipresença das mídias na vida social.

A mídia-educação, portanto, funciona como uma “escola paralela”, numa concepção de educação ao longo da vida. Essa educação, utilizando-se dos recursos disponibilizados pelas diversas mídias e suas programações, trata-se de uma proposta reflexiva, de compreensão dos discursos utilizados e de uso das mídias para promover uma apropriação crítica e criativa a fim de garantir a cidadania (BÉVORT; BELLONI, 2009).

Nesse sentido, Bévort e Belloni (2009, p. 1083) ainda apontam que

[...] as mídias são importantes e sofisticados dispositivos técnicos de comunicação que atuam em muitas esferas da vida social, não apenas com funções efetivas de controle social (político, ideológico...), mas também gerando novos modos de perceber a realidade, de aprender, de produzir e difundir conhecimentos e informações (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1083).

Braga (2001), ao estudar a aprendizagem *versus* educação na sociedade mediatizada, acredita em que a mídia tenha a capacidade de ampliar as informações ao proliferar imagens e estreitar o contato entre as áreas geográficas, contextuais, temáticas e processuais, promovendo assim, interações. Essas potencialidades podem contribuir para o processo de aprendizagem, desde que sejam utilizadas em uma perspectiva de análise, interpretação e discussão dos conteúdos exibidos.

Para que isso seja possível, faz-se necessário que a abordagem com o recurso de mídias seja acompanhada de conhecimento sobre a temática, pois, segundo Magalhães (2001, p.4), conhecer é “ampliar suas percepções, estender seus sentidos, correndo atrás da nova ordem estabelecida diariamente. É construir modelos e interagir com eles [...]. São esses modelos que irão instrumentalizar o indivíduo para que possa compreender o que se passa”.

Nesse aspecto consideramos fundamental a importância do professor como um mediador do conhecimento uma vez que é preciso levar em conta que as novas gerações já

estejam cercadas de ferramentas tecnológicas e acesso à informação das mais diferentes formas, inclusive concorrendo e tendo até mais espaço na vida de crianças e adolescentes do que a escola e a família, por exemplo. Sobre isso, basta observar o tempo que esse público específico fica em frente à televisão ou utilizando computadores e celulares para conectarem-se à internet. Assim, entendemos que a mídia-educação possa ser um caminho para “despertar o olhar” dos adolescentes acerca daquilo que é veiculado, promovendo reflexão e análise, a fim de formar cidadãos críticos.

Para isso, Bévort e Belloni (2009) defendem que a mídia-educação seja considerada em todas as suas dimensões, funcionando como ferramenta de estudo e de cunho pedagógico, sendo uma educação para as mídias, com as mídias, sobre as mídias e pelas mídias.

Entretanto, nos meios de comunicação, esses recursos são utilizados de forma cada vez mais tecnológica para uma apropriação lógica de mercado, mas no campo educacional os mesmos ainda são pouco explorados tanto como objeto de estudo quanto como ferramenta pedagógica, assim como identificamos na análise dos dados coletados nesta pesquisa.

Embora os estudantes tenham comentado que, após programações exibidas sobre *bullying* o assunto repercutiu na escola em ações (cartazes, palestras, entre outros), essas programações não foram apresentadas novamente, assim como pesquisas sobre o *bullying* também não foram promovidas, o que permitiria uma discussão crítica-reflexiva acerca do tema, como propõe a mídia-educação.

Entendemos, no entanto, a partir dos estudos de Baccega (2001) que essa reflexão deva ser proposta considerando as mediações, como:

Espaço de passagem, de interações entre pólos às vezes opostos, as mediações se constituem em elementos fundamentais para se pensar e se atuar no campo da comunicação/educação, lugar de produção de conhecimento. Constituem, também, elemento fundamental para se pensar a recepção (e não o consumo) dos bens da cultura (BACCEGA, 2001, p.7).

No estudo realizado por Duarte, Leite e Migliora (2006), com o objetivo de pesquisar o que as crianças pensam sobre o que veem na televisão, as crianças investigadas apontaram ter na televisão uma fonte importante de informações, as quais relacionam com o cotidiano em que vivem, reconfigurando assim a compreensão daquilo a que assistiram a partir de suas próprias experiências, da relação familiar, escolar, entre amigos, enfim, das relações sociais.

Também observamos, ao exibir a reportagem sobre *bullying* aos estudantes, as mediações presentes durante as discussões promovidas no grupo focal, uma vez que os alunos ao assistirem às cenas de *bullying* e às entrevistas, também estabeleceram relações com aquilo

que vivenciaram na escola, com suas percepções e até, em alguns casos, relatando suas próprias experiências sofridas como alvos desse tipo de violência.

Entendemos que a discussão sobre essa temática além de despertar a curiosidade dos alunos, proporcionou especialmente uma reflexão sobre o assunto, inclusive pelo fato de os estudantes comentarem as estratégias realizadas pela escola para conter a prática, e a visão deles daquilo que, para os próprios alunos, não tem funcionado no sentido de prevenir ou combater o *bullying*.

Diante do exposto, acreditamos que o uso da mídia no ambiente escolar como forma de provocar discussões e reflexões pode não só colaborar com o processo de aprendizagem, como também promover o pensamento crítico, fundamental para transformação da sociedade, como defende Bévort e Belloni (2009, p. 1082).

Não pode haver cidadania sem apropriação crítica e criativa, por todos os cidadãos, das mídias que o progresso técnico coloca à disposição da sociedade; e a prática de integrar estas mídias nos processos educacionais em todos os níveis e modalidades, sem o que a educação que oferecemos às novas gerações continuará sendo incompleta e anacrônica, em total dissonância com as demandas sociais e culturais (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1082).

Embora nesta pesquisa tratar a mídia-educação não seja um dos objetivos propostos, buscamos, amparados na literatura (BACCEGA, 2001; BÉVORT; BELLONI, 2009; DUARTE; LEITE; MIGLIORA, 2006), apontar uma possibilidade de aproveitar a frequente exibição do tema pela televisão para promover reflexão sobre o assunto e, assim, colaborar para sua prevenção e combate, buscando sensibilizar as crianças e adolescentes para que possam se colocar no lugar do outro, tornando o ambiente escolar um espaço de fato mais pautado em respeito, solidariedade, justiça, equidade, como defendem os estudos voltados para educação em valores (MENIN, 1996; TOGNETTA, 2013; VINHA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar entender o *bullying* é procurar compreender uma prática que ocorre todos os dias em diversos lugares no mundo; mas, especialmente, no ambiente escolar. E diante de tamanha abrangência desse fenômeno e da capacidade de provocar danos a todos os envolvidos, procuramos identificar as diversas características do *bullying* apontadas por autores que estudam o tema.

De modo geral, compreendemos que *bullying* consiste em ações constantes e repetitivas de intimidação, que ocorrem sem um motivo aparente, com o objetivo de ferir, humilhar, maltratar pessoas mais vulneráveis ou com baixa autoestima. Para promover essas ações, é necessário haver alvo, autor e, em muitos casos, espectadores.

Por meio da literatura aqui apresentada, notamos algumas características específicas dos autores como pessoas que buscam provocar sofrimento aos alvos das mais variadas formas, por apresentarem ausência de valores morais como respeito, solidariedade, compaixão, entre outros, e, especialmente, por não conseguirem se colocar no lugar do outro.

Já, os alvos são escolhidos por suas características físicas, pela forma como se relacionam, pelos trejeitos e, em muitos casos, pelo fato de os autores notarem nessa pessoa insegurança ou um sentimento de inferioridade. Nesse contexto, sempre há a presença dos espectadores, pessoas que veem as ações e, apesar de perceberem o sofrimento do alvo, não procuram formas de ajudar a acabar com essa violência ou até, contribuem para as ações dos autores.

Nesse sentido, a literatura aponta formas de ações que envolvem esses perfis de alvo, autor e espectadores como: agressões físicas (bater, empurrar, chutar), agressões verbais (insultar, xingar, humilhar diante do grupo) e psicológicas (intimidar, ameaçar, provocar medo).

Uma das formas de ataque mais recentes é o *cyberbullying*, que consiste na utilização dos recursos tecnológicos como computadores, celulares e a internet para constranger, humilhar e ferir os alvos com postagem ofensiva nas salas de bate-papo, em redes sociais ou outras estratégias virtuais, muitas vezes usando fotos, vídeos, entre outros. Essas ações de difícil identificação dos autores fazem com que os alvos percam a privacidade e sintam-se impotentes frente aos ataques.

Por essas características, sendo de forma virtual ou presencial, o *bullying* é algo difícil de conter, pois suas ações se dão de forma escondida, longe do olhar dos adultos; entretanto,

pesquisas já apresentadas neste estudo apontam possibilidades para a prevenção e contenção do fenômeno. Tognetta (2013) afirma que para prevenir o *bullying* é preciso proporcionar meios para as crianças participarem das decisões do ambiente escolar, ajudando a resolver conflitos, pensando sobre os problemas que as cercam, e promovendo a reflexão, para a construção de valores tão importantes e, muitas vezes, ausentes na sociedade.

Outros autores também partilham dessa ideia e propõem que os professores tenham formação para lidar com tais situações, bem como abordam possibilidades no sentido de esclarecer o fenômeno junto à comunidade escolar (alunos, funcionários, gestores e a família), além da adoção de ações diretas com alvos e autores (AVILES, 2013; LOPES NETO, 2005; PEREIRA, 2009).

Quando ações de prevenção e combate ao *bullying* não ocorrem, o fenômeno pode trazer consequências imediatas e a longo prazo para alvos, autores e espectadores, provocando, em alguns casos, danos irreversíveis aos envolvidos.

Casos de *bullying* ocorridos no Brasil e no exterior ganham, muitas vezes, visibilidade na mídia televisiva, especialmente pela repercussão que esse tipo de tema pode gerar, uma vez que o fenômeno ocorre nas escolas, o que, de certo modo, “aproxima” a notícia da realidade do telespectador. Por conta desta “visibilidade”, entendemos que a mídia tem um papel importante na divulgação sobre o *bullying*, uma vez que desperta a atenção das autoridades e da sociedade para um problema que sempre ocorreu nas relações interpessoais.

No entanto, entendemos, a partir dos estudos apresentados nesta pesquisa, que a mídia se utiliza de discursos de comoção, de apelo, para atrair sua audiência, e, em específico sobre *bullying*, o fenômeno é explicado de forma superficial, sem, muitas vezes, levar em conta suas características, sendo tratado como espetáculo, e, retomado novamente apenas quando novas tragédias ocorrem, “resgatando” casos antigos para ilustrar e reforçar sua *espetacularização*.

Como a programação televisiva é pautada a partir de interesses comerciais, a mesma busca atingir grandes públicos; por isso, são oferecidas grades variadas, e, em muitas delas, cenas de violência estão presentes. Entre os objetivos de se pensar essa programação está a necessidade de criar, entre os telespectadores, uma ritualidade, garantindo assim, que o mesmo continue sempre acompanhando o programa de interesse.

Contudo, muitos estudos foram realizados para buscar compreender como se dá a influência da televisão sobre a audiência e mais especificamente, como se dá essa influência com relação a programações que exploram o tema da violência.

Dentre as investigações sobre a televisão e seus telespectadores, destacamos os Estudos da Recepção e a Teoria das Mediações de Jesús Martín-Barbero (2009), como uma das principais referências dentro da comunicação. Para o autor, as pessoas reinterpretem as informações recebidas pela mídia a partir de suas próprias vivências, suas práticas sociais, culturais, políticas e educacionais, o que ele considera como mediações. Os sujeitos não são, portanto, passivos, mas atribuem sentido ao que assistem.

Nesse aspecto, entendemos que, ao assistir a programações sobre *bullying* na televisão, cada pessoa compreende e interpreta as informações a partir de suas experiências, sendo diferentes umas das outras, levando-se em conta as mediações de cada uma.

Como já abordamos na literatura apresentada, estudos mais recentes apontam que a violência exibida na televisão não torna, obrigatoriamente, o telespectador mais agressivo. Para Martín-Barbero (2009), esses conteúdos não podem ser considerados como estímulos diretos para reprodução dessas cenas, pois essas mensagens sofrem interferências das mediações. Entretanto, também é possível pensar que o telespectador, ao assistir a essas programações, pode concordar com o que vê e ser mais tolerante frente a casos de agressividade, como aponta Rangel (2004), o que não significa reagir de forma violenta.

Nas investigações sobre a influência da televisão para os adolescentes trazidas nesta pesquisa, notamos que os mesmos usam a TV como fonte de informação e construção de saberes. Notamos, também, que, embora haja o processo de recepção e suas mediações resultando em possíveis interpretações individuais do que os adolescentes veem, esse tipo de mídia pode reforçar alguns valores, atitudes e concepções comuns.

Aplicamos questionários e realizamos grupos focais com o objetivo maior de identificar o que os alunos compreendiam sobre o que é veiculado na mídia televisiva a respeito de *bullying* e como isso poderia influenciar suas concepções relativas a práticas na escola sobre prevenção e combate ao fenômeno. A partir dos resultados e análises tecemos algumas considerações.

A maior parte dos alunos entendeu *bullying* como violência física e verbal, perseguição e agressões constantes. No entanto, características próximas do que aponta a literatura foram mais apresentadas por alunos maiores.

Observamos ainda que dentre as programações televisivas vistas, os alunos de 6º e 7º anos de escolas pública e particular descreveram fontes diversas como desenhos, filmes, reportagens, livros, entre outros.

Contudo, entre os adolescentes com mais idade, muitas respostas relataram que o tema *bullying* foi abordado em programas de cunho jornalístico. Entendemos, entretanto, que esse tipo de programação seja voltado à audiência de públicos com mais idade; portanto, acreditamos que os adolescentes tenham visto, eventualmente, durante o convívio com a família e, por se tratar de um tema que ocorre na escola, esses casos exibidos chamaram a atenção dos alunos. Esse dado reforça a ideia de que os adolescentes têm na televisão uma fonte de informação à qual atribuem valores, e que a compreensão daquilo que é exibido se dá de forma individual, passando pelas mediações.

Identificamos, ao analisar os dados, que diferenças socioeconômicas em ambas as faixas etárias podem influenciar no acesso à informação, uma vez que o contexto em que estão inseridos, suas relações sociais e culturais podem possibilitar mais ou menos informações acerca do tema.

No que diz respeito a práticas escolares de prevenção e contenção do *bullying*, a visão dos alunos é de que, assim como havíamos colocado em hipótese, quando ocorrem grandes tragédias e as mesmas ganham repercussão na mídia, o assunto é comentado no espaço escolar. Além disso, tanto nos grupos focais da escola pública quanto na particular investigadas, os alunos perceberam ações na escola para lidar com o fenômeno, sendo que os menores não detalharam as formas de abordagem feitas neste espaço, diferentemente do que ocorreu com os maiores. Contudo, notamos uma diferença na percepção dos alunos de escola pública e particular nas ações de suas escolas tal como descritas por eles, sendo que na primeira, aparentemente, houve um maior envolvimento da comunidade escolar ao promover cartazes e palestra para discutir a temática. Na escola particular, os alunos comentaram que os casos de *bullying* foram trabalhados como forma de avaliação e repreensão, nos chamados “sermões explicativos”.

Por fim, constatamos na fala dos alunos que as medidas adotadas em ambos os espaços não garantiram a mudança de postura dos mesmos em relação ao fenômeno, pois os próprios estudantes afirmaram que as ações não foram eficazes para mudar a realidade das escolas pesquisadas.

Como abordamos nessa investigação, ações pontuais, desconexas e sem o envolvimento da comunidade escolar para enfrentamento do fenômeno não garantem a prevenção e a contenção do *bullying*. Esse tipo de violência precisa ser tratado do ponto de vista das relações interpessoais, no sentido de realizar constantes ações de participação dos estudantes na resolução das questões que envolvem a escola, nas decisões e também nos

conflitos, a fim de promover a cidadania. Para tanto, faz-se necessário que os gestores e professores tenham formação, para que consigam criar caminhos que permitam construir na escola um espaço mais harmonioso e respeitoso. Acreditamos que, muitas vezes, os agentes escolares não se posicionam frente aos problemas da escola ou o fazem de maneira errada por não saberem lidar com situações como o *bullying*.

Consideramos, então, que, além das estratégias de prevenção e combate apresentadas neste estudo, a mídia-educação pode ser, também, uma possibilidade para abordar o fenômeno e promover discussões com o objetivo de tratar a temática de forma a promover, entre os estudantes, uma reflexão maior sobre o assunto e contribuir para a formação de valores nos mesmos.

A escola pode, assim, aproveitar os conteúdos exibidos na televisão e que os próprios estudantes demonstraram tê-los visto, para abordar esta temática e, permitir que eles estabeleçam relação daquilo a que assistem com as vivências escolares, ou seja, façam mediações com suas vivências a fim de que se sensibilizem e sejam capazes de se colocar no lugar do outro, buscando um ambiente mais justo e respeitoso, em que o *bullying* não encontre espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, R. M. B. Gênero, classe e geração na televisão brasileira. In: **Anais do XIII Compós**, São Bernardo do Campo, SP, 2004.

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**. n. 20, p. 33-42, out./nov. 2008.

AVILÉS, J. M. M. **Bullying**: el maltrato entre iguales. Agressores, víctimas y testigos en la escuela. Salamanca: Amarú Ediciones, 2006.

_____. **Bullying**: guia para educadores. 1 ed. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

AZEVEDO, J. C.; MIRANDA, F. A.; SOUZA, C. H. M. Reflexões acerca das estruturas psíquicas e a prática do *cyberbullying* no contexto da escola. **Intercom-RBCC**, v. 35, n. 2, p. 247-265, jul./dez. 2012.

BACCEGA, M. A. O campo da Comunicação/ Educação e as práticas de recepção: o papel das mediações. In: **Anais do X Compós**, Brasília, DF, 2001.

BANDEIRA, C. M. **Bullying**: auto-estima e diferenças de gênero. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BANDEIRA, C. M.; HULTZ, C. S. As implicações do *bullying* na auto-estima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, n. 1, v. 14, p. 131-138, jan./ jun. 2010.

BANDURA, A. Influence of Model's reinforcement on the acquisition of imitative responses. **Jornal of Personality and Social Psychology**. v. 1, 1965.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: 2010.

BENTES, A. C.; RIO, V. C. As práticas nos estudos de recepção de narrativas midiáticas: os conhecimentos dos receptores sobre o programa “Brava Gente”. In: **Anais do Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL**, 6, Florianópolis, 2004.

BERKOWITZ, L. Some effects of thoughts on anti-and prosocial influences of media events: A cognitive-neoassociation analysis. **Psychological Bulletin**, v. 95. 1984.

BÉVORT, E.; BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação e Sociedade**. v. 30, n. 109, set/dez. 2009.

BRAGA, J. L. Aprendizagem versus educação na sociedade mediatizada. In: **Anais da X Compós**, Brasília, DF, 2001

BRASILIENSE, D. As tragédias do *bullying* e o estado de cólera midiático. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 35, Fortaleza, CE. 2012

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 2, p. 221-236, fev. 2003.

CONSTANTINI, A. ***Bullying, como combatê-lo?***: prevenir e enfrentar a violência entre jovens. Tradução: Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

DANTAS, J. G. D. Teoria das Mediações Culturais: Uma Proposta de Jesús Martín-Barbero para o Estudo da Recepção. In: **Congresso de Ciência da Comunicação na Região Nordeste**, 10, São Luís, MA, 2008

DONINI, A. M. A contribuição das mediações expostas por Martín-Barbero aos estudos de recepção e experiência na aplicação de conceitos. In: **Colóquio Internacional da Escola Latino-Americana de Comunicação**, 16, Bauru, 2012.

DUARTE, R.; LEITE, C.; MIGLIORA, R. Criança e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a TV. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 33, set./dez. 2006.

ESCOSTEGUY, A. C.; JACKS, N. Políticas de identidade e estudos de recepção: relatos de jovens e mulheres. In: DUARTE, M. B.; MEDEIROS, J. L. (Org.). **Mosaico de identidades**. Curitiba: Juruá, 2004.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação**: fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FANTE, C. **Fenômeno *Bullying***: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

_____; PEDRA, J. A. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed,, 2008.

FESHBACH, S. The stimulating versus cathartic effects of a vicarious aggressive activity. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, n. 63, p. 381-385, out. 1961.

FISCHER, R. M. B. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação **Revista Brasileira de Educação**, n.20, mai./ago. 2002.

FRANÇA, L. Contribuições da televisão para a formação da identidade na adolescência – uma análise do processo de recepção. **Comunicação e Informação**. v. 7, n. 2, jul./dez. 2004.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Livro Editora, 2005.

FRANCISCO, M. V. **Percepções e formas de enfrentamento de adolescentes frente ao bullying**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *bullying*. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional SP**. v. 16, n. 1, p. 55-60, jan./jun. 2012.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, I. M. M. **Efeito e recepção**: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os *media*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

GOMIDE, P. I. C. **Crianças e adolescentes em frente à TV**: o que e quanto assistem de televisão. 2009. Disponível em: <www.buscalegis.ccj.ufsc.br>. Acesso em: 21 de julho de 2013.

GONNET, J. **Educação e mídias**. São Paulo, Loyola, 2004.

GROEBEL, J. The UNESCO global study on media violence. **The Major Project of Educacion**. P. 5, bulletin 49, Chile, aug. 1999.

GUI, R. T. Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 3, n. 1, jun. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572003000100007&lng=pt&nrm=iso>

GUTMANN, J. F. Entre tecnicidades e ritualidades: formas contemporâneas de performatização da notícia na televisão. In: **Anais da XXII Compós**, Salvador, BA, 2013.

HUESMANN, L. R. Psychological processes promoting the relation between exposure to media violence and aggressive behavior by the viewer. **Journal of Social Issues**, n. 42, p. 125-139, set. 1986.

JABLONSKI, B. **Catarse da agressão**: um exame crítico. 1978. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

JACKS, N. A., ESCOSTEGUY, A. C. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker, 2005.

LISBOA, C. S. M. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade entre crianças em idade escolar**: fatores de risco e proteção. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LOPES NETO, A. A. *Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, nov. 2005.

MAGALHÃES, C. M. Programas infanto-juvenis em análise pelos caminhos da comunicação e da educação. In: **Anais da X Compós**, Brasília, DF, 2001

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTÍN-BARBERO, J.. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

_____. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 6. ed., 2009.

_____. As formas mestiças da mídia. **Revista FAPESP Online**, set. 2009. Disponível em <<http://revistapesquisa2.fapesp.br/?art=3933&bd=1&1g=>>>. Acessada em 10 de junho de 2013.

_____; MUÑOZ S. (orgs). **Televisión y melodrama**. Bogotá: Tecer Mundo Editores, 1992.

MARTINS, S. T. A construção da notícia: sobre a influência da TV – e do telejornalismo – no Brasil. In: **Anais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 14, Rio de Janeiro, 2009.

MATOS, M. G.; GOLÇALVES, S. M. P. *Bullying* nas escolas: comportamentos e percepções. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 10, n. 1, p. 3-15, mar. 2009.

MERLO-FLORES, T. Por que assistimos à violência na televisão? Pesquisa de campo argentina. In: Carlsson, U.; Feilitzen, C. V. (Org.). **A criança e a violência na mídia**. Brasília: Cortez, 1999.

MENDES, C. S. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 3, jun. 2011.

MENIN, M. S. S. Desenvolvimento moral: refletindo com pais e professores. In: MACEDO, L. D. (Org.). **Cinco estudos de Educação Moral**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

MENIN, M. S. S. VALORES NA ESCOLA. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 91-100, jan./jun. 2002

MINAYO. M. C. S. et al. **Fala Galera: Juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Garamond, Rio de Janeiro, 1999.

MONTORO, T. S. Sangue na tela: a representação da violência no noticiário de televisão no Brasil. In Anais da X Compós, Brasília, DF, 2001.

_____. Imagens da violência: construções e representações. In: **Anais da XII Compós**, Recife, PE, 2003

MORGAN, D.L. **Focus groups as qualitative research**. Newbury Park: Sage, 1988.

MOURA, L. O. S.; et al. *Bullying*: a vulgarização de um conceito na mídia. In: **Anais do Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação**, 15, Vale do Paraíba, 2011.

NJAINÉ, K. **Violência na mídia e seu impacto na vida dos adolescentes. Reflexões e proposta de prevenção na ótica da saúde pública.** 2004. Tese (Doutorado em Ciências na área de Saúde Pública), Escola Nacional de Saúde Pública Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

_____; MINAYO, M. C. S. A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.4, p. 201-211, out. 2004.

OLWEUS, D. Hostigamiento y vejaciones en la escuela: un programa de intervención. **Perspectivas:** revista trimestral de educação comparada. França: UNESCO, v. XXV, n. 1, p. 139-145, mar. 1995.

_____. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares.** 3. ed. Madrid: Morata, 1998.

PEREIRA, B.O. **Para uma escola sem violência:** estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Porto: Imprensa Portuguesa, 2002.

PEREIRA, S. M. S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar.** São Paulo: Ed. Paulus, 2009.

PIZARRO, H. C.; JIMÉNEZ, M. I. Maltrato entre iguales e la escuela costarricense. **Revista Educación**, v. 31, n. 1, p. 135-144, mai. 2007.

PLAN. **Bullying Escolar no Brasil:** Relatório Final. São Paulo: CEATS/FIA, 2010. Disponível em http://arquivo.campanhaeducacao.org.br/semana/2011/pesquisa_plan_resumo.pdf Acessado em 05 de julho de 2014.

RABELO, D. C. Martín-Barbero: da linguagem às mediações. In: MELO, J. M.; DIAS, P. R. (org). **Comunicação, Cultura e Mediações:** o percurso intelectual de Jesús Martín-Barbero. São Bernardo do Campo: Umesp, 1999.

RAMIRÉZ, F. C. Variables de personalidad asociadas em la dinámica *bullying* (agresores versus víctimas) em niños y niñas de 10 e 15 años. **Anales de Psicología**, v.17, n. 1, p. 37-43, jun. 2001.

RANGEL, J. G. Efeitos e consequências da exposição à violências da televisão. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 17, Porto Alegre, 2004.

_____. Crescendo com a televisão: a perspectiva da cultura. In: _____. **A mídia e seus efeitos**. Belo Horizonte: s/ editora, 2010.

RODRIGUES, A. **Comunicação e Cultura: A Experiência Cultural na Era da Informação**, 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

RONSONI, V. M. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: **Anais do XIX Encontro da Compós**, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...**

SANTOS, M. S. T; NASCIMENTO, M. R. Desvendando o mapa noturno: análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção. **Novos Olhares**, n. 5, jan./jul. 2000.

SAMPAIO, I. Modos de ver a violência na mídia entre adolescentes cearenses. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-compós**, v. 11, n. 3, set./dez. 2008.

SCHULTZ, et al. A compreensão sistêmica do *bullying*. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 2, p. 247-254, abr./jun. 2012.

SEIXAS, R. S. Violência escolar: metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. **Análise Psicológica**, v. 2, n. 23, p. 97-110, fev./abr. 2005.

SIGNATES, L. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos Olhares**. n. 2, p. 37-49, fev/abr. 1998.

SIGNORIELLI, N. Television's mean and dangerous world: a continuation of the cultural indicators perspective. In: Signorielli, N., Morgan, M. (Ed.). **Cultivation analysis: new directions in media effects research**. Newbury Park: Sage Publications, 1990. p. 85-106.

SOUZA, M. W. Comunicação e educação: entre meios e mediações. **Cadernos de Pesquisa**, n. 106, p. 9-25, jan./ab. 1999.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Desenvolvimento de rede para enfrentar o *bullying*: lições Austrálias. **Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, n. 2, p. 349-351. jul./dez. 2012.

STRASBURGER, V. C. **Os adolescentes e a mídia, impacto psicológico**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

TOGNETTA, L.R.; BOZZA, T. L. *Cyberbullying*: um estudo sobre a incidência do desrespeito no ciberespaço e suas relações com as representações que os adolescentes tem de si. **Nuances**: estudos sobre Educação. Ano XVIII, v. 23, n. 24, p. 164-180, set/dez. 2012.

TOGNETTA, L. P.; ROSÁRIO, P. *Bullying*: dimensões psicológicas no desenvolvimento moral. **Estudos de Avaliação em Educação**. São Paulo, v. 24, n. 56, p. 106-137. set/ dez. 2013

TOGNETTA, L. R. P. Violência na escola: os sinais de *bullying* e o olhar necessário aos sentimentos. In: PONTES, A.; LIMA, V. S. de. **Construindo saberes em educação**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2005.

_____ et al. **Um panorama geral da violência... e o que se faz para combatê-la**. v. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

_____. *Bullying* na escola: o olhar da psicologia para um problema moral. In: GARCIA, J.; TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (Org.). **Indisciplina, conflitos e bullying na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

_____; VINHA, T. P. Estamos em conflito: eu comigo mesmo e com você. In: CUNHA, J. L. da; DANI, L. S. C. (Org.) **Escolas, conflitos e violências**. Santa Maria: UFSM, 2008.

_____. *Bullying* e intervenção no Brasil: um problema ainda sem solução. In: **Congresso Nacional de Psicologia da Saúde, sexualidade, gênero e saúde**, 8, 2010, Lisboa. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 2010. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/000191192fa6e88a1f289>>. Acesso em: 14 abril 2012.

TONDATO, M. P. **Negociação de sentido**: recepção da programação da TV aberta. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2000.

VINHA, T. P. **Os conflitos interpessoais na relação educativa**. 2003. 426 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VIZEU, A. E.; CORREIA, J. C. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, A. E. (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do *cyberbullying*. **Psicologia Clínica**, v. 25, n.1, p. 73-87, jan./jun. 2013.

WOLF, M. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ANEXOS

ANEXO 1

FACULDADE DE CIÊNCIAS E
TECNOLOGIA - UNESP/
CAMPUS DE PRESIDENTE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Tv, Bullying e Vivências Escolares: Relações Possíveis

Pesquisador: Luana Sílvia Augusta Marcíria dos Santos Nogueira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 10492112.6.0000.5402

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 173.576

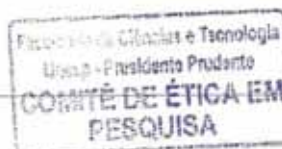
Data da Relatoria: 14/12/2012

Apresentação do Projeto:

A escola é o primeiro grande meio de interação social ao qual a criança está exposta em seus relacionamentos externos ao convívio familiar. Assim, da mesma forma que a escola tem o papel de estabelecer de forma saudável aprendizagem, laços de amizade, e valores como o respeito mútuo, também pode se tornar sinônimo de medo, insegurança, hostilidade, violência, se entre as pessoas que convivem nele, houver a prática do fenômeno denominado bullying.

É cada vez mais comum encontrar o tema bullying em jornais, revistas, sites de divulgação de conteúdos ou mesmo em redes sociais, reportagens de televisão e programas de entrevistas. Com efeito, o assunto tem ganhado espaço rapidamente na mídia por se tratar de algo que muitos já presenciaram como espectadores, provocadores, vítimas ou até em todas estas formas. Nesta situação, considerando que o período escolar é fundamental para a formação do indivíduo não só no que diz respeito à aquisição de conhecimento, mas também no que se refere à experiência e a vivência de relações sociais e à formação da personalidade, as questões de violência, em especial o bullying, necessitam de uma atenção especial e ações efetivas que impeçam esta prática por meio da conscientização, especialmente se consideramos que o envolvimento de professores, pais e alunos é fundamental para a implementação de projetos de combate ao bullying. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de bullying, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro, contribuindo para a formação saudável e adequada do ser humano em

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305
Bairro: Centro Educacional **CEP:** 19.060-900
UF: SP **Município:** PRESIDENTE PRUDENTE
Telefone: (18)3229-5315 **Fax:** (18)3229-5353 **E-mail:** cep@fct.unesp.br



FACULDADE DE CIÊNCIAS E
TECNOLOGIA - UNESP/
CAMPUS DE PRESIDENTE



crescimento.

Por outro lado, a televisão tem apresentado, em grande parte das reportagens, situações em que adolescentes agredem outros fisicamente, dentro ou próximo da escola, evidenciando o ato de covardia por parte do agressor, sem citar, por exemplo, os espectadores destes casos de violência.

Contudo, não raras vezes, a escola, aparece em muitas reportagens apenas em citações, ao fim da exibição da notícia, com um informativo de que tomou medidas disciplinares.

Outro ponto a ser destacado pelas reportagens assistidas é que os efeitos destas agressões nas vítimas, também são pouco explorados, sendo, em muitos casos, feito apenas um registro pontual da violência para exibição pela TV, sem seus desdobramentos quanto aos envolvidos, fazendo com que as informações cheguem a sociedade expectadora de maneira fragmentada, de modo com que o conhecimento sobre determinados assuntos não seja adquirido em sua totalidade, o que pode levar a visões distorcidas sobre a realidade, podendo potencialmente prejudicar o desenvolvimento do indivíduo.

Neste paradigma, nota-se a importância de se verificar o que de fato fica na memória dos adolescentes sobre as reportagens veiculadas pela televisão e as relações disso com o que os alunos apontam sobre o que a escola faz e deve fazer em frente à ocorrência deste fenômeno no ambiente escolar.

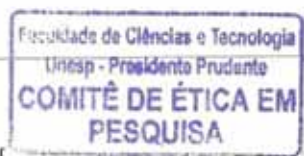
Portanto, o projeto tem como objeto analisar o que fica na memória de estudantes de Ensino Fundamental, do 6º ao 9º anos, a respeito de reportagens televisivas que abordem o bullying no ambiente escolar de modo a verificar se as reportagens exibidas influenciam, ou não, nas concepções dos estudantes sobre as práticas de prevenção ao bullying na escola onde estudam, além de buscar objetivos específicos onde se pretende apresentar dados, ainda inexplorados nesse campo.

Objetivo da Pesquisa:

O Projeto tem como objetivo primário analisar o que fica na memória de estudantes de Ensino Fundamental, de 6º ao 9º ano, a respeito de reportagens televisivas que abordem o bullying no ambiente escolar e verificar se as reportagens exibidas influenciam, ou não, nas concepções dos estudantes sobre as práticas de prevenção ao bullying na escola onde estudam.

Como objetivo secundário o projeto pretende verificar quais reportagens televisivas sobre bullying, exibidas nos últimos dois anos, os estudantes mais assistiram e se lembram; de quais telejornais, em quais emissoras, em que horários entre outros; saber o que os alunos revelam sobre essas reportagens como destaque, que tenha ficado preservado na memória; comparar se há diferença entre relatos dos estudantes da escola pública e particular pesquisadas, sobre o que foi observado pelos estudantes, nas reportagens assistidas; relacionar essas memórias e destaques dos estudantes de ambas as escolas sobre as reportagens que assistiram com o que falam sobre as

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305
 Bairro: Centro Educacional CEP: 19.060-900
 UF: SP Município: PRESIDENTE PRUDENTE
 Telefone: (18)3229-5315 Fax: (18)3229-5353 E-mail: cep@fct.unesp.br



FACULDADE DE CIÊNCIAS E
TECNOLOGIA - UNESP/
CAMPUS DE PRESIDENTE



práticas e estratégias de prevenção de bullying em suas escolas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O projeto não apresenta, a primeira vista, qualquer indicio de que possa causar riscos ou possíveis ofensas a lei ou a ordem ética, com a ressalva de que a pesquisadora deverá ter o cuidado de colher rigorosamente as respectivas autorizações de todos os pais ou responsáveis legais dos menores que serão submetidos a pesquisa, bem como elaborar uma autorização específica e por escrito da direção da escola onde a mesma será realizada, esclarecendo os termos da pesquisa, riscos e benefícios, entre outros; autorização esta que deverá ainda qualificar o(a) responsável pela escola onde será realizado a pesquisa, indicando seu cargo - deverá ser o(a) diretor(a) - e o numero de registro de algum documento pessoal (RG e/ou CPF), a fim de possibilitar sua identificação e legitimidade para tanto.

A pesquisadora deverá também ter o cuidado de não vincular a pesquisa e os resultados nela obtidos, de forma alguma a(s) escola(s) pesquisada(s), procurando manter a integridade de sua imagem e reputação, seja ela positiva ou negativa.

Benefícios:

No tocante aos benefícios, a pesquisa se mostra deveras relevante, mormente frente a atualidade do tema escolhido e suas implicações no meio social e individual dos alunos pesquisados, aliado a mingua de dados aprofundados sobre o tema.

Do ponto de vista prático, releva ainda sua inegável utilidade, pois os resultados poderão colaborar na construção de um projeto que possibilite o aprimoramento da educação e formação dos alunos em relação ao fenômeno denominado bullying.

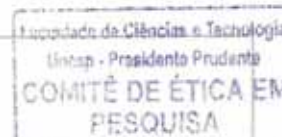
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Considerando a hipótese adotada pela pesquisadora de que as reportagens sobre bullying assistidas pela tv podem trazer algum tipo de reflexão ou influência sobre os alunos no ambiente escolar, a pesquisa ainda revela seu valor social, já que os resultados podem servir de parâmetro a criação de iniciativas para projetos de prevenção ou combate a este fenômeno.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora deverá ter o cuidado de colher rigorosamente as respectivas autorizações de todos os pais ou responsáveis legais dos menores que serão submetidos a pesquisa, bem como elaborar uma autorização específica e por escrito da direção da escola onde a mesma será realizada, esclarecendo os termos da pesquisa, riscos e benefícios, entre outros, sendo que, nesta autorização, deverá qualificar o(a) responsável pela escola onde será realizada a pesquisa, indicando seu cargo - deverá ser o(a) diretor(a) - e o numero de registro de algum documento

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305
Bairro: Centro Educacional **CEP:** 19.060-900
UF: SP **Município:** PRESIDENTE PRUDENTE
Telefone: (18)3229-5315 **Fax:** (18)3229-5353 **E-mail:** cep@fct.unesp.br



FACULDADE DE CIÊNCIAS E
TECNOLOGIA - UNESP/
CAMPUS DE PRESIDENTE



pessoal (RG e/ou CPF), a fim de possibilitar sua identificação e confirmação de sua legitimidade para tanto.

Para se evitar a contradição do conteúdo do termo já criado, deverá a pesquisadora substituir a palavra "dados" por "resultados", contida no item 5, abaixo transcrito:

Texto original: "(...)Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo (...)"

Substituir por: "(...)Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos resultados obtidos neste estudo (...)"

A alteração se mostra necessária a fim de não se criar contradição entre o item 3 e o item 5 do Termo ora apresentado.

Recomendações:

Do ponto de vista meramente operacional, recomenda-se que a pesquisadora indique o momento e o local de realização da avaliação, mormente se o teste for aplicado no ambiente escolar (como parece, o será).

Do ponto de vista ético, deverá ter o cuidado de não vincular a pesquisa e os resultados nela obtidos, de forma alguma a(s) escola(s) pesquisada(s), procurando manter a integridade de sua imagem e reputação, seja ela positiva ou negativa, observando-se ainda as demais disposições previstas no presente parecer, especialmente em relação aos Termos de Apresentação Obrigatória.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto encontra-se apto do ponto de vista ético, data vênua, sem pendências ou lista de inadequações, desde que observadas as considerações sobre os Termos de Apresentação obrigatória e recomendações indicadas no presente parecer.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305
Bairro: Centro Educacional CEP: 19.060-900
UF: SP Município: PRESIDENTE PRUDENTE
Telefone: (18)3229-5315 Fax: (18)3229-5353 E-mail: cep@fct.unesp.br

Faculdade de Ciências e Tecnologia
Unesp - Presidente Prudente
**COMITÊ DE ÉTICA EM
PESQUISA**

APÊNDICES

APÊNDICE A**Questionário para alunos do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental II.****Nome:** _____ **Ano:** _____**Escola:** _____

Este questionário faz parte de um projeto de pesquisa em Educação, relacionado ao programa de Mestrado da Unesp de Presidente Prudente.

Solicitamos a sua colaboração ao responder às perguntas abaixo, com sinceridade. Não há certo ou errado em suas respostas, pois o que vale é a sua opinião mais verdadeira e espontânea. As respostas contidas neste questionário serão usadas somente nesta pesquisa (Mestrado em Educação da UNESP) e os nomes dos participantes ou das escolas não serão divulgados.

- 1) O que você acha que significa este termo “ *bullying*”?
- 2) Você se lembra de ter assistido a alguma reportagem sobre *bullying* na TV? Qual foi?
- 3) O que você mais se lembra dessa reportagem? Comente de forma breve.
- 4) Sobre a reportagem a que você assistiu e comentou acima, informe em qual emissora (canal) esta foi exibida.

Em que programa: jornal, programa de entrevistas, de entretenimento, de variedades, essa reportagem foi exibida? E há quanto tempo?

- 5) Sobre o assunto abordado na reportagem citada acima, você viu outras reportagens com o mesmo tema? Conte do que se lembra.
- 6) Você gostaria de falar mais alguma coisa sobre *Bullying*?

AGRADECEMOS SUA COLABORAÇÃO!

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ALUNOS

Título da Pesquisa: TV, *BULLYING* E VIVÊNCIAS ESCOLARES – RELAÇÕES POSSÍVEIS

Nome do(a) Pesquisador(a): LUANA SILVIA AUGUSTA MARCÍRIA DOS SANTOS NOGUEIRA

Nome do(a) Orientador(a): MARIA SUZANA DE STEFANO MENIN

Natureza da pesquisa: Esta pesquisa tem como finalidade identificar e analisar o que fica na memória de estudantes do Ensino Fundamental II a respeito de reportagens televisivas de abordagem sobre o *bullying* no ambiente escolar e verificar se as reportagens exibidas influenciam ou não nas concepções dos estudantes sobre as práticas de prevenção ou enfrentamento do *bullying* na escola onde estudam.

Participantes da pesquisa: estudantes de 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental II de uma escola pública e uma privada, no município de Presidente Prudente.

Envolvimento na pesquisa: *O participante tem liberdade de se recusar a participar e a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo pessoal ou para sua escola. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do(a) pesquisador(a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.*

1. **Sobre as entrevistas:** Em um primeiro momento pretendemos aplicar questionários a alunos do 6º ao 9º anos, para verificar de quais reportagens sobre *bullying* no ambiente escolar os mesmos se lembram. Em um segundo momento, serão realizados grupos focais com os estudantes que apontarem, no questionário, reportagens das quais se lembram com essa temática.
2. **Riscos e desconforto:** *a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.*
3. **Confidencialidade:** *todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o(a) pesquisador(a) e o(a) orientador(a) terão conhecimento dos dados.*
4. **Benefícios:** *ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes no campo da pesquisa científica sobre estudos relacionados à educação em valores, uma vez que o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.*
5. **Pagamento:** *você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.*

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs.: Não assine este termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

LUANA SILVIA AUGUSTA MARCIRIA DOS SANTOS NOGUEIRA

MARIA SUZANA DE STEFANO MENIN

Pesquisador: Luana Silvia Augusta Marcíria dos Santos Nogueira – 3229-4622

Orientador: Maria Suzana De Stéfano Menin

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa: Profa. Dra. Edna Maria do Carmo

Vice-Coodenadora: Profa. Dra. Regina Coeli Vasques de Miranda

Telefone do Comitê: 3229-5315 ou 3229-5526- E-mail cep@fct.unesp.br

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEIS

Título da Pesquisa: TV, *BULLYING* E VIVÊNCIAS ESCOLARES – RELAÇÕES POSSÍVEIS

Nome do(a) Pesquisador(a): LUANA SILVIA AUGUSTA MARCÍRIA DOS SANTOS NOGUEIRA

Nome do(a) Orientador(a): MARIA SUZANA DE STEFANO MENIN

Natureza da pesquisa: Esta pesquisa tem como finalidade identificar e analisar o que fica na memória de estudantes do Ensino Fundamental II a respeito de reportagens televisivas de abordagem sobre o *bullying* no ambiente escolar e, verificar se as reportagens exibidas influenciam ou não nas concepções dos estudantes sobre as práticas de prevenção ou enfrentamento do *bullying* na escola onde estudam.

Participantes da pesquisa: estudantes de 6º ao 9º anos, do Ensino Fundamental II de uma escola pública e uma privada, no município de Presidente Prudente.

Envolvimento na pesquisa: *O participante tem liberdade de se recusar a participar e a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo pessoal ou para sua escola. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do(a) pesquisador(a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.*

1. **Sobre as entrevistas:** Em um primeiro momento pretendemos aplicar questionários com alunos do 6º ao 9º anos, para verificar de quais reportagens sobre *bullying* no ambiente escolar os mesmos se lembram. Em um segundo momento, serão realizados grupos focais com os estudantes que apontarem, no questionário, reportagens das quais se lembram com essa temática.
2. **Riscos e desconforto:** *a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.*
3. **Confidencialidade:** *todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o(a) pesquisador(a) e o(a) orientador(a) terão conhecimento dos dados.*
4. **Benefícios:** *ao participar desta pesquisa, o aluno não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes no campo da pesquisa científica sobre estudos relacionados à educação em valores, uma vez que o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.*
5. **Pagamento:** *o estudante não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.*

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que o aluno

possa participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs.: Não assine este termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento para que o estudante participe da pesquisa.

RESPONSÁVEL LEGAL PELO ADOLESCENTE

LUANA SILVIA AUGUSTA MARCIRIA DOS SANTOS NOGUEIRA

MARIA SUZANA DE STEFANO MENIN

Pesquisador: Luana Silvia Augusta Marcíria dos Santos Nogueira – 3229-4622

Orientador: Maria Suzana De Stefano Menin

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa: Profa. Dra. Edna Maria do Carmo

Vice-Coordenadora: Profa. Dra. Regina Coeli Vasques de Miranda

Telefone do Comitê: 3229-5315 ou 3229-5526- E-mail cep@fct.unesp.br